

O Livro de Jó

Sessão 1: Problemas de interpretação e falsas ideias sobre o livro

Por John Walton

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 1: Problemas de interpretação e falsas ideias sobre o livro.

Introdução [00:24-2:06]

Olá, sou John Walton. Eu ensino Antigo Testamento no Wheaton College. Estou aqui há cerca de 15 anos. Antes disso, lecionei no Moody Bible Institute, onde lecionei por 20 anos. Eu fiz meu Ph.D. trabalho no Hebrew Union College em Cincinnati, que me preparou bem para o tipo de coisa que faço. Basicamente, sou um cara de texto; isto é, eu analiso textos, sejam textos hebraicos ou textos do antigo Oriente Próximo. Tento reuni-los para nos ajudar a entender melhor a Bíblia.

Nós vamos olhar o Livro de Jó juntos. O Livro de Jó é um livro muito difícil. É único, não apenas nas páginas do Antigo Testamento, mas em todo o mundo antigo. Não há nada como o Livro de Jó. Embora certamente haja algumas coisas que se sobrepõem a ele em um ponto ou outro.

Vamos tentar entender o livro como um todo, bem como o livro em suas várias partes. Então é nisso que estaremos trabalhando enquanto pensamos juntos sobre o Livro de Jó e o que ele nos oferece.

Então vamos começar. Quero começar falando apenas sobre alguns dos problemas que enfrentamos quando lidamos com o Livro de Jó. Há problemas de interpretação por toda parte e há ideias falsas. Há coisas que as pessoas tendem a pensar no Livro de Jó que as colocam no caminho errado desde o início. Portanto, queremos pegá-los no início desta série e tentar garantir que estamos mirando na direção certa.

O que Jó diz? [2:06-3:32]

O primeiro problema com o qual lidar é o que o livro realmente diz? O hebraico no Livro de Jó é o hebraico mais difícil do Antigo Testamento. Tem sido um problema. Existem

muitas palavras que ocorrem apenas uma vez na Bíblia Hebraica que encontramos no Livro de Jó. Há uma sintaxe difícil. Existem todos os tipos de dificuldades em entender os significados das palavras e seu uso. Então, nossa primeira tarefa é traduzir um livro hebraico muito difícil.

Mesmo quando chegamos ao ponto da tradução, temos que fazer a pergunta sobre a literatura. Como o autor embalou o livro? Como você montou para fazer funcionar? Algumas pessoas pensaram que o Livro de Jó é uma colcha de retalhos, que algumas partes não eram originalmente, e então foi construído gradualmente ao longo do tempo conforme diferentes partes foram adicionadas. E às vezes, eles até pensam que essas partes podem ser contraditórias umas com as outras. Eu não sou dessa opinião. Costumo pensar em Jó como um texto unificado e coerente, mas dá algum trabalho tentar pensar sobre o que ele está fazendo literalmente. Como o autor montou este livro para fazê-lo funcionar? E então, vamos dar uma olhada em alguns deles à medida que avançamos.

Questões filosóficas/teológicas [3:32-4:32]

A próxima coisa com a qual temos que lidar é toda a ideia das questões filosóficas; os pontos teológicos que o livro está fazendo. Estamos bem cientes de que no Livro de Jó, alguns dos oradores estão errados. Eles estão aí para errar. Os amigos de Jó não têm a verdade. Às vezes eles têm um pouco da verdade. Às vezes, eles até têm muito da verdade, mas é inerentemente problemático o que estão fazendo. E assim, temos que ser capazes de escolher: como funciona a teologia do livro? Como faz o que faz? E assim o aspecto filosófico/teológico é muito importante para nós.

Assim que chegarmos lá, temos que passar para o tópico de, ok, tudo bem para a teologia do livro em si, e quanto à teologia cristã - os cristãos hoje? Como devemos ler o livro? O que ela tem a nos oferecer?

Falsas expectativas [4:32-5:42]

Agora, algumas das expectativas equivocadas sobre o livro dificultam a entrega do livro. Algumas pessoas lerão o livro esperando que este seja um livro que lhes fale sobre o sofrimento e como elas podem entender por que estão sofrendo. E eles chegam ao final do livro, leem os discursos de Deus e ficam confusos. O que está acontecendo aqui? E então Jó recupera todas essas coisas e o livro termina.

As pessoas se sentem tão insatisfeitas porque dizem que isso não me disse nada. O que o livro tem a oferecer? Se você for ao livro de Jó, pensando que está obtendo uma resposta para o porquê do sofrimento no mundo ou em sua vida, você está indo pelo motivo errado. E você vai se decepcionar. Não vai te dizer isso.

1) Jó tem provações. Jó não está em julgamento [5:42-7:48]

Então, vamos dar uma olhada em algumas das coisas que o livro faz e não faz. Em primeiro lugar, Jó tem provações. Jó não está em julgamento. Jó acha que está sendo julgado. Seus amigos acham que ele está sendo julgado, mas o livro deixa bem claro desde o início que Jó não está sendo julgado. Afinal, que tipo de julgamento seria quando ele fosse exonerado nos primeiros versos? E quando os personagens principais terminam, continuam insistindo que Jó não é o problema aqui. Portanto, embora Jó tenha provações, ele não está sendo julgado.

Jó pensa que é o réu em um processo criminal, que foi acusado de um delito e que está sendo punido por isso. E assim, ele se sente como réu em um caso em que está sendo julgado. Job tenta mudar isso. Ele tenta fazer com que seja o autor de um processo civil; isto é, ele afirma que foi injustiçado, que foi tratado de forma inadequada e que há alguma compensação que lhe é devida - uma mudança de direção. Então, ele tenta mudar as coisas para que não seja um réu, mas um autor. É uma pequena mudança interessante de estratégia. Mas, na verdade, nenhum dos dois está correto. Nós descobrimos como leitores, e Jó nunca descobre isso, a propósito. Descobrimos, como leitores, que Jó é a principal testemunha da defesa. Então, ele tem um papel diferente do que ele pensa ou as pessoas ao seu redor pensam que ele está. Então, lembre-se que Jó tem provações, mas ele não está sendo julgado.

2) Jó não é sobre Jó. É sobre Deus [7:48-9:31]

O segundo ponto, algumas pessoas começam com este livro e dizem que é um Livro de Jó. E, portanto, eles, compreensivelmente, imaginam que o livro é sobre Jó; que o livro é todo sobre Jó. Não é. O livro é sobre Deus. Jó é um personagem principal. Jó desempenha um papel significativo, mas o livro é mais sobre Deus do que sobre Jó. No final do livro, não importa o que pensamos sobre Jó; importa o que pensamos sobre Deus. Portanto, ao abordarmos o livro, lembre-se de que estamos procurando o que ele tem a nos ensinar sobre Deus, não o que ele tem a nos ensinar sobre Jó.

Não devemos abordar o livro pensando que o trabalho será um modelo, seja um modelo de sofrimento, de paciência, de interação ou de qualquer outra coisa. Jó não é um modelo aqui. Jó está meio que preso em algo maior do que ele mesmo, e suas respostas às vezes são boas, às vezes ruins; às vezes é difícil dizer. Mas este livro não está aqui para que Jó seja um modelo para nós. É um livro de sabedoria, e é para nos dar sabedoria, e a sabedoria é, em última análise, sobre Deus. Então esse foi o ponto número dois; é mais sobre Deus do que sobre Jó.

3) Jó não é sobre a justiça de Deus; é sobre a sabedoria de Deus [9:31-13:05]

Número três, muitas vezes lemos o livro pensando que ele vai nos ajudar a entender como a justiça de Deus funciona no mundo. Que é um livro sobre a justiça de Deus que procura defender a justiça de Deus. E, novamente, eu diria, não, acho que não. Não é isso que está fazendo. Você notará que, no final, quando Deus fala, ele não defende sua justiça. Ele nunca explica o cenário que se desenrola em termos de justiça. Se você está procurando algo para obter algo do livro de Jó que realmente o ajude a entender a justiça de Deus, novamente, você sairá desapontado porque o livro não explica ou defende a justiça de Deus. As acusações de Jó contra Deus dizem respeito à justiça de Deus. Nossas perguntas sobre o sofrimento muitas vezes dizem respeito à justiça de Deus, mas o Livro de Jó não defende a justiça de Deus. Em vez disso, defende sua sabedoria. Este é um livro de sabedoria, não um livro de justiça. Defende a sabedoria de Deus porque é nisso que confiamos.

Se pensarmos que isso defende sua justiça, então nós, a todo momento, estamos tentando justificar, vindicar, de alguma forma explicar, defender. E para tudo isso, precisaríamos ter todas as informações. A justiça não pode ser feita sem todas as informações sobre a mesa. Se ouvimos sobre algum veredicto e um julgamento famoso no tribunal, não adianta sentar e conversar sobre se achamos que a justiça foi feita ou não, se não temos todas as evidências diante de nós. O juiz tem as provas. O júri tem as provas, mas raramente temos. E, portanto, é difícil concluir se a justiça foi ou não feita. E com Deus, nunca podemos ter todas as informações. Não estamos em posição de tentar falar se Deus é justo ou não.

Na verdade, todo esse enquadramento tem problemas. No minuto em que dizemos que Deus é justo, sugerimos que existe alguma categoria externa chamada justiça, e Deus se conforma a ela. Teologicamente, Deus não se conforma com nada porque isso sugeriria a contingência de que de alguma forma há algo fora dele que ele deve medir. E isso não é verdade sobre Deus. Deus não é contingente. Portanto, dizer que Deus é justo pode implicar em um tipo externo de padrão. É melhor dizer que a justiça vem de Deus. Mas, novamente, nunca descobrimos como todos esses critérios funcionam. Então, nesse sentido, o livro não é sobre justiça. É sobre a sabedoria de Deus.

4) Jó não é sofrimento; é sobre como pensar em Deus quando estamos sofrendo [13:05-14:33]

Número quatro, o livro não pretende nos ensinar como pensar sobre o sofrimento. Os sofrimentos são, e não importa em que nível os experimentemos ou observemos, é difícil. Adoraríamos ter explicações, mas este livro não foi feito para nos ajudar a saber como pensar sobre o sofrimento. Ele foi projetado para nos ajudar a saber como pensar em Deus quando estamos sofrendo. Isso é o que realmente precisamos saber. Como respondo a Deus? Nós o culpamos? Ficamos com raiva dele? Nós o ignoramos? Fugimos dele? O que nós fazemos? Como pensamos em Deus quando o mundo está dando errado ao nosso redor? Quando nossas vidas estão indo ladeira abaixo, tudo está indo para o sul; como respondemos a Deus?

Afinal, é fácil pensar: ele deve dar um jeito nisso. É fácil pensar com Jó e seus amigos : nós merecemos isso? Se não, então o que está acontecendo? Novamente, o livro é para nos ajudar a entender como pensar em Deus quando estamos sofrendo. E isso remonta a um ponto que mencionamos anteriormente, de que se trata de Deus, não de Jó.

5) Jó não é sobre obter respostas; trata-se de confiar em Deus [14:33-16:08]

Ponto número cinco, muitas vezes lemos o livro de Jó para tentar obter respostas, respostas que possam explicar nosso próprio sofrimento; respostas que possam explicar o sofrimento que vemos no mundo. Por que o mundo é um lugar tão difícil? E assim, pensamos que o Livro de Jó pode nos dar respostas. Nós esperamos que. Gostaríamos muito de respostas. E assim, vamos ao Livro de Jó, em busca de respostas. É aí que reside o problema, porque o livro é mais sobre confiança do que sobre respostas. Você não precisa confiar se souber todas as respostas. Confiar é nossa resposta a Deus quando não sabemos o que está acontecendo. Quando não conseguimos descobrir as coisas sozinhos, confiar é uma resposta à nossa ignorância e à nossa confusão. É então que precisamos nos voltar para Deus. O Livro de Jó não vai dar respostas. Vai nos chamar para confiar.

6) Jó não é sobre por que ou como sofrer; é sobre a nossa justiça [16:08-17:24]

Finalmente, número seis, o livro é mais sobre o que constitui justiça do que sobre por que sofremos. Lembre-se de que a pergunta colocada sobre a mesa logo no primeiro capítulo é feita a Deus: Jó serve a Deus de graça? É realmente uma pergunta sobre o que motiva a retidão de Jó. Sua justiça realmente resiste ao teste? Afinal, se Jó está se comportando da maneira que ele faz, você sabe, justo, reto, afastando-se do mal, se ele está fazendo tudo isso, só porque espera obter prosperidade e recompensa com isso, então não vai se sustentar quando todos os bons benefícios são retirados; essa suposta retidão vai se dissolver com o vento.

A Mensagem de Jó [17:24-19:12]

Portanto, este é um livro sobre justiça. Não nos diz como sofrer. Ela nos desafia a sermos justos mesmo quando estamos sofrendo. Ela nos desafia a ser justos porque a retidão é o que deve caracterizar nossas vidas. Chama-nos a ser fiéis a Deus porque Deus é Deus,

não porque é generoso. Deus não é uma máquina de venda automática. E assim, a questão aqui no livro é o que motiva as pessoas a serem justas. O sofrimento é simplesmente a maneira pela qual a retidão é testada no Livro de Jó. O sofrimento existe para descobrir se a justiça de Jó é real ou não.

Portanto, quando chegarmos ao final do livro, não deveríamos esperar descobrir por que estou sofrendo? Devemos esperar descobrir: sou realmente justo? Sou justo pelas razões certas em vez das razões erradas? Minha retidão resiste ao teste do sofrimento? É isso que o livro vai nos ajudar a descobrir. Isso é realmente o que está acontecendo com Jó.

Revisão: Seis Pontos [19:12-21:10]

Então, deixe-me revisar esses seis pontos. Jó tem provações, mas não está sendo julgado. O livro é mais sobre Deus do que sobre Jó. O livro é mais sobre a sabedoria de Deus do que sobre sua justiça. O livro não é sobre como pensar no sofrimento, mas como pensar em Deus quando estamos sofrendo. O livro é mais sobre confiança do que sobre respostas. E o livro é mais sobre o que constitui justiça do que sobre por que sofremos. Esses seis pontos nos ajudarão a deixar de lado falsas concepções, equívocos e falsas expectativas que possamos ter no Livro de Jó. Essas seis perguntas nos ajudarão a focar no que o livro realmente está fazendo. Seremos capazes de ver mais claramente como ele está fazendo essas coisas. Expectativas são importantes. Se criarmos falsas expectativas da vida, uns dos outros, de Deus, do mundo; se criarmos falsas expectativas, certamente ficaremos desapontados. Então, precisamos pensar como Deus realmente opera, e o Livro de Jó pode nos ajudar nisso. Então, vamos olhar juntos suas páginas para tentar entender a mensagem do livro.

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o livro de Jó. Esta é a sessão 1: Problemas de interpretação e falsas ideias sobre o livro. [21:10]

O Livro de Jó
Sessão 2: Data e Autoria
Por John Walton

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 2, Data e autoria.

Sem livros e autores [00:21-1:37]

Vamos passar alguns momentos falando sobre a data e autoria do Livro de Jó. Agora, mesmo quando apresento essa linha, temos problemas. Muitas vezes tentamos olhar vários livros da Bíblia para perguntar sobre a data e a autoria do livro. Aqui está o problema: não há livros no mundo antigo e não há autores no mundo antigo. O mundo antigo não é nada parecido com o nosso mundo. Não existe realmente um autor que escreve um livro. Em vez de autores, temos figuras de autoridade que falam; e temos escribas que escrevem. E, claro, eles não escrevem livros. Eles escrevem documentos, talvez um documento registrado em uma tabuinha de argila ou em papiro ou algo do tipo, até mesmo em tabuinhas de cera. Portanto, não temos livros nem autores no mundo antigo.

Cultura Auditiva Dominante [1:37-2:45]

O mundo antigo é um mundo de audição dominante. Por audição dominante, quero dizer que eles estão acostumados a receber suas informações por meio da fala e da audição. Isso é normal para eles. Na verdade, palavras de autoridade vêm dessa forma. Uma mensagem falada e ouvida para eles carrega mais autoridade do que um texto escrito. Não é apenas como pensamos. Os autores de hoje, é claro, têm propriedade intelectual. Tem direitos autorais. Não há nada assim no mundo antigo. E assim, o que temos é um mundo muito diferente. Quando começamos perguntando sobre autores e livros, já

forçamos a conversa para o nosso mundo, em vez de estarmos no mundo ao qual ela pertence.

Voz autoritária [2:45-4:13]

Então, de certa forma, estamos fazendo as perguntas erradas. A maioria dos livros do Antigo Testamento não começou como livros. Claro, devo corrigir que a maior parte do que chamamos de livros no Antigo Testamento acabou chegando até nós como livros, mas eles não começaram como livros. Eles começaram como discurso oral. Eles começaram então, alguns deles como documentos, relatos individuais, profecias individuais e salmos individuais, em documentos. Eles não começam com alguém sentado para escrever um livro. E, no entanto, o que eventualmente se torna um livro ainda está firmemente ligado às figuras de autoridade que iniciaram esse processo comunicativo. Mas, às vezes, pode ter sido transmitido por séculos antes de ser realmente compilado nos livros que temos. No entanto, mesmo assim, os livros preservam aquela voz autoritária do passado. Assim, os livros vêm no final do processo, não no início do processo. Não começa com o livro. Termina com o livro.

Jó como um livro [4:13-4:55]

Dito isto, Jó pode ser uma das exceções. Digo isso porque há muita coisa no livro de Jó que parece ser uma construção literária. Ou seja, foi montado como uma peça inteira, não apenas como a fala de um amigo e a fala de outro amigo que são mantidas separadas ou algo assim. Todos estes trabalham juntos. Assim, pode ser que Jó seja um dos poucos ou o único livro do Antigo Testamento que realmente parece ter começado como um livro.

Escrevendo em uma cultura de audição dominante [4:55-6:44]

Agora, é claro, podemos ter a tradição de Jó, a história de Jó e a narrativa que pode ter existido antes. Lidaremos com algumas dessas coisas à medida que avançamos. Mas o livro é uma peça de literatura altamente composta. E então, precisamos levar isso em consideração. Agora, no mundo antigo, eles não estavam presos à moralidade, fala e audição porque eram analfabetos. Certamente, as pessoas provavelmente aprenderam a

escrever pelo menos o nível básico. E há outros, é claro, que eram bastante alfabetizados, por treinamento e por sua profissão - especialmente escribas. Mas no mundo antigo, as pessoas não precisavam escrever. Eles não precisavam ler. Era uma cultura predominantemente auditiva e, portanto, nada na cultura dependia de eles lerem ou escreverem. Isso significa que, mesmo que tenham aprendido um pouco, nunca o usaram. É como algumas pessoas hoje que podem estudar uma língua estrangeira quando estão no ensino médio e depois nunca a usam. E embora eles tenham estudado isso, e talvez isso lhe faça algum bem em algum lugar ao longo da linha, eles não se lembram disso. Eles perdem depois de um tempo. Não é algo que eles realmente consigam trabalhar nesse idioma. Acho que é muito parecido com a leitura e a escrita no mundo antigo. Eles podiam fazer algumas coisas básicas, mas o funcionamento da sociedade e da cultura não dependia de as pessoas saberem ler e escrever. Só dependia de algumas pessoas saberem fazer isso.

Papel dos escribas [6:44-7:51]

Hoje, muitas pessoas têm uma compreensão básica dos requisitos legais de nossa sociedade, mas não são advogados. Eles entendem que se precisam de algo realmente sério, precisam ir a um advogado e fazer um documento. Eles não fariam isso sozinhos. E assim, no mundo antigo, eles tinham escribas. E quando eles realmente precisavam de algo escrito, o que não era tanto quanto nós, eles contratavam um escriba para fazê-lo. Os documentos que foram escritos não eram acessíveis, mesmo se você pensar em algumas das tradições narrativas dos israelitas sendo escritas mais cedo do que mais tarde. Se fossem, teriam sido escritos, e estão nos arquivos dos escribas, e ninguém tem acesso a eles. Ninguém tira um livro da biblioteca para lê-lo. Simplesmente não funciona assim. Portanto, mesmo que sejam escritos em documentos, os escribas praticam seu trabalho copiando-os, coisas desse tipo.

Jó como uma construção literária [7:51-8:44]

Portanto, é uma cultura muito diferente e uma cultura predominantemente auditiva. Os discursos no Livro de Jó são discursos altamente letrados. Isso nos atinge imediatamente; esses não são os tipos de coisas que muitas pessoas poderiam falar de improviso. É uma prosa muito floreada e, às vezes, uma espécie de poesia. Mas é um nível sofisticado de linguagem. Provavelmente existem algumas pessoas que podem falar assim de improviso, mas não com muita frequência. E assim, tendemos a pensar nos discursos do Livro de Jó como construções literárias. Voltaremos a essa questão mais adiante.

Eventos de Job [cedo]; Escrita de Jó [final] [8:44-10:58]

Portanto, não estamos realmente falando sobre a data da autoria e do Livro de Jó. Se autor e livro não são rótulos muito aceitáveis para usar no mundo antigo, gostaríamos de saber um pouco sobre como o livro surgiu. Bem, outra coisa que temos que entender é que não temos que pensar que o livro foi escrito na época em que Jó viveu. Existem alguns indicadores no livro de que Jó vive em um período anterior, e não posterior, em termos da sociedade ao seu redor. Mas também há indicações no livro de que o foco literário do livro é posterior e não anterior. Isso nos leva a pensar que mesmo que Jó seja datado como pessoa em um período muito antigo, isso não significa que o livro foi escrito naquele período inicial ou composto; vamos usar essa palavra como neutra, composta naquele período inicial. A pessoa pode estar adiantada e a composição pode estar atrasada. Então, só porque vemos certos indicadores no Livro de Jó de que ele pode ter sido de um período antigo, isso não significa que o livro seja um produto antigo.

Então, quando olhamos os detalhes do livro, encontramos algumas coisas muito pequenas. Por exemplo, fala sobre uma unidade de dinheiro que *kesitah* e só conhecemos essa unidade de dinheiro em períodos anteriores. Esse é um item muito pequeno, especialmente porque estamos lidando com uma situação fora de Israel, mas aí está. O livro também fala sobre alguns dos grupos invasores como Caldeu e Sabeu. E em algumas das pesquisas feitas sobre a história do período, isso parece sugerir um período anterior e não posterior.

Jó não é israelita, mas o livro foi escrito para os israelitas [10:58-12:43]

Alguns pensaram que o livro deve ser antigo, ou seja, pré-Sinai antes de Moisés, porque não há menção de aliança, lei ou templo. É verdade. Essas coisas não são mencionadas. Além disso, vemos Jó agindo como um sacerdote patriarcal. Ele serve como padre para a família, e isso parece ser um problema anterior.

Mas, considerando por um momento o livro, fica muito claro que Jó não é um israelita. Se Jó não fosse um israelita, não esperaríamos aliança, lei ou templo. Em outras culturas e outras sociedades fora de Israel, seria muito apropriado em uma cultura tribal que o patriarca atuasse como sacerdote. Essas coisas realmente não nos ajudam a identificar a data. Eles apenas nos ajudam a ver que não é com um israelita que estamos lidando. Jó é da terra de Uz. E falaremos um pouco sobre onde fica e se sabemos onde fica. Mas deixa claro que ele não é um israelita. E se ele não for israelita, esses detalhes não significam nada.

Por outro lado, curiosamente, o livro foi escrito para os israelitas, e podemos detectar isso; chegaremos a isso um pouco mais tarde, em uma palestra posterior. Podemos detectar essa orientação israelita, mesmo em um livro focado em um personagem não-israelita.

Data da Composição [12:43-13:12]

Assim, a data de composição do livro é provavelmente uma data diferente da data dos eventos. E, portanto, não podemos dizer a data do livro pelos eventos. Se realmente é um livro focado nos israelitas, então esperamos que seja mais tarde do que antes. E assim, estaremos olhando para algumas dessas questões.

Jó como um livro de sabedoria: verdades duradouras [13:12-14:43]

Dito tudo isso, devemos lembrar que o livro de Jó é um livro de sabedoria. Não se destina a ser apenas a história de alguém. Destina-se a ser um livro de sabedoria. E a própria natureza da literatura de sabedoria é que as verdades são atemporais. Esse é o ponto da sabedoria de que essas são verdades das quais qualquer pessoa, a qualquer momento, pode se beneficiar. E assim, realmente temos que reconhecer que, no final, não

importa se pensamos nisso como oral ou escrito, se pensamos nisso como um livro ou uma compilação de documentos, se pensamos nisso em termos literários ou em termos retóricos, se pensamos nisso como israelita ou não-israelita, cedo ou tarde, não faz diferença. Estamos lendo o livro por seu ensino de sabedoria. Nisso reside a autoridade do livro. E é nisso que vamos focar - o ensinamento da sabedoria. E podemos seguramente deixar de lado a questão da data e autoria como não tendo, não fazendo diferença em como lemos o livro em si.

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 2: Data e autoria. [14:43]

O Livro de Jó

Sessão 3: Trabalho como um livro com autoridade e inspiração

Por John Walton

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 3, Trabalho como um livro com autoridade e inspiração.

Perguntas introdutórias [00:24-1:06]

Então, aqui está o problema, se muito do que os amigos de Jó dizem está errado, e se até mesmo algumas das coisas que o próprio Jó diz estão erradas, como podemos falar sobre o livro como verdadeiro? Como o consideramos ter autoridade? Como isso vem de Deus? Portanto, precisamos falar um pouco sobre Jó como um livro com autoridade - Jó como um livro inspirado. Então, vamos ver o que temos aqui.

Inspiração: Deus como sua fonte [1:06-1:58]

Em primeiro lugar, precisamos entender nossos termos. Quando falamos de inspiração, queremos dizer que o livro tem sua fonte em Deus. A inspiração não implica algum tipo de voz sussurrante no ouvido ou pensamentos plantados na mente. A inspiração indica que a fonte é Deus. Isso é, claro, o que o Novo Testamento quer dizer quando fala sobre a palavra de Deus como sendo inspirada por Deus. Sua fonte é Deus. Então, é isso que queremos dizer com inspiração. Não precisamos pensar que Deus está de alguma forma sussurrando os pensamentos errados nos ouvidos de Elifaz, Zofar ou Bildade. Então, é inspiração – autoridade.

Autoridade e nossa resposta submissa [1:58-2:53]

Autoridade significa que o livro fornece informações nas quais podemos confiar. É com isso que a autoridade tem a ver. Autoridade indica que o livro tem o direito de falar. E, claro, isso é por causa de sua inspiração. Em virtude da inspiração de Deus, o livro tem o direito de falar, e isso lhe dá uma posição de autoridade. Mas não só tem o direito de

falar. Está certo no que fala porque é uma autoridade boa, não uma autoridade ruim. Portanto, fornece informações nas quais podemos confiar e às quais precisamos nos submeter. É assim que você responde com autoridade.

Revelação e discernimento da mensagem de sabedoria [2:53-5:19]

Também falamos sobre o livro como revelação. Chamamos a Bíblia de revelação de Deus sobre si mesmo. E isso significa que achamos o livro verdadeiro e confiável, o mesmo tipo de coisa de que falamos com as outras palavras. Também nos diz o que o livro está fazendo e o que não está fazendo. Pense novamente em nossa discussão sobre o que o livro não está fazendo. A ideia de que esta é a revelação de Deus sobre si mesmo significa que vamos encontrar a autoridade do livro na revelação que ele nos dá. É a revelação nessa mensagem, que está sendo afirmada por meio da literatura de sabedoria que ela contém. E assim, sua revelação e sua autoridade estão atreladas à mensagem de sabedoria mais do que à própria narrativa nos discursos. Temos que discernir a mensagem porque a maior parte do livro é um pensamento equivocados. Está aí para ser um pensamento equivocados. Assim, ao ver a maneira errada de pensar, temos a chance de tentar identificar a maneira certa de pensar.

Então, precisamos identificar o que é que o livro afirma como verdadeiro. Nem tudo no conteúdo do livro afirma algum tipo de verdade ou mensagem verdadeira. Temos que discernir isso como leitores cuidadosos. É o que os intérpretes fiéis sempre fazem; descobrir qual é a afirmação do texto. Não se pode contar com os amigos de Jó como falando a verdade, embora às vezes o façam. E às vezes, a falsidade do que eles dizem é apenas uma sombra da verdade. Afinal, essas são as falsidades mais eficazes, aquelas que tanto se parecem com a verdade. Mas, da mesma forma, não se pode confiar que o antagonista celestial fale a verdade. Novamente, às vezes ele faz. Nós vamos falar sobre isso.

A autoridade não está em sua historicidade [5:19-6:37]

Talvez um ponto mais difícil, e quero que você pense sobre isso com cuidado, é que a autoridade do livro não está ligada ao fato de ser um relato preciso de eventos reais em um passado real. Isso não é apresentado como verdade por meio da narrativa. É apresentado como verdade através da sabedoria. Isso não significa que apenas assumimos que a narrativa é falsa ou que nunca aconteceu, mas temos que pensar com cuidado. A autoridade não está em sua historicidade, porque este não é esse tipo de livro. A verdade não depende de sua historicidade, se os eventos realmente aconteceram, se são realmente eventos de um passado real. A verdade não depende disso. Isso não significa que eles não aconteceram, mas apenas temos que pensar nisso com cuidado. E, no final, o que temos que nos interessar é a autoridade do livro.

Semelhante às parábolas de Jesus [6:37-7:41]

E o livro está afirmando um ensinamento de sabedoria mais do que afirmando um evento narrativo; temos que estar cientes disso. É o que acontece com as parábolas de Jesus. São narrativas, mas Jesus não as apresenta como eventos reais de um passado real. Eles têm um realismo sobre eles, mas geralmente também têm alguns elementos irrealistas que fazem a parábola funcionar, um cenário realista, mas algumas coisas incomuns e até estranhas que acontecem. Isso é o que torna a parábola viável. Encontramos a mesma coisa aqui com Jó. Não estou sugerindo que seja uma parábola, mas, da mesma forma, são como parábolas que não dependem de eventos reais. É muito realista em alguns aspectos e muito irreal em outros. E falaremos mais sobre isso à medida que prosseguirmos.

Autoridade em sua mensagem de sabedoria [7:41-10:03]

Assim, a autoridade não está na historicidade e a verdade não depende da historicidade. A autoridade está na mensagem de sabedoria do livro, independentemente de até que ponto esses são eventos reais em um passado real. A sabedoria chega a uma verdade mais profunda do que os próprios eventos. A sabedoria busca uma verdade que não necessariamente pode ser observada apenas no desenrolar dos eventos. Podemos ver as

coisas acontecerem em nossas próprias vidas, e aí os eventos estão diante de nós. Mas o que fazemos com eles? Como pensamos sobre eles? Como respondemos aos eventos em nossas vidas com sabedoria?

A sabedoria não vem automaticamente com o desenrolar dos eventos. A sabedoria vem quando olhamos além do evento, olhamos profundamente para o evento e olhamos além do evento para entender a verdade que precisamos ver; a sabedoria que podemos obter. E nesse sentido, a sabedoria transcende os acontecimentos. E assim como a sabedoria das parábolas de Cristo transcende os eventos que ele reúne para suas histórias, também vamos descobrir que isso é verdade no Livro de Jó. A sabedoria chega a uma verdade mais profunda. Há verdade nas ideias, verdade que precisamos entender nas ideias que o livro apresenta, coisas que não se veem. E em vez de estar ligado ao que pode ser visto, esse é um tipo de verdade que a sabedoria alcança além de nossa visão imediata. E então temos que olhar para essas ideias que o livro está apresentando. É aí que a autoridade do livro é investida.

Conhecendo a Deus [10:03-12:03]

Deixe-me dar-lhe outro pensamento. Falamos sobre isso como a revelação de Deus sobre si mesmo. No final, porém, a revelação que recebemos neste livro é um pouco mais sobre como Deus trabalha e não funciona. Ele nos dá apenas informações limitadas sobre quem é Deus. Isso é um problema, não é que nós temos? Queremos conhecer a Deus e sentimos que podemos conhecê-lo por meio das páginas das Escrituras. Mas ainda assim sentimos que, antes de tudo, temos dificuldade em penetrar para realmente conhecê-lo porque não é o mesmo que nossos relacionamentos com as pessoas que encontramos todos os dias e interagimos.

E assim, sentimos que existem alguns obstáculos. O maior obstáculo de todos é que ele é Deus, e nós não. E, portanto, ele não pode ser conhecido por nós muito profundamente. Podemos conhecê-lo na medida em que ele se revelou, mas seus caminhos não são os nossos. E assim, não podemos saber tudo sobre ele. Quanto mais pensamos que Deus é totalmente conhecido por nós, provavelmente na mesma medida em que o fizemos à

nossa própria imagem. Portanto, temos que reconhecer que existem limitações no conhecimento de Deus que podemos alcançar.

Bíblia e ilustração do programa de estudos do Apocalipse [12:03-14:23]

Ele revelou o que está fazendo e, ao fazê-lo, revelou partes de si mesmo que podemos conhecer. Deixe-me dar-lhe uma ilustração. Quando elaboro um plano de estudos e o entrego aos alunos, estou revelando algo a eles. Estou revelando meus planos para o curso, meus propósitos no curso e estou revelando a eles como se espera que participem do curso. Na verdade, para tornar-se parceiros nesta experiência de aprendizagem. Essas são coisas importantes, e é para isso que serve um syllabus: revelar meus planos e propósitos para que eles possam participar como parceiros ativos. Agora, se eles estiverem muito atentos ao currículo, podem discernir ou inferir algo sobre mim como professor, como pessoa e como professor. Eles podem até entender se sou organizado ou não, se tenho talento para design ou não. Eles podem dizer algumas coisas sobre mim a partir desse programa. E nesse sentido, o syllabus está tentando revelar um pouco de mim, ao mesmo tempo em que foca em meus planos e propósitos.

Acho que há um benefício em pensar na Bíblia um pouco como um programa de estudos. Em suas páginas, Deus revelou seus planos e propósitos, seu reino e que papel temos nesse reino. Ele nos deu o suficiente para participar de seu trabalho, para sermos parceiros dele. Ele nos fez à sua imagem para sermos parceiros dele em um processo. E assim, ele nos deu o suficiente para saber o que precisamos fazer para participar de seus planos e propósitos. Ao longo do caminho, podemos aprender muito sobre sua pessoa, mas há mais limitações aí.

Resumo [14:23-15:17]

Então, ao pensarmos no livro de Jó e na revelação que ele nos oferece, entendemos que ele nos oferece informações sobre a obra de Deus, como ele faz as coisas e como ele quer que pensemos sobre ele, mas não vai dar todas as explicações de por que Deus faz o que faz e nos dá essa visão privilegiada do raciocínio de Deus. Teremos que fazer essas distinções à medida que avançamos. Então, temos um livro que faz parte da palavra

inspirada de Deus. Tem sua fonte em Deus. Temos um livro que fala com autoridade no que afirma - sua mensagem de sabedoria. E espera-se que nos submetamos a essa autoridade.

Implicações da autoridade e nossa submissão a ela [15:17-16:20]

Uma vez que aceitamos a Bíblia como autoridade, não podemos nos permitir o luxo, a liberdade de escolher. Para dizer, bem, vou aceitar esse papel e não vou aceitar esse papel. Afinal, não temos a liberdade, por exemplo, de responder aos nossos governos dizendo, vamos pagar essa parte do imposto, mas não aquela parte. Estamos sob autoridade. E uma vez que discernimos a mensagem autorizada, estamos comprometidos em nos submeter a essa mensagem como uma peça inspirada que tem autoridade. E nos revela um pouco sobre como Deus faz e não faz. Esse é o tipo de mensagem de sabedoria que é afirmada para nós no Livro de Jó. E queremos entender tudo o que pudermos.

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 3, Trabalho como um livro com autoridade e inspiração. [16:20]

O Livro de Jó

Sessão 4: Gênero e Estrutura e a Natureza da Sabedoria

Por John Walton

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 4, Gênero e Estrutura e a Natureza da Sabedoria.

Introdução [00:24-00:57]

Bem, chegou a hora de falarmos sobre o gênero do Livro de Jó e sua estrutura. Então, aqui está o que temos que pensar: este livro é real? Algumas pessoas responderiam a essa pergunta perguntando: é história ou ficção? Acho que é uma falsa dicotomia. Essas são as duas únicas opções sobre a mesa.

Importância do gênero [00:57-4:16]

E assim, temos que pensar sobre o que o livro está fazendo e como está fazendo. Agora é uma questão de gênero, mas temos que entender que gênero é uma coisa complicada. O gênero nos ajuda a saber como ler um livro. Você sabe, se estivéssemos lendo um mistério, nós o leríamos de maneira diferente do que se estivéssemos lendo uma biografia. Se estamos lendo um editorial, é diferente de ler uma história em quadrinhos. Lemos as coisas de maneira diferente quando entendemos seu gênero. Mas o que o gênero faz ou uma identificação de gênero posiciona uma peça de literatura em uma comunidade de literatura semelhante. Identifica as coisas que lhe são semelhantes e, ao fazê-lo, dá-nos estratégias de leitura que partem do grupo como um todo. Isso significa que para que uma identificação de gênero seja significativa, temos que ter outros membros no conjunto, caso contrário, realmente não nos ajuda a ler. É aí que encontramos alguns problemas com Jó. Por um lado, podemos identificá-lo facilmente como literatura sapiencial. Essa é uma categoria ampla, mas sabemos que existem muitos gêneros diferentes de literatura de sabedoria. Provérbio, um provérbio é um gênero de literatura de sabedoria. Isso é muito diferente de um diálogo; poderia haver um diálogo de sabedoria. E assim, dizer que é literatura de sabedoria nos dá uma

categoria ampla e nos dá algum senso de expectativa, mas não nos dá realmente uma estratégia per se.

E é aí que encontramos um problema com o Livro de Jó. Não há nada como isso. Não há comunidade de literatura além do amplo escopo da sabedoria. É verdade, quero dizer, temos peças de literatura que são diálogos e Jó tem alguns diálogos nela. Temos peças de literatura que são hinos de sabedoria, e Jó tem um hino de sabedoria. Temos peças de literatura que são discursos, e Jó tem alguns discursos. Então, tem pedaços de gêneros que conhecemos de outras peças.

Mas quando você olha para o Livro de Jó como um todo, não há nada parecido. Existem outros livros que tratam do sofrimento inocente no mundo antigo, mas eles não são nada parecidos com Jó. Então, como resultado, temos vários gêneros dentro do livro. Temos vários cenários semelhantes no antigo mundo do Oriente Próximo, mas realmente não temos nada parecido com o Livro de Jó, o que significa que estamos um pouco sozinhos fora dessas categorias gerais que podemos tratar.

Jó como um experimento mental [4:16-5:57]

É literatura de sabedoria e pode nos guiar em muitas de nossas questões sobre estratégia de leitura. Uma forma de literatura de sabedoria, e é a que eu gostaria de propor, é a forma de experimento mental. Em um experimento mental, você propõe um cenário. É um cenário cuidadosamente construído para ter todas as características necessárias para que uma questão seja explorada. Novamente, descobrimos que Jesus faz isso nas parábolas. As parábolas não são um relato, uma narrativa, sobre eventos reais. São eventos que, em alguns sentidos, poderiam ter sido reais, mas em outro não são. Os detalhes são reunidos de uma maneira particular para nos ajudar a pensar sobre um problema. Então, uma parábola é uma forma de experimento mental.

Não acredito que Jó seja uma parábola, mas acho que é outra forma de experimento mental. Em um experimento mental, é uma espécie de cenário hipotético. E se tivéssemos esse tipo de situação? O ponto não é afirmar que os eventos no experimento mental

realmente aconteceram , mas eles extraem sua força filosófica de sua natureza realista do dispositivo imaginativo.

Empurrando extremos [5:57-7:28]

Pense nisso, e realmente poderia acontecer, mas isso é mais extremo. Tudo é extremo no Livro de Jó. Notaremos que tudo está tão esticado ao extremo quanto possível. São esses extremos que fazem o livro funcionar. Se Jó fosse menos justo, ele é bastante bom na maioria das vezes, então o livro não funcionaria porque você poderia dizer: "Oh, ele fez algumas coisas erradas", e esse poderia ser o problema. fossem menos dramáticos, se tivesse ocorrido gradualmente ou realmente não fosse tão completo, abrangente, poderíamos dizer: "Bem, ele está sofrendo um pouco. Todo mundo sofre um pouco." E, você sabe, poderíamos explicar isso talvez. Um pouco de comportamento não justo e um pouco de sofrimento, e bem, esse é o mundo que muitas vezes enfrentamos. Mas não, não, em o Livro de Jó, tudo é puxado para o extremo mais distante. Para que nenhuma resposta fácil seja deixada sobre a mesa, veja, essa é a estratégia. Remova todas as respostas fáceis e você terá que lidar com a ideia filosófica, o ponto de sabedoria.

Jó como uma construção literária [7:28-11:21]

A questão sobre se os eventos são reais é equivocada. Eles são quase montados para serem surreais, mas reais o suficiente, mas mais, mais extremos do que poderíamos imaginar. Agora, vamos pensar um pouco sobre isso. Se for um experimento mental, pelo menos em algumas partes do livro, teríamos que chamá-lo apenas de construção literária, em vez de um evento real, uma construção literária.

Agora, há algumas partes do livro que todos há muito concordam que são construções literárias. As falas dos amigos, as pessoas não falam assim, só de improviso. As pessoas não falam casualmente nessa linguagem altamente elevada. Mesmo alguns de nossos melhores retóricos não falam dessa maneira. E além disso, mesmo que tivessem, mesmo que você pudesse dizer, bem, no mundo antigo eles tinham, e esses eram caras realmente espertos e etc, etc, não há estenógrafo. Eles não têm estenógrafos no mundo antigo para

sentar lá e anotar tudo. As falas dos amigos são uma construção literária. Todo mundo reconheceu isso.

Mas você vê o que isso faz? Assim que identificamos alguma parte do livro como uma construção literária, temos que fazer a pergunta: até onde isso vai? Quanto disso é uma construção literária e quanto pode ser apenas um registro de eventos? Onde você desenha a linha? E uma vez que você reconhece que algumas partes do livro são uma construção literária, não importa onde você traça a linha porque uma construção literária é aceitável em um experimento mental.

Agora eu acredito que Jó era uma pessoa real em um passado real que ele se tornou bem conhecido no mundo antigo como uma pessoa realmente boa que teve eventos realmente desesperadores sobre ele. Costumo pensar que ele realmente é essa pessoa. Mas acho que essa história sobre ele é um experimento mental usando essa pessoa conhecida para investigar um conceito de sabedoria. Assim, tomo a forma básica da narrativa. Não, não devo dizer que o conteúdo básico e a narrativa, ou seja, a vida de Jó, o justo sofrimento de um homem, são uma espécie de âncora histórica em um passado real. Mas acho que a maior parte do livro é um experimento mental, uma construção literária. Mais uma vez, o uso de extremos e as questões filosóficas que são trazidas à mesa servem para mostrar o ponto.

As palavras de Deus em um experimento mental [11:21-12:53]

Agora, talvez você esteja lutando com essa ideia. Continue pensando nisso. Talvez você não esteja, mas talvez meu próximo passo seja ainda mais difícil de engolir. Então, pense comigo, se o livro, em sua maior parte, é um experimento mental, uma construção literária, isso também vale para as falas de Deus? Este também é um autor inspirado, colocando palavras na boca de Deus para tratar do assunto em questão? E o que isso diz sobre a cena inicial no céu? Isso também é uma construção literária? Isso também foi projetado para criar uma situação extrema? Pode ser importante pensar dessa maneira. Estou propondo que você pelo menos pense nisso nesses termos. Lembre-se, a verdade do livro está em seu ensinamento de sabedoria, isto é, o que está sendo afirmado. A

verdade do livro não exige nada no plano da historicidade. É um livro de sabedoria. E se for um experimento mental. É pintado em extremos.

Benefícios de ver Jó como um experimento mental [12:53-14:40]

Aqui está a vantagem de pensar até mesmo na cena do céu como parte do experimento mental da construção literária. Isso nos ajudará a evitar o problema significativo de pensar que é assim que Deus realmente opera. Se este é um experimento mental, estou apenas dizendo: e se tal cena no céu se abrisse? E se esta for a forma em que a conversa ocorreu? Tudo isso é para configurar o cenário para Jó. Você vê como isso evita certas coisas com as quais os leitores geralmente lutam no livro? Isso não pretende transmitir a imagem de um Deus que faz uma aposta com o diabo; para algumas pessoas, tem sido um problema real pensar que Deus trabalharia dessa maneira. Algumas pessoas olham para o livro, olham para suas vidas e dizem: "Talvez Deus e Satanás estejam conversando sobre mim. Talvez minhas experiências sejam devido a alguma aposta divina". Não é isso que devemos obter deste livro. Essa não é uma opção em cima da mesa. Não é isso que este livro está fazendo. Estas são questões obviamente complicadas e complexas para nós pensarmos. Mas pense nisso.

O livro não é sobre Discussões Celestiais [14:40-15:47]

O ensino do livro não está vinculado à realidade dos acontecimentos. O ensino do livro é construído a partir do cenário literário que é traçado. E se for um experimento de pensamento, houve muita criatividade para definir esse cenário. Apenas tente. Apenas tente para que as respostas fáceis fiquem fora de questão e haja espaço para discussão sobre como devemos pensar sobre o mundo e o que Deus faz ou não faz. Não quero dizer o que ele faz ou deixa de fazer em uma sessão no céu, mas como pensamos sobre Deus e sua responsabilidade pelo sofrimento ou como ele não é responsável pelo sofrimento? Como pensamos sobre o papel de Deus nos eventos que encontramos no mundo? Não é sobre o que acontece nas discussões celestiais.

Estratégia Retórica: Estrutura e o Hino da Sabedoria [15:47-20:20]

Então, com esse tipo de ideia de experimento mental em mente, queremos falar sobre como o livro realiza seu ensino. Isso é o que chamamos de estratégia retórica. Ele fala sobre como o livro é apresentado literalmente. A estrutura do livro é bem fácil de identificar. Tem um efeito sanduíche. Temos um prólogo em prosa com a cena no céu e as experiências de Jó. Temos um epílogo em prosa onde Deus restaura Jó. Então, esses são os dois suportes para livros.

Bem no meio do livro, temos um hino à sabedoria. Muitas pessoas se perguntam sobre esse hino à sabedoria. Em uma leitura casual, pode-se facilmente pensar que é Jó falando. Jó está falando no capítulo 27. O capítulo 28 é o hino à sabedoria. E no capítulo 29, Jó está falando. Ele não apresenta um novo orador em 28. E assim, algumas pessoas assumem que é apenas Jó falando diretamente.

Mas há um problema. A seção que termina em 27 é a seção de diálogos do livro. A seção que começa em 29 é a seção de discurso do livro. Este hino à sabedoria está diretamente entre eles. Na verdade, ele fornece uma transição da seção de diálogo para a seção de discurso. O que descobrimos, quer estejamos olhando na seção de diálogo ou na seção de discurso, é que em nenhum lugar Jó tem o tipo de perspectiva que é representada no capítulo 28. O hino à sabedoria tem uma posição, uma perspectiva e uma visão que Jó não tem como pessoa nem antes nem depois. Portanto, está realmente deslocado na boca de Jó.

A alternativa, que muitos adotam e com a qual concordo, é que no hino à sabedoria do capítulo 28, o narrador volte a atuar. Aquele que nos deu o epílogo, desculpe, o prólogo e o epílogo, que montou a cena e a levou à conclusão, voltou para o meio. E ele volta depois que terminamos o diálogo entre Jó e seus amigos.

Essa é a seção de diálogo que começa no capítulo três e vai até o capítulo 27. Com Jó e seus amigos meio que conversando alternadamente, e tudo isso diminui, os discursos ficam mais curtos. E na última, Zofar nem tem o que dizer. Ele fez o seu ponto. Ele acabou. O de Bildade é muito curto. Eles meio que perderam o fôlego no diálogo.

Lembre-se, este diálogo deveria estar ocorrendo entre as pessoas mais sábias conhecidas no mundo antigo, e você chega ao fim e o hino à sabedoria de uma forma muito elaborada e eloquente basicamente diz: "Isso é tudo que você tem? É isso? Você acha que isso é sabedoria? Você nem arranhou a superfície."

E o livro então, nesse hino à sabedoria, desvia nossa atenção do que parece ser uma discussão sobre justiça. E diz: "Não, você está perdendo. Você está perdendo completamente. É sobre sabedoria." Assim, o hino à sabedoria, acredito, desempenha um papel muito significativo no meio do livro, pois nos faz a transição do diálogo para o discurso, pois mostra que realmente a seção de diálogo não conseguiu nada, pois traz um narrador de volta a uma espécie de mova-nos para a próxima parte. E isso nos ajuda a ver qual é realmente o problema. Voltaremos a isso mais adiante.

Diálogos e Discursos [20:20-23:30]

Então, temos nosso prólogo e epílogo. Temos o hino à sabedoria no meio e, em seguida, as seções principais são o diálogo e o discurso. O diálogo vem em primeiro lugar. É aqui que encontramos Jó e seus amigos discutindo as questões. E assim, temos Elifaz e Bildade, e Zofar, cada um fazendo discursos, com Jó respondendo a eles. Essa é a seção de diálogo. Começa com o lamento de Jó no capítulo três e continua com o discurso de Elifaz no capítulo quatro e vai até o capítulo 27, depois com o hino à sabedoria e depois com os discursos.

Os discursos são diferentes dos diálogos porque não se trocam. E então, aqui, são apenas três personagens fazendo discursos. Jó faz seus discursos em 29 a 31, Eliú faz seus discursos em 32 a 37, e então Yahweh faz discursos e isso preenche a seção de discurso. Então, temos os diálogos e os discursos, que contêm muito do conteúdo bruto do livro. E então o epílogo encerra tudo. Agora, acho que essa estrutura nos ajuda a entender a estratégia retórica. Ou seja, a estrutura nos ajuda a trabalhar como o caso está sendo construído. Não vejo que nenhuma das peças possa ser facilmente deixada de fora do livro e ainda assim ser coerente e cumprir seus propósitos. Sim, eles são muito diferentes

literalmente. Você tem narrativa; você tem diálogo; você tem discurso; você tem hino. Eles são muito diferentes, mas todos trabalham juntos, e você não pode deixar nenhum deles de fora e ainda ter algo que tenha uma mensagem coerente.

Então, enquanto trabalhamos no livro, vamos construir a estratégia retórica. Estaremos procurando a contribuição que cada parte do livro faz porque acreditamos que cada parte faz uma contribuição. Estamos tratando o livro como um todo coerente como uma unidade, não algo que foi feito como uma colcha de retalhos ou por muitas mãos diferentes. É por isso que falei anteriormente sobre a ideia de que esta pode ser uma daquelas peças que se juntam como um livro. Se é uma construção literária, se é construído, composto, uma experiência de pensamento com uma mensagem de sabedoria e que todas as peças fazem parte dela, esta na verdade pode ter sido composta como um livro. No entanto, os bardos do mundo antigo eram talentosos e também podiam juntar isso como uma peça oral. Seria muito para aprender, muito para memorizar, mas os bardos do mundo antigo faziam isso. Parte da literatura homérica é bastante longa e foi transmitida oralmente. Então, é difícil dizer e, no final, não importa.

Estratégia retórica e intenção autoral [23:30-26:17]

Temos o livro como está. Tem uma estrutura identificável, realmente facilmente identificável. E isso lhe dá sua estratégia retórica. E assim, a partir disso, vamos tentar entender a mensagem do livro.

A estratégia retórica nos diz o que o autor está fazendo. A estratégia retórica é a estratégia do autor. Novamente, estou usando o autor; é uma espécie de atalho aqui para o comunicador, seja oral ou escrito. É a estratégia retórica que nos ajuda a ver a intenção do autor. E é essa intenção que tem autoridade. Lembre-se, é a autoridade de Deus, mas Deus investiu essa autoridade em um comunicador humano. E se vamos receber a mensagem autorizada de Deus, temos que fazê-la através do comunicador humano. Então, estamos sempre procurando o que chamamos de intenção do autor. O que eles querem dizer?

Acredito que parte da intenção do autor é um experimento mental. Alguns podem diferir, e tudo bem. Isso fará a diferença. Isso afetará a forma como pensamos sobre as diferentes partes do livro. Mas, no final, é nisso que estamos tentando chegar. Lembre-se, intérpretes fiéis, estão seguindo a mensagem de um livro que foi entregue por Deus, por meio de um comunicador humano, um instrumento humano, para nós.

A Bíblia foi escrita para nós, mas não foi escrita para nós. E assim, temos que tentar discernir o que aquele comunicador humano queria dizer. É onde encontraremos a autoridade. Não temos liberdade para trabalhar como freelancer, para meio que ler nossas próprias coisas nisso. Não temos a liberdade de dizer: "Ah, acho que o livro realmente quer que eu pense assim". Se você não pode obtê-lo do próprio livro, não o está obtendo de Deus. E então, que bem isso está fazendo?

Portanto, prestamos atenção ao gênero com todos os problemas que sugerimos.

Prestamos atenção à estratégia retórica, tudo isso, tentando nos ajudar a entender da melhor maneira possível o que o livro inspirado tem a dizer, que o autor pretendia como Deus comunicado por meio deles.

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 4, Gênero e Estrutura e a Natureza da Sabedoria. [26:17]

O Livro de Jó

Sessão 5: Jó e o Antigo Oriente Próximo

Por John Walton

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 5, Jó e o Antigo Oriente Próximo.

Revisão [00:22-2:44]

A próxima coisa sobre a qual precisamos falar é como Jó e o Livro de Jó se relacionam com o contexto do antigo Oriente Próximo em que eles existem. Já falamos sobre a ideia de que a Bíblia foi escrita para nós, mas não para nós. Não está na nossa língua. Não está na nossa cultura. Não antecipa nossa cultura ou qualquer outra cultura desde aquela época. Portanto, não antecipa uma cultura bizantina e fala com uma cultura bizantina. Não antecipa uma cultura medieval. Não antecipa uma cultura do Extremo Oriente ou uma cultura africana ou uma cultura americana.

Não antecipa uma cultura, mas as necessidades das pessoas têm certas semelhanças. Precisamos conhecer a Deus. E assim, cabe a nós nos ajudar a conhecer Deus e seus planos e propósitos; pensar bem e corretamente sobre Deus, mas não é para nós. Não assume nossa cultura ou antecipa nossa cultura.

O livro de Jó, então, está totalmente inserido no mundo antigo. Mesmo que não esteja em dívida com nenhuma peça de literatura do mundo antigo, está embutido nele. E essa imersão significa que a conversa está se desenrolando naquele contexto, que mesmo quando o livro de Jó está tendo uma perspectiva diferente daquela que outros naquela época e cultura podem ter, ainda está tendo a conversa no contexto daquela cultura.

Mencionamos que Jó não é israelita. Ele é da terra de Uz. Então, ele não é um israelita, mas é muito evidente que o livro é um livro israelita. Ou seja, é moldado por israelitas para israelitas.

Sofredor Piedoso na Literatura do Antigo Oriente Próximo (ANE) [2:44-6:33]

Ao falar sobre a situação de um sofredor piedoso, ele se encaixa em uma categoria conhecida no mundo antigo. Há um grande número de peças de literatura que discutem o

piedoso sofredor. Mas as respostas dadas no livro de Jó são um pouco diferentes das que encontramos no mundo antigo.

Algumas das peças do mundo antigo que seguem esse tipo de padrão são as primeiras peças sumérias chamadas Um Homem e Seu Deus. Ali o sofredor se confessa ignorante de qualquer delito que possa ter cometido. Sua condição é que ele sofre de uma doença. Ele é um pária social. Mas no final do livro, os pecados são identificados para ele, e ele confessa seus pecados e recupera a saúde. A filosofia por trás desse livro é que não nasce criança sem pecado. Em outras palavras, todos têm pecados, e isso resulta em um hino de louvor, que é a teologia daquele livro.

Uma peça acadiana da Mesopotâmia é chamada Um diálogo entre um homem e seu Deus. Mais uma vez, eles ignoram qualquer ofensa possível. O motivo do sofredor piedoso é a ideia de alguém que, na superfície, parece ter feito tudo o que precisava fazer e que é piedoso em todas as formas essenciais, mas que está sofrendo. E assim, neste Diálogo entre um Homem e Seu Deus, este homem sofre uma doença e, eventualmente, recupera a saúde. Não há filosofia oferecida. Não há favor divino garantido.

Uma das peças mais famosas do mundo antigo é chamada Ludlul bel Nemeqi, Louvarei o Deus da Sabedoria. É uma peça acadiana e, portanto, babilônica. Aqui, novamente, temos um personagem consciencioso e piedoso em todos os sentidos, ignorante de qualquer ofensa possível. E, no entanto, ele se encontra um pária social. A comunicação dos deuses não é clara. Ele está sofrendo de uma doença. Seus espíritos protetores foram expulsos. Ele fala sobre a opressão demoníaca. E então, ele está nesse tipo de situação. Na resolução de sua situação, o deus aparece em sonho e o informa. O resultado é que ele tem uma maneira de fazer uma oferta de purificação que traz apaziguamento, e suas próprias ofensas desaparecem. Seus demônios foram expulsos, ele recuperou a saúde. Isso, novamente, indica que ele realmente não estava isento de ofensa. A filosofia por trás desta peça diz que os deuses são inescrutáveis; quem sabe o que estão fazendo. E isso resulta em um hino de louvor ao deus babilônico, Marduk.

Uma última é chamada de Teodiceia Babilônica. Neste, novamente, a pessoa alega piedade, mas sua família se foi e ele está sofrendo com a pobreza. E, neste caso, realmente não há solução para sua situação. Eles concluem que os propósitos do deus são remotos e que você realmente não pode dizer o que eles estão fazendo. Expressa a opinião de que os deuses criaram pessoas com más inclinações e propensas ao sofrimento. E é assim que o mundo é.

Ideias nas Fontes ANE [6:33-11:02]

Estas são algumas das peças mais populares que conhecemos do mundo antigo. E podemos ver que eles oferecem uma perspectiva muito diferente sobre os deuses e sobre o sofrimento que as pessoas experimentam. Portanto, a resposta que encontramos aqui é a inescrutabilidade divina. Você não pode realmente saber o que os deuses estão fazendo. A pecaminosidade inerente da humanidade, todos pecam, todos cometem ofensas e, portanto, no sofrimento, você nunca pode alegar que não foi merecido. Ou, até mesmo os deuses tornam a humanidade torta. Outras vezes expressam a ideia de que ninguém pode realmente fazer tudo o que os deuses exigem. Então, sempre haveria algo com o qual os deuses poderiam ficar com raiva.

Geralmente, no antigo Oriente Próximo, há menos inclinação para atribuir culpas. As pessoas estão realmente sem informação. Os deuses não se comunicaram diretamente. Quando você fala sobre egípcios, babilônios, cananeus ou hititas, os deuses não se revelam. E assim, não há uma comunicação clara sobre o que eles desejam, o que vai agradá-los ou o que vai ofendê-los. Não há sentido disso no mundo antigo.

Além disso, as pessoas acreditavam que os deuses eram bastante inconsistentes. Eles têm suas próprias agendas e são caprichosos. Dia a dia, eles podem agir de maneira diferente. E, portanto, embora eles sintam que sua situação é resultado da negligência, raiva ou mudança de opinião do deus por um motivo ou outro, eles realmente não têm como pensar sobre tudo isso. No mundo antigo, eles acreditavam que se os deuses ficassem com raiva, eles removeriam sua proteção e, como resultado, a pessoa ficaria vulnerável,

ameaçada por poderes demoníacos ou apenas pelas forças que estão por perto. E assim, encontramos isso na peça que identifiquei como Ludlul bel Nemeqi, depois que o sofredor fez tudo o que pode pensar em fazer. Ele tem estas palavras : "Gostaria de saber que essas coisas agradam ao deus de alguém. O que é próprio de alguém é uma ofensa ao deus de alguém . O que no coração de alguém parece desprezível é próprio de seu deus . Quem conhece a vontade do deuses no céu? Quem entende os planos dos deuses do submundo? Onde os mortais aprenderam o caminho de um deus?

Você pode ouvir sua frustração? Você pode sentir como seria viver em um mundo assim, sabendo que existem seres poderosos que afetam todas as partes da vida e ainda não lhe disseram o que esperam de você ou o que os deixará satisfeitos ou com raiva?

Pense se você trabalhasse em um emprego como esse, em que seu chefe o responsabilizava, mas nunca deixou claro o que você deveria ou não fazer. E que você foi punido ou recompensado com base em seus palpites. Isso é muito desconfortável.

Espero que esta visão nos ajude a uma nova apreciação do nosso Deus que se comunicou e revelou o que vai agradá-lo ou não e que nos deixou saber como ele é e disse que isso não vai mudar dia a dia. Deve nos dar uma nova apreciação e gratidão que Deus, em sua graça, nos comunicou. Então, isso é um pouco do que está por trás da literatura de um livro como Jó, alguns desses cenários. Mas Jó até agora os transcende; tem muito mais a oferecer.

Jó tem pensamento israelita: 1) Nenhum politeísmo [11:02-12:12]

Agora, mencionei que Jó pensa como um israelita, embora não seja um israelita. Onde vemos isso? Vemos isso, por exemplo, no fato de Jó não ter qualquer inclinação para o politeísmo. Isso é muito estranho porque no mundo antigo, o politeísmo é a única maneira de pensar sobre os deuses. E assim, a ideia de que Deus está em comunidade, vemos um pouco de comunidade nos capítulos iniciais por causa do conselho divino, mas nenhuma inclinação para o politeísmo. Na verdade, Jó faz algumas afirmações para se posicionar contra o politeísmo. Em seu juramento em Jó 31:26, ele jura que não levantou as mãos para o sol ou para a lua. Isso só faz sentido em um contexto israelita. Todos os

demais povos ao redor adoravam rotineiramente o sol e a lua e o faziam com alegria. Isso não era algo que era uma falha. Portanto, apenas em um contexto israelita seria razoável alegar que ele não fez isso.

2) Nenhuma curiosidade sobre qual deus traz problemas [12:12-12:46]

O segundo ponto é que Jó não mostra nenhuma curiosidade sobre qual deus lhe trouxe problemas. Ele parece saber exatamente com qual Deus está falando, e nenhum outro está em cena para atrapalhar ou confundir a situação. Ele não faz nenhum apelo a nenhum outro deus. Às vezes, se um deus está lhe causando problemas, você pode apelar para outro deus para ajudá-lo a resolvê-los. Jó não faz isso. Ele só está trabalhando através de um Deus.

3) Castigo merecido ou não merecido [12:46-14:33]

Ele pensa se sua punição é merecida ou não. Agora, no mundo antigo, mencionei as várias peças. Eles falam sobre sua ignorância de qualquer ofensa e, portanto, não podem imaginar o que poderiam ter feito para trazer a ira dos deuses. Mas, no final, muitas vezes assumem que houve uma ofensa. Eles simplesmente não estavam cientes disso. Eles não sabiam disso e de alguma forma ofenderam os deuses. Jó pensa se sua retidão ou ofensas realmente lhe valeram esse castigo. E mostra um nível de pensamento um pouco mais claro do que o que você encontraria no antigo Oriente Próximo. Especificamente, por outro lado, Jó está bastante certo de sua retidão. No antigo Oriente Próximo, eles só podiam ter certeza de que haviam feito tudo o que sabiam para realizar os rituais apropriados para manter o deus feliz.

Mas a retidão, da maneira como é retratada em Jó, realmente não estava em jogo no mundo antigo. As obrigações das pessoas no mundo antigo eram de natureza ritual, não algum tipo de retidão absoluta em abstração que pudesse ser definida. Sua única justiça era fazer o que fosse necessário para agradar aos deuses cujas exigências não eram muito conhecidas. Jó tem muita certeza sobre sua retidão. Mais uma vez, dá uma sensação muito israelita.

4) A Grande Simbiose Não em Jó [14:33-18:24]

Além disso, em Jó ligado a isso, não há sugestão do que chamo de grande simbiose. Deixe-me explicar isso para você. A grande simbiose no mundo antigo fala sobre como os deuses e as pessoas interagem. No mundo antigo em geral, eles acreditavam que os deuses haviam criado os humanos porque os deuses se cansaram de atender às suas próprias necessidades. Nesse modo de pensar, os deuses ficam com fome, os deuses ficam com sede, os deuses precisam de roupas e os deuses precisam de moradia. Eles são muito parecidos com os seres humanos; eles tinham necessidades. Eles tiveram que cultivar sua própria comida, irrigar seus próprios campos e construir suas próprias casas. E era um trabalho cansativo e exaustivo. Os deuses estavam cansados disso. E assim, eles decidem, vamos criar trabalho escravo. Criaremos pessoas e elas atenderão às nossas necessidades. Criaremos pessoas e elas cultivarão alimentos e nos alimentarão. Eles farão lindas roupas para nós e nos vestirão. E eles construirão casas esplêndidas e nos mimarão de todas as maneiras. Que grande idéia. E então, foi o que eles fizeram. Assim, as pessoas foram criadas para atender às necessidades dos deuses e mimá-los.

Agora esse é um lado da grande simbiose: o que as pessoas deveriam fazer pelos deuses. Mas é claro que tem o outro lado, o que os deuses, portanto, tinham que fazer pelas pessoas. Porque uma vez que eles se tornaram dependentes das pessoas para atender às suas necessidades, eles tiveram que preservá-los de alguma forma. Eles tiveram que enviar chuva suficiente para que as pessoas pudessem cultivar alimentos para alimentar os deuses e para se alimentarem, porque, caso contrário, eles morreriam e não poderiam alimentar os deuses. Eles tinham que protegê-los para que os invasores não viessem e os destruíssem, porque assim eles não poderiam alimentar os deuses. Assim, os deuses tinham que proteger seus interesses provendo e protegendo as pessoas.

Então, dessa forma, há essa codependência que se forma; onde os deuses dependem das pessoas para mimá-los, para atender às suas necessidades. E as pessoas dependem dos deuses para protegê-las e sustentá-las.

É um pouco onde a justiça entra no sistema porque os deuses estavam interessados em preservar a justiça. Não porque a justiça fosse de alguma forma inerente à sua natureza, mas porque se houvesse confusão, caos e problemas na sociedade, se a sociedade não fosse ordenada e justa, então haveria todos os tipos de problemas e as pessoas não poderiam cuidar de seus tarefas. A tarefa era: mimar os deuses. Então, se havia pessoas brigando entre si, se a sociedade estava cheia de inquietação, então os deuses não estavam sendo atendidos. Então, os deuses tinham algum interesse próprio em garantir que houvesse justiça e ordem na sociedade. Então, essa é a grande simbiose, essa codependência, necessidade mútua, onde os deuses precisam das pessoas e as pessoas precisam dos deuses.

5) Jó serve a Deus para nada?— Israelita [18:24-19:51]

Agora, quando a questão é colocada sobre a mesa sobre Jó, Jó serve a Deus por nada? Você pode ver que isso atinge o próprio fundamento dessa grande simbiose. No mundo antigo, ninguém servia a Deus por nada. A ideia de servir a deus era para que deus retribuísse o favor. A ideia deles de oferecer os rituais era para que os deuses trouxessem prosperidade e proteção. Ninguém no mundo antigo servia a deus por nada. Isso nos mostra como este livro é israelita, porque a própria premissa da questão no livro é uma premissa que nega que a grande simbiose sempre estará em vigor ou que está sendo trabalhada. Somente em Israel você poderia começar a pensar nessa direção. Jó estava pensando como um israelita. Não há conceito de retidão desinteressada na grande simbiose.

6) Desentendimento de Jó com amigos mostra que ele é israelita [19:51-21:56]

Além disso, o pensamento israelita de Jó se reflete quando ele entra em desacordo com seus amigos. Seus amigos pensam como as pessoas do antigo Oriente Próximo. Eles acham que Jó precisa apaziguar a Deus para que Deus lhe devolva seus benefícios. Eu chamo isso de recuperar suas coisas, como recuperar suas coisas. Todos os conselhos dos amigos de Jó são sobre o que você precisa fazer para recuperar suas coisas. Se você fizer essas coisas, a ira de Deus será apaziguada e você receberá suas coisas de volta. Em

outras palavras, eles representam essa visão que diz: "Jó, tudo gira em torno das coisas". Considerando que a própria questão no livro não é sobre as coisas, ou Jó realmente acha que não é sobre as coisas? A justiça de Jó é desinteressada? Isto é, ele realmente não está interessado nos benefícios, mas apenas na retidão? Os amigos de Jó continuam tentando atrair seu interesse para os benefícios de como ele pode restaurar suas coisas. Se Jó os ouvir, todo o livro desmorona. Assim, os amigos pensam como os antigos povos do Oriente Próximo, e Jó está mostrando seu tipo de pensamento de estilo israelita, recusando-se a aceitar esse tipo de pensamento.

Portanto, Jó não é um israelita, mas pensa como um israelita. Ele age como um israelita. E assim, um leitor israelita se identificará com as perspectivas de Jó.

7) O foco do livro é israelita: nenhum ritual de apaziguamento [21:56-23:24]

Agora, não apenas isso, mas o foco do livro é israelita. Jó não apenas pensa e age como um israelita, mas o foco do livro também é israelita. Assim, por exemplo, não há possibilidade de pensar que existe uma ofensa ritual como explicação para a situação de Jó. Assim teria sido no antigo Oriente Próximo. É assim em todas aquelas peças de literatura que examinamos. A ideia era que deve ter havido alguma ofensa ritual e, portanto, deve haver algum apaziguamento ritual, alguma solução ritual. O Livro de Jó simplesmente não dá atenção a essa possibilidade. Está tomando um foco israelita.

Não há pensamento de apaziguamento como uma resposta eficaz. A ideia é que, de alguma forma, Deus está irracionalmente irado e precisa ser apaziguado. Se fosse assim, Jó não o estaria chamando no tribunal para obter uma explicação. Então, não há nenhum pensamento desse tipo de apaziguamento. Seus amigos gostariam que ele os apaziguasse. Embora, novamente, não seja um apaziguamento no sentido ritual. O livro não tem esse tato. Assim, mesmo os amigos que representam o pensamento do antigo Oriente Próximo não propõem uma solução ritual.

8) A justiça de Deus e a retidão de Jó são israelitas [23:24-24:51]

A idéia de que há um interesse no livro, tanto em Deus fazendo justiça quanto na justiça de Jó, torna-o muito diferente da matriz de pensamento do antigo Oriente Próximo. O antigo Oriente Próximo não mostraria interesse nessas coisas. Os deuses fazem o que fazem. E assim, enquanto eles acreditam que os deuses estão interessados na justiça, a ideia de que de alguma forma os deuses devem agir com justiça não está realmente em cena; os deuses fazem o que fazem. E assim, essa ideia de que a justiça de Jó, que é indefinível no antigo Oriente Próximo, e a justiça de Deus estão na imagem mostra uma maneira de pensar israelita.

Outro ponto que vemos no livro é que Jó é declarado justo desde o início. Uau, isso é diferente de tudo no antigo Oriente Próximo que ele seria declarado limpo. Novamente, esse é um dos extremos do livro. Você pode ver como isso tira todas as explicações do antigo Oriente Próximo da mesa. Se exonerar Jó desde o início, todas as respostas sobre o sofrimento de Jó não estarão mais disponíveis; todos os que o antigo Oriente Próximo oferece.

9) Visão transcendente de Deus [24:51-25:14]

E, finalmente, mais uma coisa que nos mostra o foco israelita no livro é a visão transcendente da divindade, que Deus meio que fica acima de tudo. Agora, novamente, isso pode ser mitigado dependendo de como você lê o primeiro capítulo ou dois. E falaremos mais sobre isso. Mas, no geral, há uma visão transcendente da divindade. As respostas do livro não dependem da natureza humana ou da natureza divina, mas das políticas de Deus no mundo. Como Deus trabalha? E nesse sentido, novamente, é muito diferente do que encontramos no antigo Oriente Próximo.

A literatura da ANE é usada como contraste pelas posições dos amigos [25:14-26:32]

O Livro de Jó, então eu diria, não está em dívida com nenhuma peça da literatura do antigo Oriente Próximo. Ele usa a literatura do antigo Oriente Próximo como contraste. Ele quer que você pense sobre isso, enquanto quer que seu público pense sobre as outras respostas que são dadas porque vai mostrar como eles estão falidos. O antigo Oriente

Próximo é, então, um parceiro de conversação para o Livro de Jó. Os israelitas estão muito bem cientes dessa conversa mais ampla. O livro de Jó está entrando nessa conversa, mas está usando isso como contraste, porque vai assumir um tipo diferente de posição e dar uma resposta que simplesmente não estava disponível no mundo antigo, especialmente por causa da maneira como as pessoas pensavam sobre o assunto. Deuses no mundo antigo. Os amigos de Jó representam o antigo pensamento do Oriente Próximo, mas Jó resiste a isso, e o livro resiste a isso.

Resumo: Jó é distintamente israelita [26:32-28:32]

Então, vamos resumir as características distintamente israelitas. Em primeiro lugar, não há grande simbiose. Deus não tem necessidades, e vemos isso expresso em um lugar como Jó 22:3. Em segundo lugar, há um interesse na justiça de Deus. E, novamente, isso não seria um elemento tão forte no antigo Oriente Próximo. Há um interesse na retidão como um conceito abstrato. Jó parece ter um senso de retidão pessoal que vai além do que o mundo antigo poderia ter proporcionado. Não há ofensas rituais consideradas ou remédios rituais sugeridos ou buscados, e nenhum apaziguamento é buscado. A sabedoria divina é um tema importante e é realmente o foco do livro. E, novamente, muito diferente do que encontramos no antigo Oriente Próximo. No antigo Oriente Próximo, era simplesmente um direito divino. Os deuses fazem o que fazem. Aqui, a ideia da sabedoria divina nos ajuda a entender como é a direção do mundo por Deus e como são suas políticas. Portanto, ajuda pensar nele de maneira diferente de como o resto das pessoas no antigo Oriente Próximo pensava sobre seus deuses.

Então, Jó é um livro muito entrelaçado no mundo antigo. Pressupõe um conhecimento do mundo antigo, mas assume um ponto de vista oposto ao que encontramos no mundo antigo. Ao fazer isso, ele nos dá uma revelação de Deus, de Javé, muito diferente de qualquer coisa que poderia ter sido dada sobre um dos deuses do mundo antigo.

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 5, Jó e o Antigo Oriente Próximo. [28:32]

O Livro de Jó
Sessão 6: O Propósito do Livro de Jó

Por John Walton

Este é o Dr. John Walton e este ensinamento no Livro de Jó. Esta é a sessão 6, O Propósito do Livro.

Introdução [00:22-1:07]

Então, agora estamos chegando às questões realmente importantes. Vamos falar sobre qual é o propósito do Livro de Jó. Falamos sobre como ela tem autoridade e inspiração e nos dá a revelação de Deus. Então, já falamos sobre sua ambientação, gênero, data e questões de autoria, mas agora, qual é o objetivo do livro? O propósito é alcançado pela estratégia retórica. O objetivo é alcançado através da estrutura. Mas qual achamos ser o propósito do livro?

Quando falamos sobre alguns dos equívocos que poderíamos ter, falamos sobre a ideia de que Jó não está sendo julgado. Isso é mais sobre Deus do que sobre Jó, etc. Então, vamos dar alguma especificidade a isso.

Objetivo [1:07-2:16]

Este livro é para nos ajudar a aprender como pensar bem sobre Deus quando ocorre um desastre. Como pensamos apropriada e apropriadamente sobre Deus quando ocorre um desastre? Gostaria de sugerir então que o propósito do livro é explorar as políticas de Deus. Como Deus age no mundo?

Tendemos a pensar que se Deus é bom e todo-poderoso, então ele deveria ser capaz de prevenir o sofrimento. E então, nos perguntamos o que Deus está fazendo quando encontramos sofrimento, especialmente sofrimento de pessoas que parecem totalmente indignas. Como pensamos sobre as políticas de Deus? Como ele atua no mundo? Eu sugeriria a você que isso é realmente o que o livro é para tentar nos ajudar a descobrir. Como Deus trabalha no mundo, especialmente quando estamos sofrendo?

Acusação do Challenger: Não é bom recompensar os justos [2:16-5:49]

Agora, o livro é apresentado com duas acusações dirigidas a Deus de diferentes direções. Temos o adversário no céu, o antagonista, o desafiante, às vezes chamado de satanás. Nós vamos chegar a isso daqui a pouco. Essa é outra palestra, mas vamos chamá-lo de “o desafiante” por enquanto. Temos o desafiante, e quando o desafiante está diante de Deus, Deus chama a atenção para Jó. "Você já considerou meu servo Jó? Não há ninguém como ele." Novamente, a descrição de Jó é extremamente justa e correta, a melhor que uma pessoa poderia ser.

E lembre-se que a pergunta do desafiante é: "Jó serve a Deus de graça?" Agora, isso soa como uma pergunta sobre as motivações de Jó, e isso é mais diretamente o que é. O que realmente motiva Jó a ser o tipo de pessoa que ele é?

Mas inerente a essa questão, e acho que o foco real dela tem a ver com como Deus opera as coisas, quais são as políticas de Deus. Então, realmente o que o desafiante está perguntando é: é uma boa política, Deus, trazer prosperidade para pessoas justas? Parece bastante lógico, mas pense nisso. Se as pessoas justas continuam recebendo todos os tipos de benefícios e prosperidade e sucesso e boa saúde, benefícios de todo tipo, por causa de sua justiça, você não está realmente treinando-os para serem mercenários? Você não está realmente dando a eles um motivo oculto para serem justos? Se você gasta tempo suficiente dando benefícios para as pessoas justas, você acaba treinando-as para ansiar pelos benefícios ao invés de se preocupar com a retidão.

Você os treina para pensar de forma diferente. Esse tipo diferente de pensamento é realmente subversivo para a verdadeira retidão, porque quanto mais a pessoa decidir que gosta dos benefícios, menos estará pensando sobre a verdadeira retidão. Você deveria repensar isso, Deus. É uma boa política trazer prosperidade para pessoas justas? Isso é realmente do seu interesse e do melhor interesse da verdadeira retidão? Isso corrompe as motivações de uma pessoa, não uma boa política.

Agora, o que quer que pensemos sobre esse desafiante, podemos ver que esse é um ponto lógico a ser levantado. É um ponto significativo. Na verdade, poderíamos voltar a Gênesis 22 e ao sacrifício de Isaque por Abraão e ver o mesmo tipo de pergunta sendo

feita. Voltaremos a isso outra hora. Assim, uma parte da acusação contra Deus, contra as políticas de Deus, não questiona a natureza de Deus; questiona suas políticas. Então, um lado disso é: é realmente uma boa política que as pessoas justas prosperem?

Acusação de Jó: Não é bom que o justo sofra [5:49-6:47]

Agora, quando os desastres de Jó acontecem e a calamidade o atinge, descobrimos que quando ele começa a interagir com Deus, ele tem um desafio diferente. Seu desafio é: "Sabe, Deus, é realmente uma boa ideia para você permitir que pessoas justas sofram? Quero dizer, nós somos os mocinhos. Estamos do seu lado; estamos no seu time. Por que isso que nós sofremos? Isso não soa como uma política muito boa para permitir que pessoas justas sofram."

E você pode ver o problema. O desafiante está dizendo: "Não é uma boa política que as pessoas justas prosperem." Jó está levantando a questão: "Não é uma boa política que os justos sofram." O que um Deus pode fazer? O que sobrou? Como é que Deus deveria agir? Qual seria uma política apropriada?

Foco do livro: Como você pensa sobre Deus quando as coisas dão errado? [6:47-7:58]

Agora veríamos o livro. Isso é realmente o que este livro está tentando abordar. Como pensamos nas políticas de Deus quando tudo dá errado? Nesse sentido, o desafiante não está acusando Jó de motivos errados. Ele está dizendo que não sabemos. Não sabemos quais são os motivos de Jó porque você não, você, Deus, não permitiu que essa situação se desenvolvesse. Ele é aparentemente justo. Tudo parece ir bem, mas você o prosperou tanto que realmente não sabemos se ele é realmente justo ou não. A única maneira de sabermos se Jó é justo ou não é tirar os benefícios. É uma estratégia clara e realmente óbvia quando você pensa nela. Essa é a única maneira de testar. Nesse sentido, novamente, o livro não é sobre sofrimento. O livro é sobre justiça. Qual é a natureza, qual é o valor da retidão de Jó?

Conclusão: eu sou Deus, você não, cartão de poder [Não] [7:58-8:40]

Agora, quando chegarmos ao final do livro, como o livro resolve isso, e entraremos em mais detalhes sobre isso mais tarde, mas vou colocar as cartas na mesa. Algumas pessoas pensam que, quando você chega ao final do livro, tem uma declaração mais parecida com "Eu sou Deus, você não é". E com isso vem a implicação de, então cuide da sua vida, ou então eu posso fazer o que eu quiser, ou você não vale nada em comparação, ou simplesmente cale a boca. Você sabe, temos essa impressão de alguma forma Deus está apenas puxando o cartão de poder. Você sabe, eu sou Deus, você não é.

Conclusão: Eu sou Deus, confie em mim, confie no cartão [Sim]]8:40-9:24]

E eu não acho que isso realmente descreva onde o livro chega. Há uma sensação de que eu sou Deus e você não, mas não com essas outras implicações. É mais ou menos assim: "Eu sou Deus que é supremamente sábio e poderoso. Portanto, quero que você confie em mim, mesmo quando não entender". Essa não é a placa de energia. Isso é um cartão de compaixão. Isso é um cartão de confiança. "Eu sou Deus supremamente sábio e poderoso. Confie em mim."

Propósito: Como Deus trabalha neste mundo? [9:24-11:00]

O propósito do livro, então, é nos ajudar a pensar em Deus como confiável e digno de confiança, mesmo nos momentos mais desesperadores da vida. Que não devemos pensar que de alguma forma suas políticas são questionáveis. É fácil pensar nisso porque quando as coisas vão mal, procuramos alguém para culpar, e Deus é o mais fácil de culpar.

Então, essa ideia de como Deus trabalha no mundo? Como entendemos nosso sofrimento para que possamos nos sentir confortáveis em confiar em Deus? Se pensássemos que foi ele quem trouxe o sofrimento, seria difícil confiar nele. E assim, temos que aprender a pensar sobre como ele está trabalhando no mundo.

Quando Deus realmente dá as respostas a Jó, quando ele fala sobre a situação para Jó nos últimos capítulos, ele nos fala sobre como ele trabalha no mundo. E então, é isso que veremos enquanto falamos sobre o livro neste grande quadro de seu propósito.

Como pensar sobre as políticas de Deus e pensar bem de Deus, pensar adequadamente sobre Deus quando ocorrer um desastre.

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o livro de Jó. Esta é a sessão 6, O Propósito do Livro. [11:00]

O Livro de Jó
Sessão 7: Fundamento Teológico do Livro de Jó,
Triângulo do Princípio da Retribuição
Por John Walton

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 7, Fundamento Teológico do Livro de Jó, Triângulo do Princípio da Retribuição .

Introdução ao Princípio da Retribuição [00:26-2:46]

Antes de passarmos para o livro em si, precisamos expandir o propósito do livro para falar sobre alguns dos fundamentos teológicos do livro. Dessa forma, estamos indo além da ideia do mundo antigo da grande simbiose especificamente para falar sobre o que é chamado de princípio da retribuição. O princípio da retribuição é basicamente a ideia de que o justo prosperará e o ímpio sofrerá. Basicamente, as pessoas recebem o que merecem. Quando digo o justo, o observador, o fiel, substitua por qualquer uma dessas palavras e eles prosperarão. Bem, isso pode ser, você sabe, boa saúde, sucesso, suas colheitas crescem, seja o que for, famílias felizes. E os ímpios são aqueles que não são fiéis, não são justos, não são retos, eles sofrerão novamente, seja um desastre em um nível ou outro. Então, é apenas uma maneira de falar sobre essa ideia de que as pessoas recebem o que merecem. O justo prosperará; os ímpios sofrerão. Nós o chamamos de princípio da retribuição.

Agora, é claro, é comum as pessoas acreditarem que suas circunstâncias na vida de alguma forma refletem que elas são favorecidas por Deus ou pelos deuses ou não. E que eles fizeram algo que trouxe as circunstâncias sobre eles. Novamente, se é mau ou se é bom. Que eles são a favor ou não, e isso se reflete em suas circunstâncias, foi reconhecido no antigo Oriente Próximo sobre as pessoas que pensavam dessa forma. E também é muito comum que as pessoas pensem assim hoje, que suas circunstâncias refletem estar a favor ou não.

Até falamos muito casualmente quando algo vai bem: "Ah, devo ter feito algo certo". Ou "O que eu fiz para ganhar isso?" quando as coisas vão mal. Portanto, é esse princípio de retribuição que está na base do Livro de Jó.

Princípio de Retribuição em Jó [2:46-4:06]

Na verdade, o Livro de Jó coloca o princípio da retribuição sob o microscópio porque Jó e seus amigos acreditam firmemente no princípio da retribuição. Isso é realmente parte do problema. Eles veem o princípio da retribuição; você não apenas assume que se alguém for justo, eles irão prosperar, e se alguém for perverso, eles irão sofrer, mas eles também mudam isso. Se alguém está sofrendo, deve ser perverso. Se alguém está prosperando, deve ter feito algo certo. E assim, quando as circunstâncias de Jó mudam de forma tão dramática, tão trágica, sabemos a que conclusão todos irão chegar. Eles vão decidir que ele deve ter feito algo muito, muito ruim para trazer esse tipo de desastre, ir das alturas para as profundezas. Isso remonta aos extremos de que falamos anteriormente. Jó está no auge da humanidade e vai para as profundezas do sofrimento. Esses extremos são importantes para que possamos realmente pensar sobre o princípio da retribuição com uma mente clara.

O desafiante e o princípio da retribuição [4:06-5:53]

Assim, o Livro de Jó examina esse princípio de retribuição. Afinal, lembre-se da pergunta do Desafiante, Jó serve a Deus de graça? Como o princípio da retribuição se encaixa nisso tudo? No princípio da retribuição, há uma tentativa de entender o que Deus está fazendo no mundo, de articular, de justificar, de sistematizar a lógica de como Deus está trabalhando no mundo, que Deus está trabalhando um sistema de justiça. Você faz o bem; você fica bom. Você faz mal; coisas ruins acontecem. Assim, o princípio da retribuição pressupõe uma compreensão de como Deus opera no mundo. É uma tentativa de quantificá-lo ou sistematizá-lo.

A alegação do Desafiante é que o princípio da retribuição trazendo benefícios e prosperidade para as pessoas justas é prejudicial ao desenvolvimento da verdadeira

retidão porque estabelece esse motivo oculto, a antecipação do ganho, fazendo isso pelo que você ganha com isso. Portanto, o Desafiante está focando a atenção no princípio da retribuição para saber se isso realmente faz parte das políticas de Deus. E a afirmação de Jó, se o princípio da retribuição não for aplicado, se as pessoas justas sofrerem, bem, então a justiça de Deus se torna suspeita. Assim, você pode ver que nas duas vertentes da acusação sobre as quais falamos no livro, o princípio da retribuição é central para a conversa.

Triângulo de Retribuição de Reivindicações [5:53-7:12]

Agora podemos entender isso um pouco melhor se você puder imaginar um triângulo. Eu o chamo de triângulo de reivindicações. E em um canto inferior do triângulo, você tem o princípio da retribuição; no outro canto inferior do triângulo, você tem a retidão de Jó. E no topo do triângulo, no terceiro canto, você tem a justiça de Deus.

Agora, enquanto Jó está prosperando, esse triângulo se mantém muito convenientemente, muito confortavelmente. Deus está fazendo justiça. Jó é justo, o princípio da retribuição é verdadeiro e tudo está feliz. Mas quando Jó começa a sofrer, olhamos para aquele triângulo, e algo tem que acontecer. Você não pode se prender a todos os três cantos: a Deus fazendo justiça, a Jó sendo justo e ao princípio da retribuição. Você não pode segurar todos os três. Alguém Tem que Ceder. E à medida que o livro se desenrola, descobrimos quem vai abrir mão de quê. É realmente uma maneira interessante de pensar sobre o livro.

Os Amigos de Jó e o Triângulo de Retribuição das Reivindicações [7:12-8:24]

Comece com os amigos de Jó, por exemplo. Amigos de Jó, vou aproveitar a ideia de construir o forte deles naquele canto. Eles escolhem o canto do princípio de retribuição do triângulo e constroem seu forte lá. Repetidas vezes em seus discursos, eles afirmam o princípio da retribuição. Eles o aplicam à situação. Eles o usam como parte da argumentação. Eles são campeões do princípio da retribuição. Então, lá eles constroem seu forte. Eles vão defender isso.

Desse ponto de vista, eles olham para os outros dois cantos do triângulo; qual deles vai? Eles vão dizer, bem, Deus realmente não está trabalhando na justiça, ou eles vão dizer que Jó não é realmente justo?

Bem, nós sabemos para onde eles vão. Eles estão muito felizes em afirmar que Deus está trabalhando com justiça. E assim, com o princípio da retribuição verdadeiro e Deus não estando sob escrutínio, é claro, o problema é Jó. Ele não deve ser tão justo quanto parecia para nós, não tão justo quanto parecia a todos de fora. E, certamente, ele não é tão justo quanto parece pensar que é. O problema é Jó. Então, eles constroem seu forte no canto do princípio da retribuição e desistem no canto de Jó. Esse é o que tem que ir.

Jó e o Triângulo de Retribuição das Reivindicações [8:24-9:57]

Quando pensamos em Jó e sua perspectiva, é claro que é muito diferente. É muito claro onde ele constrói seu forte. Ele constrói seu forte em seu próprio canto. Sua justiça é inatacável em sua mente. Mas, claro, isso cria um pouco de estranheza porque agora ele tem que olhar e qual deles você vai desistir? Ele vai desistir do princípio da retribuição ou vai desistir da ideia de que Deus age com justiça?

É um enigma para o pobre Job. Mas o que encontramos é repetidamente, ele afirma o princípio da retribuição. Ele tenta encontrar uma fraqueza nisso, mas realmente não consegue. E assim ele volta seus olhos para Deus. E à medida que os discursos de Jó continuam ao longo do livro, ele se torna cada vez mais acusador de Deus; torna-se cada vez mais duvidoso, cético sobre Deus e se ele faz justiça. Assim, Jó constrói seu forte em seu próprio canto e está desistindo do canto de Deus ao se apegar ao princípio da retribuição.

Eliú e o Triângulo de Retribuição das Reivindicações [9:57-14:59]

Agora, além dos três amigos que aparecem em toda a seção de diálogos, Elifaz, Bildade e Zofar, temos um quarto personagem, Eliú. Não entra até o segundo discurso no final do livro. Mas Eliú ainda está envolvido no triângulo. Eliú constrói seu forte no topo do triângulo da justiça de Deus. Agora, nesse ponto, você diz, ok, então do que Eliú vai

desistir? Ele vai desistir do princípio da retribuição ou, como os outros amigos de Jó, vai questionar a retidão de Jó?

Algumas pessoas leram o livro e pensaram que Eliú realmente não é muito diferente dos outros amigos. Mas discordo veementemente disso. Eliú se posiciona de forma diferente no triângulo e chega à conclusão de que os amigos não estão nem perto dele.

Então, quando fazemos a pergunta, qual dos outros dois cantos Eliú desiste? Descobrimos que, bem, ele trapaceia; ele é esperto. O que ele faz é olhar para o princípio da retribuição e diz que o princípio da retribuição é verdadeiro, mas acho que entendemos errado.

Temos que renunciá-lo e expandi-lo. Veja, a maioria das pessoas pensou no princípio da retribuição quando você fez coisas ruins no passado, então agora coisas ruins estão acontecendo com você. Então, suas circunstâncias são uma resposta ao comportamento passado. Eliú chega e diz, talvez seja mais complexo do que isso. Essa maneira de ver o princípio da retribuição o torna remediador, consertando, abordando e respondendo ao que deu errado.

E se pensarmos no princípio da retribuição como mais preventivo. Veja como ficaria. Não é tanto algo que você fez no passado que está causando consequências negativas, é algo em que você está pronto para se envolver, pois está à beira desse tipo de comportamento que deveria afastá-lo disso. E assim, o princípio da retribuição poderia ser uma resposta, tipo, presente desenvolvendo coisas em vez de coisas no passado. Agora, o que isso significa, ao contrário dos amigos, ele não precisa encontrar injustiça no passado de Jó. Em vez disso, agora ele olha para Jó de maneira diferente. E ele diz: "Então, aqui está o problema, Jó. Aqui está a razão do seu sofrimento? Olhe para a sua justiça própria, sua vontade de justificar-se, justificar-se às custas de Deus." Ele diz: "O problema não é o que você fez antes de seu sofrimento começar. O problema se tornou evidente em como você reagiu quando o sofrimento começou. O problema, então, Jó, é o que é muito evidente, seu comportamento hipócrita."

É por isso que eu digo que ele trapaceou. Ele redefiniu os termos. E, ao redefini-los, deu-lhe uma alternativa que os outros amigos nunca pensaram, e o próprio Jó está menos em posição de se defender. Mesmo enquanto ele continua afirmando sua justiça, sua autojustiça se torna muito evidente e sua disposição de acusar a Deus.

Assim, Eliú construiu seu forte em Deus agindo com justiça. E no processo, ele se apegou ao princípio da retribuição, embora o tenha redefinido. E isso deu a ele um tipo diferente de ataque contra a justiça de Jó. Eliú está mais certo do que qualquer um dos outros personagens humanos do livro. Ele se aproxima. Ele transcende o que os amigos pensam e realmente vê Jó de forma mais realista, mais apropriada.

O problema com Eliú é que, embora esteja mais perto da verdade do que qualquer outra pessoa, ele tem seus próprios problemas. E, no final, ele ainda está fazendo do princípio da retribuição a base para entender como as coisas funcionam. Ele apenas redefine isso. E conforme avançamos no livro, chegaremos à parte de Eliú e avaliaremos isso mais de perto.

Triângulo de Retribuição de Reivindicações Tentativas de Resoluções [14:59-15:18]

Então, temos nosso triângulo, o triângulo das reivindicações, como diferentes partes adotam diferentes posições e como ver o cenário do livro a partir dessas diferentes posições. Agora vamos tentar resolver algumas dessas tensões. Como as pessoas resolveram a tensão do princípio da retribuição? Afinal, a maioria das pessoas, em algum momento ou outro, passa a experimentar a vida de tal maneira que o princípio da retribuição parece suspeito para elas. Então, como essas tensões são resolvidas?

Uma maneira é chegar a algumas qualificações a respeito da natureza de Deus. Isso é certamente o que eles fizeram no antigo Oriente Próximo. Eles não tinham confiança de que Deus estava agindo com justiça. Eles acreditavam no princípio da retribuição, mas realmente não tinham um triângulo bem unido. Eles apenas haviam transigido na natureza de Deus.

Outras vezes, as pessoas podem se comprometer ou se qualificar em relação ao propósito do sofrimento. Algumas pessoas falam sobre o sofrimento como educação - construção do caráter. Talvez até para falar sobre isso como participação com Cristo em seus sofrimentos. E assim, acabam qualificando a finalidade do sofrimento. Isso meio que resolve algumas tensões no princípio da retribuição.

Retribuição Triângulo de Reivindicações em Outras Partes da Bíblia: Tempo [15:18-18:02]

Nos textos bíblicos, algumas pessoas resolverão a tensão; o salmista às vezes, por exemplo, resolve a tensão pensando no tempo.

O salmista diz, você sabe, nos Salmos de Lamento, na maioria das vezes, eles estão lamentando no contexto do princípio de retribuição. Seus inimigos estão triunfando sobre eles. E por que isso deveria acontecer? O inimigo é o cara mau. Eu sou o cara bom. Por que isso está acontecendo? E então essa questão sobre o princípio da retribuição está subjacente a muitos dos Salmos de Lamento. E muitas vezes, um Salmo é tratado em termos de tempo. Eventualmente, as coisas vão se acalmar. Você sabe, Deus irá, em seu tempo apropriado, agir contra o inimigo e restaurar o salmista.

Então, às vezes, é claro, a teologia cristã vai ainda mais longe, dizendo que talvez as coisas estejam ruins agora, mas temos a eternidade. Temos a eternidade com Deus, uma eternidade no céu. E assim, as coisas vão ficar bem. E na escala da eternidade, as pequenas coisas que sofremos agora são menores. Assim, algumas pessoas qualificam o princípio da retribuição com o conceito de tempo estendido.

A Justiça e o Mundo como Solução [18:02-19:07]

Algumas pessoas qualificam o princípio da retribuição em relação ao papel da justiça no mundo. Você pode falar sobre o mundo não ser justo, mesmo que ainda fale sobre Deus agindo com justiça. Ou seja, neste mundo, a não-ordem continua. Vemos a ideia de que a justiça não é o único fundamento de como Deus trabalha no mundo. Isso não o

compromete. Mas a questão é: ele fez o mundo se conformar à sua própria justiça? E sabemos que ele não o fez porque somos pecadores, mas ainda assim existimos. Se o mundo estivesse totalmente de acordo com a justiça de Deus, não seria um mundo onde poderíamos viver. E assim, dado um mundo caído, a justiça perfeita não é alcançável.

Complexo de Atributos de Deus [19:07-20:47]

A base para a operação de Deus no mundo é todo o seu caráter, toda a sua gama de atributos, não apenas um atributo ou outro. Você pode dizer que Deus é amor, e isso cobre tudo. Não, não. Ele é muitas outras coisas também. Portanto, a única maneira de qualificar o princípio da retribuição sem prejudicar de alguma forma o caráter de Deus é entender que Deus e seu mundo são diferentes e que ele não impôs justiça a eles. Deus, em sua sabedoria, preocupa-se com a justiça. Mas tudo isso considerando os parâmetros de um mundo imperfeito, um mundo caído e até mesmo um mundo ainda não totalmente ordenado; Deus trouxe ordem a um mundo de não-ordem, e desordem, o pecado também entrou em cena. Mas não estamos vivendo em um mundo perfeitamente ordenado. E, portanto, não é aquele que reflete os atributos de Deus por toda parte. Há afirmações que encontramos do princípio da retribuição. E nós os encontramos nos Salmos, especialmente nos Salmos de sabedoria. Nós os encontramos em Provérbios. Essas afirmações não pretendem ser uma descrição teológica completa de como o mundo funciona de acordo com os atributos de Deus e sua justiça. Eles são de natureza proverbial.

Princípio de retribuição não é uma solução teológica [20:47-23:08]

O princípio da retribuição precisa ser entendido por nós como proverbial por natureza. Isso significa que é como as coisas costumam agir, mas não como as coisas sempre funcionam. Não é uma garantia. Não é uma promessa. O princípio da retribuição não funciona bem para oferecer uma explicação do sofrimento e do mal no mundo. O termo técnico para isso é teodicéia que explica por que há sofrimento e maldade no mundo. O

princípio da retribuição não oferece uma teodicéia. O princípio da retribuição não é uma explicação de como Deus opera em todos os momentos e em todos os lugares do mundo. É uma afirmação, em parte, de quem Deus é. Isto é, Deus se deleita em trazer coisas boas para seus servos fiéis. E Deus leva a sério a punição de pessoas más, mas ele não leva essas coisas adiante porque, novamente, é um mundo caído, e nenhum de nós poderia sobreviver a isso. Ela nos fala, porém, sobre a identidade de Deus, sobre o coração de Deus. E sua identidade e seu caráter estão fadados a ter ramificações no mundo - efeitos em cascata. E é por isso que às vezes nos parece que o princípio da retribuição está funcionando às vezes. De fato, é. Mas não devemos esperar que funcione o tempo todo em todas as circunstâncias. Assim, temos a teologia; é assim que Deus se posiciona contra a teodicéia; isso explica a vida como a experimentamos. São posições contrastantes. E o Livro de Jó realiza uma cirurgia radical para separar os dois, para que não cometamos o erro de pensar que a teologia leva a uma teodicéia.

Deus não precisa de defesa [23:08-24:18]

A justiça de Javé deve ser aceita com base na fé, em vez de elaborada filosoficamente em uma análise momento a momento de nossas experiências. Ele não precisa ser defendido. Em certo sentido, a teodiceia, nossas tentativas de teodiceia, são um pouco um insulto a Deus. Ele não precisa da nossa defesa, e realmente não estamos em posição de defendê-lo com muita habilidade. Ele não precisa ser defendido. Ele quer ser confiável. Toda a constelação dos atributos de Deus está operando de maneira complexa e coordenada. Nunca podemos dizer quando Deus vai escolher a justiça ou quando ele vai escolher a misericórdia. Nunca podemos dizer onde sua compaixão pode substituir algo que ele deveria estar fazendo. A justiça faz parte dessa constelação, mas não supera todos os outros atributos que Deus tem.

Jesus mudando de causa para propósito, teodiceia para teologia [24:18-27:59]

Aqui está uma maneira que pode nos ajudar a resolver isso. No Novo Testamento, Jesus é confrontado e desafiado com questões sobre princípios de retribuição

. Em João 9, o cego de nascença, os discípulos veem uma grande oportunidade. Aqui está este homem que nasceu cego. E a pergunta que eles fizeram a Jesus é a questão do princípio da retribuição . "Quem pecou, este homem ou seus pais." Veja, este é um grande enigma porque se for, como poderia ter sido o homem que pecou porque nasceu assim? E se foram seus pais, como é que o homem sofre por isso? E assim, este é apenas o ponto chave. E eles provavelmente estavam, você sabe, muito animados porque agora eles vão obter uma resposta para a pergunta das eras porque Jesus está na frente deles. E então, eles dizem: "Quem pecou, este homem ou seus pais?" Agora você pode ver que a pergunta deles é uma questão de teodicéia. Que explicação explicará o sofrimento desse homem? Então, quando eles fazem uma pergunta de causa, é uma questão de teodicéia e meio que se move em direção a uma teologia expandida, que é o que Jesus faz. Jesus os desvia da teodicéia para a teologia. Não é intrigante que ele diga: "Nem este homem, nem seus pais?" Naquela época, os discípulos pararam meio excitados. E agora eles estão dizendo: "Oh não, ele está fazendo isso de novo." Ele está fazendo isso de novo; ele não vai responder à pergunta que fizemos; ele vai responder à pergunta que deveríamos ter feito. Ele diz: "Não foi este homem nem seus pais, mas para que o filho de Deus seja glorificado".

Agora é realmente uma pergunta interessante porque o que ele faz é basicamente dizer, não olhe para o passado e faça a pergunta sobre a causa; você não está recebendo essa resposta. Em vez disso, o que Jesus responde, Jesus não lhes dá uma causa. Ele não lhes dá uma explicação sobre o passado. Mas ele diz que o que você deve fazer é voltar sua atenção para o futuro e buscar um propósito. A glória de Deus é um propósito. Não é uma causa. Não é um motivo. E assim, Jesus desvia a atenção deles do passado e da causa para olhar para o propósito. Nenhuma explicação para o sofrimento é dada. Nenhum é possível; nenhum é necessário.

Temos que confiar na sabedoria de Deus e buscar seu propósito. Então, Jesus dá o mesmo tipo de resposta. E é a mesma resposta que Jó acaba recebendo. Confie na sabedoria de

Deus e busque seu propósito. Não espere obter explicações sobre a causa. Não se trata de razões.

Jesus e Lucas 13 Torre em queda [causa para mudança de propósito] [27:59-29:52]

Jesus é, novamente, confrontado com isso em Lucas capítulo 13, versículos um a cinco. Aqui ele é questionado, e essa torre que desabou sobre as pessoas enquanto elas estavam lá para um festival? Como você explica esse tipo de desastre de aparência aleatória? E, novamente, Jesus desvia a atenção deles da causa. Isso não tem nada a ver com quem era justo e quem era mau. Ele afirma que uma correspondência individual entre pecado e punição não deve ser feita, mas sim, ele os encoraja a ver o incidente como um aviso. Ele se recusa a abordar a questão da causa e direciona a atenção de sua audiência para o propósito de tais incidentes, avise-nos.

Eles nos exortam a pensar, em termos diferentes, a pensar em como a vida pode acabar tão rapidamente, a pensar em como o sofrimento pode surgir. Não se trata de uma correspondência um-para-um.

Então, vemos que quando Jesus aborda as questões do princípio da retribuição com as quais ele se depara, ele consistentemente se afasta de dar razões ou explicações para a causa. E isso é uma grande parte do que o Livro de Jó fará quando começarmos a ajustar nossas expectativas ao pensarmos sobre nossas próprias experiências no mundo.

Agora estamos prontos para entrar no próprio Livro de Jó, seção por seção. E começaremos isso na próxima parte.

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 7, Fundamento Teológico do Livro de Jó, Triângulo do Princípio da Retribuição . [29:52]

O Livro de Jó
Sessão 8: Cena na Terra
Por John Walton

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 8, Cena na Terra.

Introdução: Jó 1:1-5, a Terra de Uz [00:22-1:26]

Então, agora estamos prontos para entrar no verdadeiro Livro de Jó. Nós conversamos sobre isso. Já falamos sobre vários aspectos dele e agora estamos prontos para falar sobre o conteúdo do livro em si. Neste segmento, vamos lidar apenas com a cena na terra, os primeiros cinco versículos do livro. E assim, somos apresentados a Jó como alguém da terra de Uz. Isso significa que ele é um estrangeiro e vem de algum lugar obscuro e misterioso, apenas no perímetro do mundo conhecido para um antigo público israelita. Então, ele é dessa misteriosa região desértica, uma região do deserto da Síria, talvez associada a Edom. É uma área conhecida por sua sabedoria.

Seus amigos também são daquela região. Assim, por exemplo, temos um Temanite. Então, ele é de Teman. Então, é aquela região que fica ao sul e ao leste da terra de Israel. Gênesis 36 conecta Uz com Esaú, e novamente isso coloca as coisas naquela região. A interpretação mais antiga do livro de Jó, encontrada na Septuaginta, localiza Uz entre a Iduméia e a Arábia. Então, novamente, basicamente, aquela região. Então, como mencionamos, Jó não é um israelita; ele é um estranho a esse respeito, embora o livro trate de questões israelitas e seja dirigido a um público israelita.

Caráter e ações de Jó no extremo [1:26-3:58]

Encontramos na descrição do próprio Jó que tudo é pintado em extremos. Portanto, Jó é inocente. A palavra hebraica é *tam*, e ele está na posição vertical, *yashar*. Estes referem-se respectivamente ao seu caráter e suas ações. E então, aqui está a pessoa que é fiel em todos os sentidos. Ele é um homem íntegro. Não há culpa associada a ele ou culpa. Ele é alguém que se comporta de acordo com as expectativas de Deus e desfruta do favor de Deus. Se procurássemos palavras opostas para descrever Jó, procuraríamos palavras

como alguém que é proclamado culpado ou considerado perverso , que está sob condenação. Jó não é essas coisas. As palavras que o descrevem são os opostos dessas. Ao mesmo tempo, essas não são palavras de perfeição sem pecado. Jó não está no reino divino em termos de comportamento, mas é o melhor que uma pessoa pode ser, o melhor que um ser humano pode ser.

Ele teme a Deus, a palavra para Deus aqui é Elohim, não Javé. Então, ele teme a Elohim. Isso significa que ele o leva a sério com base no que se sabe dele. Temos outras pessoas de fora de Israel descritas dessa maneira. Por exemplo, os marinheiros do Livro de Jonas são descritos como tementes a Deus. E isso é baseado no pouco que sabem dele. Mesmo no livro de Gênesis, Abimeleque é descrito dessa forma em contraste com Abraão, que tem um relacionamento pessoal com o Senhor. Portanto, todos esses termos retratavam Jó na posição mais elevada possível. E, novamente, mencionamos o uso de extremos para descrever as coisas.

Posses de Jó no extremo [3:58-4:46]

Agora suas posses e seu status também estão no reino ideal. Eles não são necessariamente planejados, mas tudo é imenso. Então, esses são estereótipos de quanto gado, quantos camelos, quantas ovelhas e cabras, tudo é retratado em termos ideais. Ele alcançou sucesso e prosperidade pelos padrões mais altos possíveis. E assim, novamente, dessa forma, temos extremos retratados. Só porque são extremos não significa que não sejam verdadeiros ou precisos, é claro. Mas temos que notar que os extremos são muito importantes para que tirem da mesa essas respostas fáceis. Então, aqui temos a descrição de Jó.

A Piedade de Jó: práticas rituais [4:46-6:24]

Agora, o que é indiscutivelmente o mais intrigante dessas questões é a questão de sua piedade. Nos versículos quatro e cinco, uma cena é descrita para nós quando seus filhos e filhas se reuniam para, aparentemente, festas de aniversário ou banquetes de algum tipo. Jó teria esse ritual que ele realizou depois. É uma configuração que aborda que existe

apenas a possibilidade externa de que alguma ofensa tenha sido cometida. Se lermos os versículos, eles dizem: "Seus filhos costumavam realizar festas em suas casas em seus aniversários. E eles convidavam suas três irmãs para comer e beber com eles. Quando um período de festa terminava, Jó fazia arranjos para que fossem purificados. De manhã cedo, ele sacrificava um holocausto por cada um deles, pensando: 'Talvez meus filhos tenham pecado e amaldiçoado a Deus em seus corações'. Este era o costume regular de Jó." Então, encontramos essa prática. É também no cenário do banquete que eles finalmente encontram sua morte no capítulo um, versículos 18 e 19. Eles estão realmente banqueteadando quando a casa desaba sobre eles e o fogo, e eles perdem a vida. Jó está preocupado que eles talvez tenham amaldiçoado a Deus em seus corações.

Crianças amaldiçoando "em seus corações" [6:24-7:07]

Agora, essa ideia "em seus corações", quando você usa isso para aplicar a um indivíduo, refere-se a pensamentos privados, mas não se trata deles como indivíduos. É sobre suas reuniões corporativas, seus banquetes. Quando um grupo de pessoas faz parte da cena, pode se referir ao pensamento corporativo ou compartilhado de forma confidencial. E encontramos lugares em Deuteronômio como Deuteronômio 8:17, 18:21 e, da mesma forma, Salmo 78:18, onde essa ideia de "em seus corações" é uma conversa corporativa ocorrendo.

Amaldiçoar/abençoar a Deus [7:07-10:59]

Além disso, quando diz "Deus amaldiçoado em seus corações", não usa a palavra hebraica para "maldição". Ele usa a palavra hebraica para "abençoar". E assim, este é um uso eufemístico de "abençoar". Colocar a palavra "maldição" e Deus lado a lado era considerado de mau gosto. E assim, eles usaram o bendito Deus. Então, isso realmente diz que talvez "eles tenham abençoado a Deus em seus corações". Agora, este é apenas o primeiro de uma boa interação entre bênção e maldição nesses primeiros capítulos de Jó. Assim, em 1.11, também em 2.5, o Desafiador é sugerido que Jó abençoará, isto é, amaldiçoará a Deus em sua face, em contraste com os temores que Jó tinha, de que seus

filhos pudessem abençoar ou amaldiçoar a Deus em seus corações. Em vez disso, Jó realmente abençoa a Deus, não amaldiçoa a Deus, embora seja o mesmo verbo que o Desafiador havia sugerido. A esposa de Jó o insta a amaldiçoar a Deus; novamente, o verbo é abençoar/amaldiçoar a Deus descaradamente e morrer no capítulo dois, versículo nove. Jó não responde com bênçãos a Deus após o segundo turno, mas também não amaldiçoa a Deus. Em vez disso, ele amaldiçoa o dia de seu nascimento. Encontramos isso no capítulo três. Além desse uso específico de termos para estabelecer um motivo literário, a estrutura narrativa subjacente também deve ser considerada ao pensarmos sobre como essas palavras funcionam. Na narrativa, lembre-se de que Deus abençoou Jó com filhos e posses no capítulo um, versículo 10. Não apenas isso, mas Deus abençoou Jó oralmente ao elogiá-lo ao Desafiador. Às vezes, uma bênção é realizada pelo louvor. A natureza dessa bênção oral, Deus abençoando Jó na frente do Desafiante, torna-se uma maldição em certo sentido, pois foi a base para o desafio que leva à perda da prosperidade material de Jó.

Eventualmente, é claro, Deus restaura essa bênção material à medida que nos aproximamos do final do livro. Portanto, a antítese da maldição permanece como um elemento significativo de um motivo no livro. Agora, o que exatamente estaria envolvido em amaldiçoar a Deus? Como seria isso? Amaldiçoar a Deus pode ser pensado de várias maneiras. Usar o nome de Deus e um juramento frívolo seria uma maneira. Usando o nome de Deus junto com palavras de poder. Então, um feitiço ou algo desse tipo. Usando palavras de poder contra um Deus, em algo como um encantamento. Mesmo falando de forma depreciativa, desdenhosa ou caluniosa sobre Deus, basicamente insultando a Deus. Desprezar Deus afirmando implícita ou explicitamente que Deus é impotente para agir, ou que Deus é corrupto em suas ações ou motivos, que Deus tem necessidades ou que Deus pode ser manipulado, tornando-o menos do que Deus.

Agora, Jó provavelmente faz algumas dessas acusações contra Deus, mas ele está expressando raiva, não desprezo. E ainda mantém a integridade, como falaremos mais

adiante. Talvez seja melhor pensar em amaldiçoar a Deus como envolvendo renúncia desdenhosa, negando, negligenciando as devidas honras. E, claro, Jó não fez isso.

Comportamentos Rituais de Jó, Deus como Mesquinho [10:59-14:52]

O mais importante em toda essa cena é tentar entender o comportamento ritual de Jó. O que Jó faz não indica tanto o que ele pensa sobre seus filhos, mas sim o que ele pensa sobre Deus. O que esta cena nos versículos um a cinco nos diz sobre o que Jó pensava sobre Deus? Jó está considerando a possibilidade de que declarações descuidadas de seus filhos e filhas possam ser feitas no contexto do banquete e que Deus se ofenda com tais declarações descuidadas e não muito elogiosas.

Apesar talvez até das intenções inocentes do falante, sabemos que isso era considerado uma possibilidade real no mundo antigo. Temos uma peça assíria chamada Oração a Todos os Deuses. E nela, o adorador fica muito preocupado por aparentemente estar sofrendo algumas experiências negativas. Esta oração está tentando trabalhar em direção a uma solução. Ele diz, "se eu inadvertidamente pisei em um lugar que é sagrado para meu deus ou para minha deusa ou para um deus que eu não conheço, ou para uma deusa que eu não conheço. Se eu talvez tenha pronunciado um palavra que é ofensiva para meu deus ou para minha deusa ou verdadeiro deus que eu não conheço, ou uma deusa que eu não conheço." E ele passa por toda essa lista de coisas que ele pode ter feito inadvertidamente que podem ter ofendido seu deus ou sua deusa ou o deus que ele não conhece ou a deusa que ele não conhece.

Podemos ver então que uma oração como essa é uma expressão da ideia de que os deuses podem ser bem mesquinhos. Eles podem estar exigindo coisas que os seres humanos não teriam como saber. O caráter e o comportamento de Jó são irrepreensíveis. Mas, no meu entendimento, esses dois versículos sobre a devoção ritual de Jó sugerem que sua visão de Deus pode ser falha. Isso sugere que ele pode estar pensando em Deus como mesquinho.

É esse tipo de expressão que abre caminho para o desafio contra ele pelo Challenger. Se Jó está inclinado a pensar em Deus como mesquinho, ele pode muito bem estar pronto para pensar isso, que na verdade tudo se trata de benefícios e não de justiça em si. Trata-se de tentar agradar a um Deus facilmente ofendido.

Então, estou inclinado a pensar que os versículos quatro e cinco no capítulo um não são realmente parte das caracterizações positivas de Jó. Na verdade, mostra onde pode estar a fraqueza em sua armadura, pois ele já está pensando em Deus como mesquinho. E o fato é que, em seus discursos, isso vai voltar, e ele vai expressar essas coisas de forma mais direta.

Resumo de Jó 1:1-5 [14:52-15:19]

Assim, nos versículos um a quatro, temos uma configuração para a continuação da narrativa. Aprendemos que Jó é irrepreensível. Também descobrimos que há uma brecha em sua armadura e que pode ser explorada. Descobriremos mais sobre isso quando a cena no céu começar.

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 8, Cena na Terra. [15:19]

O Livro de Jó

Sessão 9: Cena no Céu, Parte 1

Por John Walton

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 9, Cena no Céu. Parte 1.

Conselho Celestial [00:23-1:36]

Agora a cena no Livro de Jó muda para a corte celestial. É dia de audiência. Yahweh está realizando uma audiência e seu conselho divino está reunido. Os filhos de Deus, que são os membros do conselho, vêm diante dele para fazer seus relatórios. Quando os membros do conselho fazem relatórios, não é para sugerir de alguma forma que Deus é menos do que onisciente; é só que Deus escolheu trabalhar com o conselho. Encontramos essa figura na Bíblia em vários lugares 1 Reis 22, aqui em Jó, Isaías 6: "Quem enviarei, quem irá por nós?" Salmo 82 e vários outros lugares. É assim que apresenta as obras de Deus.

Estes não são outros deuses, como são em algumas das outras culturas antigas, pois pensam em um conselho divino, mas Deus escolheu trabalhar por meio de um conselho. Deus não precisa de outros seres. Ele não precisa de ninguém para aconselhá-lo, mas se ele decidir trabalhar dessa forma, isso é problema dele.

O caráter de hasatan [1:36-5:23]

Então, os filhos de Deus se reuniram e Satanás está entre eles. Agora, se dissermos assim, ficamos um pouco confusos porque estamos acostumados a pensar em Satanás como o vilão, o diabo; que não pertence, mesmo no céu, muito menos entre os filhos de Deus. Então, vamos ter cuidado aqui. Este personagem vem. Quem é ele? O texto está a um passo de falar dele como Satanás.

Sei que a maioria das traduções traduz Satanás com S maiúsculo e imediatamente nos faz pensar em um nome pessoal ligado ao diabo. Mas aqui o texto hebraico não é apresentado como um nome pessoal. Ele coloca um artigo definido nele. Em hebraico, isso é "ha".

Então, é hasatan. Satanás é uma palavra hebraica. Você não sabia e sabia um pouco de hebraico. Então, este é hasatan, o satanás. Agora isso significa que não é um nome pessoal. E isso realmente significa que não devemos capitalizá-lo, para ser justo. Quero dizer, não deveríamos. Mas descreve um papel. Satanás, como mencionei, é uma palavra hebraica. E é uma palavra que pode funcionar tanto como verbo quanto como substantivo. E precisamos ver como essa palavra funciona.

Quando é um verbo, sugere que há alguma oposição, ser um adversário, desafiar alguém, todos esses tipos de coisas. Pode ser realizada por seres humanos, ou seja, por outros reis que desafiam Salomão, por exemplo. Isso pode ser feito por pessoas em um tribunal, um advogado de acusação. Isso pode até ser feito pelo anjo do Senhor que desafia o movimento de Balaão em Números. 22, está em seu caminho como satanás. Portanto, não há nada intrinsecamente mau nesse papel. Encontramos seres humanos neste papel. Também encontramos seres não humanos como o anjo do Senhor que mencionei, que desempenha essa função nessa passagem específica.

E, claro, aqui em Jó está esse personagem em particular. Mas esse personagem, esse desafiador, e esse é o termo que prefiro; este desafiante está entre os filhos de Deus. Ele está no conselho divino. Ele não é retratado como o diabo.

De fato, no Antigo Testamento, o uso de satanás não sugere o diabo. É aplicado apenas a um ser não humano, como neste caso em algumas outras instâncias. Um deles está no capítulo três de Zacarias, no qual ele se opõe, ele desafia o direito do sumo sacerdote de ser restaurado. Esse é um desafio apropriado. Deus o repreende e oferece sua própria orientação sobre por que isso pode acontecer. Em 1 Crônicas 21, refere-se a Satanás, que incita Davi a fazer um censo. E assim, temos apenas essas duas ocorrências, dificilmente o suficiente para construir um perfil.

O Desafiador [5:23-6:15]

Mas aqui ele está entre o conselho celestial, os filhos de Deus. A ideia de que se refere a alguém que desafia, seja qual for o contexto, seja para o bem ou para o mal, seja entre os

humanos ou entre as hostes celestiais, é alguém que desafia, que assume uma posição adversária, enquadra-se no perfil do que encontramos com a palavra.

Não se torna um nome pessoal para o diabo até que estejamos bem fora do período do Antigo Testamento. Na literatura pseudepigráfica, aquela literatura do período do segundo templo, entre os testamentos e além, refere-se a muitos demônios, não apenas um. Não é um nome pessoal para o diabo.

O desafiante como agente de Deus [6:15-8:36]

Aqui em Jó, o *hasatan*, o Desafiador, é o agente de Deus. Ele foi enviado com uma tarefa. Ele está voltando para relatar. Ele está fazendo a vontade de Deus e a vontade de Deus. Ele é o agente de Deus.

Agora, como ele é um desafiante? Bem, aqui descobrimos que ele desafia as políticas de Deus. Já falamos sobre isso. Ele o faz apropriadamente. Isto é, é verdade que se as pessoas justas continuarem a receber benefícios, isso pode subverter sua retidão e dar-lhes um motivo oculto. Isso é verdade. Isso não é uma falsa acusação exagerada.

E assim, descobrimos que este agente de Deus está fazendo o trabalho que Deus lhe deu para fazer. Jó não é seu alvo. Deus é quem criou Jó. O alvo de seu desafio são as políticas de Deus. Jó é simplesmente um caso de teste lógico, porque ele é a pessoa correta por excelência. Portanto, nesse sentido, não precisamos pensar no Desafiador como desempenhando um papel do tipo demônio. Ele não é tentador. Ele não está possuindo. Ele não está mentindo. Não há risada diabólica enquanto ele arruína Jó. Na verdade, ele só age em nome de Deus. Deus lhe dá liberdade de ação e Deus aceita a responsabilidade de arruinar Jó. Ninguém no resto da história imagina que haja algum outro agente envolvido na ruína de Jó. É Deus quem tem feito isso. Deus está sendo responsabilizado por Jó. Deus é visto como responsável. Deus atingiu Jó tanto quanto o Desafiador.

Challenger não retratado como mau [8:36-10:11]

E é interessante que às vezes pensamos, quando consideramos o Desafiador como o diabo, pensamos nele como tendo grande prazer e arruinando Jó. Considerando que Deus,

muito tristemente, experimenta isso. O texto não diferencia em como cada um responde. Nenhum dos personagens carece de uma resposta particularmente ou tem uma resposta particularmente simpática. O que quer que o Desafiante faça, ele o faz através do poder de Deus. E Deus diz isso. "Você me incitou a arruiná-lo", capítulo 2. Nada intrinsecamente mau emerge na representação do Desafiante feita pelo autor. Ele é um personagem neutro fazendo o que é seu trabalho fazer. Novamente, sem tentação, sem corrupção, sem depravação. Este não é um perfil do diabo. Este é um perfil independente que temos que derivar do próprio texto. O fato de que o próprio anjo do Senhor pode desempenhar o papel de satanás sugere que não é intrinsecamente mau.

Challenger como uma construção literária [10:11-11:27]

O Desafiador é um personagem usado pelo autor de maneiras que correspondem ao que era conhecido pelo público israelita. Lembre-se, falamos sobre isso ser uma construção literária e, portanto, todos os personagens são apenas isso, são personagens literários, desempenhando um papel, independentemente de ser realmente o ser que o Novo Testamento designa como o diabo. O livro de Jó precisa ser interpretado com base no perfil que estava disponível para o público-alvo como israelitas, não um público greco-romano posterior – o Novo Testamento.

O Desafiante, na verdade, tem muito pouco significado teológico no livro. Ele apenas ajuda a definir o cenário ao questionar os motivos de Jó e desafiar as políticas de Deus. Ele não é apresentado como aquele que pode ser culpado pelo sofrimento de Jó. O livro certamente não está sugerindo que devemos procurar a culpa no diabo quando estamos sofrendo; esse não é o ensinamento do livro.

Challenger como personagem secundário no livro [11:27-12:30]

Seu papel não fornece uma explicação para o sofrimento ou o mal em nossas experiências ou no mundo. Ele é um personagem menor desempenhando um papel pequeno no drama que se desenrola. E damos a ele muita atenção por nossa conta e risco, porque distorce a mensagem do livro. Este é um funcionário celestial desempenhando seu

papel designado para trazer o desafio aos tribunais de Deus. Isso é o que ele está fazendo.

Ele faz isso bem. Ele define uma cena para o livro.

E assim, passamos a descobrir se a retidão de Jó resistirá ao teste. Lembre-se, o sofrimento é a única maneira de testar a coragem da retidão de Jó. E assim, o sofrimento é um caminho que o livro vai percorrer.

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 9, Cena no Céu, Parte 1. [12:30]

O Livro de Jó

Sessão 10: Filhos de Deus e Satanás

Por John Walton

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 10, Filhos de Deus e Satanás.

Relatório do Desafiante [00:23-1:03]

Assim, a famosa cena se desenrola nas cortes celestiais. Deus chama o Desafiante para fazer seu relatório. O que você encontrou? Novamente, esta é simplesmente a conversa que abre a situação para nós. Não é de alguma forma uma expressão de Deus que não sabe o que está acontecendo. Ele encarregou o Challenger de ir e descobrir coisas e trazê-las. E assim, o Desafiador está desempenhando o papel designado e Deus está reunindo informações. Isso é o que qualquer bom rei faria. Então, é pintar essa situação nesses termos.

Questão de Retidão Desinteressada [1:03-2:27]

O Challenger traz o caso, como observamos antes. Ótimo, veja o que você fez por Jó. Você deu a ele tudo isso. E ele diz que você colocou uma cerca ao redor dele e de sua casa, tudo o que ele tem. Você abençoou o trabalho de suas mãos para que seus rebanhos e manadas se espalhem por toda a terra. Mas sim, você facilitou bastante para ele; mas Jó serve a Deus por nada? Já levantamos isso. É o caso da retidão desinteressada, ou seja, retidão sem interesse próprio. Jó serve a Deus por nada? Esse desafio atinge o cerne do princípio da retribuição e da grande simbiose, os termos sobre os quais falamos. E o livro vai acabar sendo um corretivo para tudo isso.

Irá Jó "amaldiçoar" [barak] a Deus? [2:27-3:52]

Então, temos este desafio: como Jó responderá ao sofrimento? Lembre-se de que falamos sobre Jó como a principal testemunha da defesa, a defesa das políticas de Deus. A maneira como ele responderá será importante para determinar se abençoar pessoas justas é uma política aceitável.

Agora, o Desafiador sugere que Jó amaldiçoará a Deus na cara dele. Já falamos sobre essa terminologia antes de abençoar e amaldiçoar todo lugar em Jó 1 e 2, onde o texto fala sobre amaldiçoar a Deus nas traduções; a palavra hebraica usada é o verbo hebraico "barak", que significa abençoar. Então, novamente, nesses contextos, no capítulo um, versículo 5, versículo 11, capítulo dois, versículos 5 e 9 nesses contextos, barak, que significa abençoado, está sendo usado eufemisticamente para se referir à maldição. E é traduzido como "abençoado" no capítulo um, versículo 10 e versículo 21. Esse uso de eufemismo produz uma justaposição estranha, já que o Desafiador afirma que Jó vai barak Deus na cara dele, significando maldição, mas em contraste, Jó baraks Deus, significando abençoar em 1.21. E assim, cria um tipo muito interessante de jogo de palavras enquanto trabalhamos na passagem. E a decisão de saber se barak é um eufemismo ou se realmente significa "abençoado" depende do contexto da frase.

Desastres Extremos 3:52-4:35]

Agora, é claro, uma vez que o Challenger tenha carta branca, há uma tragédia resultante. Existem inimigos humanos. Há julgamento divino do céu. Há o que poderia ser chamado de desastre natural, tudo em rápida sucessão. Mais uma vez, o fato de todas as áreas serem cobertas traz um desastre absoluto. "Apenas eu escapei" de que eles vêm em rápida sucessão faz parte do quadro extremo. Tudo tem que ser repentino e total para que toda a imagem do livro funcione.

Resposta de Jó [4:35-5:50]

Em contraste, olhamos para as respostas de Jó. Em primeiro lugar, ele se envolve nos atos comuns de luto. E assim temos isso descrito para nós. A prostração é uma resposta a algo notável que Deus fez e representa reconhecimento e aceitação. E assim, Jó se prostra diante de Deus. Observe novamente e ele considera isso um ato de Deus, não um ato independente de algum agente maligno. Ele termina seu discurso com a invocação de bênção em nome de Deus. "Nu, saí do ventre de minha mãe, nu, partirei. Iahweh deu, Iahweh tirou. Louvado seja o nome de Iahweh."

É interessante que ele usa o nome de Javé aqui na boca de Jó, mas em todos os discursos e discursos, Javé nunca é usado até chegarmos aos discursos de Javé no capítulo 38. Jó sempre se refere a Deus como El ou Elohim ou El Shaddai , nunca Javé, exceto aqui no prólogo e depois nos discursos de Javé.

Jogo de Bênção/Maldição na Palavra Barak [5:50-7:20]

O Challenger disse que amaldiçoaria o nome de Deus. O discurso de Jó termina com a bênção do nome de Deus. Mas é exatamente o que o Challenger disse que faria e exatamente o oposto. O desafio é que ele iria barak, e ele baraks. Portanto , é o mesmo que o Challenger disse, mas é o oposto. OK? Como o Desafiador estava usando isso como um eufemismo, Jó abençoa a Deus na cara dele, mas sem conotação eufemística. Jó não está chamando Deus para prestar contas. Se Deus dá ou tira, ele deve ser louvado. Deus não nos deve nada.

Agora, esta é uma resposta admirável e louvável. Descobriremos, é claro, que Jó não consegue manter esse tipo de resposta pura ao longo do livro. Mas é mais fácil no começo do que com o passar do tempo. Acho que muitos de nós achamos assim. Quando enfrentamos situações difíceis prolongadas, é um pouco mais fácil ser forte no começo, mas as coisas se deterioram com o passar do tempo. O livro nos diz "que em tudo isso Jó não pecou, acusando Deus de transgressão". No entanto, ele considerou Deus quem fez isso, mas ele não está tentando responsabilizar Deus.

Informação Oculta: Cena Celestial [7:20-9:39]

Agora, na estratégia retórica do livro, como funciona essa primeira cena no céu? Bem, em primeiro lugar, isso nos indica que Jó é realmente inocente de qualquer transgressão. Elimina então as respostas usuais do antigo Oriente Próximo, como mencionei anteriormente. Abre espaço para algumas novas soluções para pensar de forma diferente sobre a situação. Novamente, todos os extremos criam esse espaço para consideração. Mais uma vez, isso nos mostra que o trabalho não está em julgamento. A cena no céu tem como alvo as políticas de Deus. Job é apenas o caso de teste.

Também descobrimos que a cena no céu introduz o conceito de informação oculta. Lembre-se de que nem Jó nem seus amigos jamais aprenderão sobre essa cena no céu. Eles nunca saberão o que aconteceu. Jamais terão qualquer explicação sobre o que instituiu tudo isso. Eles nunca saberão. E assim, nesse caso, Jó não recebe razões, respostas ou explicações de qualquer tipo. E assim, já vemos como as informações ocultas vão funcionar no livro. Notamos que Deus iniciou a conversa e aprovou o curso de ação. Ele assume a responsabilidade por isso. E assim, novamente, descobrimos que o Desafiante é simplesmente um catalisador simplesmente, narrativamente falando, para esse conjunto particular de circunstâncias que se desenrolam.

A cena no próprio céu é removida do conhecimento de Jó. E, portanto, não existe para nos dar, como leitores, uma razão nos bastidores pela qual podemos nós mesmos responsabilizar Deus ou avaliá-lo. É, ao contrário, tirar todas essas coisas de cena para que possamos discutir toda essa ideia de como pensamos sobre Deus.

As políticas de Deus não podem ser reduzidas a uma equação [9:39-10:16]

Jó pensou em termos do princípio da retribuição. Ele pensou que as ações de Deus poderiam ser reduzidas a uma equação simples. Muitas pessoas hoje pensam a mesma coisa. É sempre um erro. Então, a cena do céu, essa primeira cena, abriu o cenário, mas ainda não acabou. Há uma segunda cena no céu, e falaremos sobre isso no próximo segmento.

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 10, Filhos de Deus e Satanás [10:16]

O Livro de Jó
Sessão 11: Cena no Céu, Parte 2
Por John Walton

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 11, Cena no Céu, Parte 2.

Introdução à Segunda Cena no Céu [00:23-1:21]

Então agora passamos para a segunda cena no céu. Jó perdeu todas as suas posses, suas ovelhas e gado, seus camelos, seus bois, seus filhos e filhas. Tudo o que ele tem está perdido. E então, novamente, temos uma conversa entre Yahweh e o Challenger. Lá no capítulo 2, versículo cinco. Não, desculpe, versículo três. "Então o Senhor disse ao Desafiador: 'Você considerou meu servo Jó? Não há ninguém na terra como ele; ele é íntegro e reto'", o mesmo tipo de coisa que ele disse na primeira vez. "E ele ainda mantém sua integridade, embora você tenha me incitado contra ele para arruiná-lo sem qualquer motivo." OK.

Incitar [1:21-4:31]

Agora eu quero olhar para essa frase um pouco. Queremos ver o uso deste verbo "incitar" em hebraico. É a raiz " *sut* ". E para aqueles que têm um pouco de hebraico, é a forma Hiphil, que às vezes é causativa. Mas aqui, às vezes, ocorre com objeto indireto e às vezes sem. Aqui o assunto é o Challenger. O verbo, é claro, é "incitar". O objeto direto é Javé "você me incitou" e o objeto indireto é Jó "contra ele para arruiná-lo". Assim, temos três partes envolvidas na sentença, o Desafiante e Javé, e Jó

Existem três outros lugares no Antigo Testamento que usam o verbo nesse tipo de contexto. Uma delas está em 1 Samuel 26:19. Ali o assunto é Javé; o objeto é Saulo; isto é, Davi está falando com Saul e diz: "se o Senhor te incitou contra mim". Então, David é o objeto indireto.

Em 2 Samuel 24:1, é o Senhor ou sua ira que incita Davi a fazer um censo. OK. Ele está incitando Davi contra Israel. Então lá, o Senhor é o assunto; Davi é um objeto direto e Israel é o objeto indireto. Em Jeremias 43 :3, Baroque é o sujeito que incita Jeremias, o

objeto direto contra Israel. Sinto muito, Jeremiah é um objeto direto; Israel é o objeto indireto. Então, temos três outros lugares além de Jó 2:3, que usam esse verbo e que tem essa configuração que tem um sujeito e um objeto direto e um objeto indireto.

Agora, se examinarmos isso, podemos aprender algo sobre o uso e como ele funciona. A ação incitada é sempre negativa para o objeto indireto. OK? A ação incitada é sempre negativa para o objeto indireto, embora não seja intrinsecamente uma ação pecaminosa ou má. Afinal, às vezes é Jeová quem está incitando. Portanto, não é intrinsecamente pecaminoso ou mau. Em Jó, como objeto direto, Yahweh é responsável pela ação contra Jó, embora o Desafiante, como sujeito, tenha influenciado sua decisão. Jó, como objeto indireto, não tem conhecimento do papel do Desafiante como sujeito. Ele apenas entende o papel de Javé. Ele é o objeto direto. O Challenger incitou Yahweh contra David; Sinto muito, Jó.

Sem causa [Hinnam] [4:31-6:24]

Então, é usado em 1:9, quando o Desafiador levantou a questão sobre se Jó servia a Deus sem motivo, essa é a palavra *hinnam* "sem motivo". Então, ele o incitou sem motivo.

Então isso é usado em 2:3. Também foi usado em 1:9 sobre se Jó servia a Deus sem motivo. Assim, Jó serve a Deus sem motivo; agora, o Desafiador incitou Javé contra Jó sem motivo. É a mesma palavra hebraica *hinnam*.

Isso pode se referir a algo feito em vão. Por exemplo, em Ezequiel 6:10, ou algo feito desnecessariamente como em 1 Samuel 25:31, ou mesmo algo feito sem compensação, Jeremias 29:15. E claro, esse é o significado em Jó 1:9 que é feito sem compensação. Na maioria dos casos, refere-se a algo feito sem causa, ou seja, tratamento imerecido. E aqui estariam passagens como 1 Samuel 19:5 ou 1 Reis 2:31.

Então, temos o cenário preparado para nós onde esta declaração foi feita por Yahweh. "Você me incitou contra ele sem motivo." Agora, descobrimos que Deus não está empurrando a responsabilidade ou a culpa para o Desafiador. O Challenger incitou, mas isso não é uma coisa intrinsecamente má de se fazer. Mas foi isso que aconteceu. E,

novamente, Jó não saberá nada sobre o papel do Desafiador, absolutamente nada. Nunca é dito a ele.

Diferença entre a Primeira e a Segunda Cenas Celestiais [6:24-7:18]

Então, qual é o resultado desta segunda rodada? Nesta segunda rodada, temos um pouco de diferença. A primeira rodada tirou todas as coisas positivas, a prosperidade. A segunda rodada adiciona um negativo. Aqui temos o sofrimento físico. Então, a ideia, e isso é apresentado pelo Challenger, a ideia é, bem, qualquer um pode aguentar quando perde todas as suas coisas, mas quando você começa a causar dor, agora isso vai aparecer. E assim, Deus dá permissão para isso também. Então, esse segundo round é diferente porque acrescenta sofrimento físico. A primeira rodada trouxe angústia mental associada à perda e luto e a segunda trouxe problemas físicos associados à dor.

Despejo da cidade: expulso e condenado ao ostracismo [7:18-8:18]

A doença de pele que Jó apresenta o teria levado à expulsão da cidade e ao ostracismo. Realmente não podemos dar um diagnóstico médico disso, mas as doenças de pele eram tratadas dessa forma no mundo antigo; isso é motivo para ser condenado ao ostracismo. E assim, ele é expulso da cidade e acaba no que o texto chama de monte de cinzas. Isso é como o lixo da cidade. Não é só lixo que foi jogado lá; é esterco que é jogado lá. Job acaba sentado no lixo da cidade. Isso mostra o quão baixo ele foi. Ele foi reduzido até aqui. Portanto, não são apenas as cinzas que o tornam ruim; isso não é ruim o suficiente para descrever a situação em que ele está.

Estratégia retórica [8:18-9:19]

Então, qual é a estratégia retórica dessa segunda cena no céu? Assegura que Jó tenha todas as oportunidades de abandonar a Deus se seu único motivo para a fidelidade for obter benefícios. Mais uma vez, agora ele não sofreu apenas uma perda. Ele está sofrendo de dor. Isso garante que ele tenha todas as chances de abandonar Deus, para descobrir quais são realmente seus motivos. Tolerar a dor é diferente de tolerar a perda. Então, essa cena se intensificou e a situação de Jó piorou ainda mais.

Então, é nesse contexto que ele encontra sua esposa e seus três amigos. E vamos lidar com o papel que cada um tem e suas respostas a eles no próximo segmento.

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 11, Cena no Céu, Parte 2. [9:19]

O Livro de Jó

Sessão 12: Papel da Esposa e dos Amigos

Por John Walton

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 12, Papel da Esposa e dos Amigos.

Introdução [00:23-00:42]

Vamos dedicar alguns minutos e olhar para os amigos de Jó e sua esposa, e vamos falar sobre os papéis que eles desempenham. Claro, eles aparecem no final do capítulo dois aqui. E assim, somos apresentados a eles na trama. Vamos dar uma olhada em como tudo isso está funcionando.

Amigos como tendo papéis individuais [00:42-2:55]

Vamos começar com os amigos. Em primeiro lugar, podemos pensar nos amigos como indivíduos. O livro realmente não usaria três amigos se cada um não tivesse um papel. Temos que pensar neles, então, como tendo perfis individuais. Mais uma vez, como você deve se lembrar, estou tratando isso como uma construção literária. Assim, os três amigos, muito intencionalmente, cumprem três papéis. É isso que o autor quer fazer com eles. É assim que seus personagens são usados. E, como leitores, não devemos simplesmente agrupá-los e pensar neles como um grupo corporativo. Mas antes tente ver o papel que cada um desempenha.

Elifaz, ao fazer suas explicações, seu comentário a Jó está centrado no peso das experiências pessoais. Conhecemos pessoas assim. Eles nos falarão sobre suas vidas e suas histórias e o que viram, vivenciaram ou concluíram. A conversa deles é baseada nas experiências pessoais que eles tiveram.

Bildad está mais inclinado a falar sobre a sabedoria dos tempos. Ele é o filósofo entre o grupo. Vamos pensar em como as pessoas sempre pensaram sobre essas coisas. Então, deixe-me entregá-lo a você por uma pessoa educada. Aqui está a sabedoria de todos os tempos.

Zofar está mais inclinado a encontrar entendimento em um sistema de pensamento. Vamos sistematizar as coisas. Tudo é preto e branco se o organizarmos corretamente. E assim, temos essas três personalidades, esses três personagens: experiência, sabedoria dos tempos e sistematização. E assim, cada um tem seu próprio papel a desempenhar.

O papel do amigo como um grupo [2:55-4:30]

Ao mesmo tempo, é claro, eles estão agindo como um grupo, também, há certas coisas que todos têm em comum. Assim, os amigos representam coletivamente os sábios do mundo antigo. Estas deveriam ser as pessoas mais sábias ao redor. Se alguém tem uma resposta, se existe alguma explicação, essas são as pessoas; esses são os especialistas. Você tem o melhor do mundo aqui, classificado um, dois e três. Não sei qual é qual, mas aqui estão. Então, eles estão lá para apresentar o auge da sabedoria no mundo antigo. Mas no livro, como já mencionamos, eles são contrastantes. O livro está brincando com eles. Porque mesmo tendo essa reputação de serem os mais sábios dos sábios, no final, eles são tolos. O livro rejeita a sabedoria que eles têm a oferecer como sendo um raciocínio superficial, inadequado e falho, construído sobre suposições frágeis. Aqui eles vêm como representantes da sabedoria e, em vez disso, são descartados como tolos equivocados. É uma estratégia interessante para o livro pegar o melhor que o mundo tem a oferecer e virá-lo de cabeça para baixo e rejeitá-lo sumariamente.

Amigos como representantes do Challenger [4:30-7:28]

Os amigos desempenham coletivamente o papel de representantes filosóficos do Desafiante. Deixe-me explicar isso. Lembre-se, o Desafiador disse: "Será que Jó serve a Deus de graça?" Os amigos representam o pensamento do princípio da retribuição; lembre-se, é onde eles constroem seu forte. Isso significa que eles estão trabalhando no princípio da retribuição e, portanto, trabalhando na suposição de que as pessoas recebem o que merecem.

Portanto, quando Jó sofre, eles concluem facilmente que ele deve estar sofrendo porque fez algum grande mal. Eles não sabem o mal que ele fez. Eles fazem suas suposições

aleatórias ao longo de seus discursos, mas não sabem. Eles não têm provas. Eles não viram nada disso com seus próprios olhos, mas assumem que deve ser verdade. E então eles chegam à conclusão de que Jó tem alguns problemas sérios para resolver e que ele precisa fazer isso. Confesse esses pecados, sejam eles quais forem. Faça o que for preciso para recuperar suas coisas. Os amigos são todos sobre coisas. Como o Desafiante havia dito que se Jó perdesse suas coisas, ele desistiria de sua retidão, podemos ver que os amigos estão trabalhando na mesma linha de argumentação. Eles estão trabalhando duro para persuadi-lo. É realmente tudo sobre coisas. Sua resposta deve ser recuperar suas coisas. Se Jó acredita neles, se Jó responde nessa linha, é realmente sobre coisas, e eu só preciso pegar minhas coisas de volta. Isso mostraria que o Desafiador estava certo, que a retidão de Jó é realmente, no final das contas, tudo sobre as coisas. E assim, podemos concluir que os amigos, sem o conhecimento deles, estão inadvertidamente pressionando a agenda para o mesmo ponto que o Challenger levantou. É sobre coisas, ou é sobre justiça? O Challenger suspeitava que fosse sobre coisas. Ele parece conhecer os seres humanos muito bem. Os amigos tentaram ajudar Jó a pensar nisso em termos de coisas, mas ele não foi tão fácil de persuadir.

Equívocos sobre os amigos [7:28-9:03]

Agora, quando entendermos esse papel dos amigos, podemos descartar alguns outros equívocos sobre o papel dos amigos. O papel dos amigos não é para que os leitores sejam instruídos sobre como não dar conselhos e consolo. Muitas vezes, as pessoas respondem aos amigos do livro de Jó dizendo que pouco consolo eles oferecem e quão insatisfeitos eles são em tentar compadecer-se de Jó e trazê-lo de consolo. Eles são muito duros com ele. Mas o leitor não deve, portanto, dizer: "Bem, agora eu sei como não devo tentar confortar alguém que está sofrendo". Não é para isso que os amigos estão lá. A propósito, não faça isso, mas os amigos não estão nem aí para isso. Eles não são modelos, nesse caso, modelos negativos, mas não são modelos de qualquer tipo. Eles são atores. Eles desempenham um papel no livro, um importante papel literário, teológico, filosófico e

retórico. Quando estamos tentando entender o livro, devemos tentar entender o papel que eles desempenham porque é assim que eles estão sendo usados no livro. E é assim que o ensinamento sairá do livro com eles em seu devido lugar.

O papel da esposa de Jó [9:03-9:56]

Tanto para os amigos; detalharemos seus discursos específicos mais adiante. Vamos voltar nossa atenção para a esposa. Agora, quando ela fala, Jó já sofreu consideravelmente. Ele perdeu as duas fases. Ele perdeu sua prosperidade. Ele perdeu a saúde. É interessante que a esposa não seja trazida como parceira de conversa sentada ao lado dele, chorando por seus filhos perdidos. Ela não tem uma personalidade assim. Mais uma vez, ela é uma jogadora. Assim como os amigos, ela também está ao lado do Desafiador para tentar empurrar Jó em uma direção específica.

Esposa como solução rápida para o desafiador [9:56-10:26]

Em certo sentido, poderíamos dizer que com as palavras da esposa, "amaldiçoe a Deus e morra", ela representa a solução rápida e fácil do ponto de vista do Desafiador. Quero dizer, se Jó já foi levado ao limite, você sabe, perdeu todo o senso de retidão ou fidelidade a Deus, ela o empurrará ao limite. "Amaldiçoe a Deus e morra." E ele dirá: "Sim, esqueça tudo, jogue fora." Então, isso é rápido e fácil.

Amigos e esposa empurrando juntos [10:26-13:37]

Os amigos representam o mesmo tipo de coisa para a esposa. É tudo sobre as coisas que você perdeu. Para os amigos, tente recuperar essas coisas. Então, ela está realmente trabalhando em conjunto com os amigos e em conjunto com o Challenger, promovendo essa agenda. Não vai ser deixado apenas para o próprio trabalho mental de Jó descobrir se sua justiça é mais importante do que suas coisas. Ele está sendo empurrado, empurrado por sua esposa, empurrado por seus amigos. Ele está recebendo a sugestão: "Amaldiçoe a Deus e morra". Faça isso sobre coisas, faça o que for preciso para recuperar suas coisas. Então, esse é o papel que ela desempenha novamente, não aquele parceiro de vida que chora ao seu lado. Isso não deveria ser uma crítica às mulheres pelo autor do livro. Não tem nada a ver com isso. É apenas a estratégia do momento de como ele vai responder.

Jó, é claro, responde a ela como uma mulher tola. Ele afirma que "Devemos aceitar o bem de Deus e não problemas?" Mais uma vez, uma resposta muito positiva sobre Deus e sobre como respondemos a Deus sobre não responsabilizá-lo. E assim, sua esposa serve de instrumento das expectativas do Desafiador assim como os amigos. Mais uma vez, o Desafiador estaria correto se Jó seguisse o conselho de sua esposa, assim como o Desafiante estaria correto se Jó seguisse o conselho de seu amigo.

O papel retórico da esposa, afinal, é único. Ela faz uma declaração. Então ela está fora de cena. Em primeiro lugar, evita a vitória rápida do Challenger. Isso não será fácil. Em segundo lugar, oferece uma oportunidade para Jó expressar novamente sua fidelidade. Deus não só pode tirar o que ele deu. Ele pode atacar com dor e doença. Jó permanece fiel. Em terceiro lugar, serve como prelúdio e transição para os amigos porque, é claro, ela entra em cena antes dos amigos. Em quarto lugar, propõe uma solução oposta à direção que os amigos seguirão. Os amigos querem dizer a Jó como viver com benefícios renovados. Ela diz a ele que a vida não vale a pena ser vivida e diz a ele como morrer. Quinto, tanto a esposa quanto os amigos assumem que os benefícios são essenciais para a equação, puxando Jó na direção que o Desafiador sugeriu que ele iria.

Amigos e Esposa Agentes Involuntários do Desafiante [13:37-14:37]

Portanto, todos eles, tanto os amigos quanto a esposa de Jó, servem como agentes involuntários das expectativas do Desafiante. Então, a cena está montada. As cenas no céu terminaram. Os diálogos estão prestes a começar. Agora estamos de volta ao reino terreno onde ficaremos porque até o Senhor quando fala, vem ao reino terreno para falar. O Desafiante não terá mais função. São apenas seus substitutos, os amigos, que se posicionam e defendem o caso. Então, ele não terá mais função. Agora, vamos deixar o diálogo se desenrolar enquanto avançamos para o lamento de Jó no capítulo três e a primeira série de diálogos na seção de diálogos.

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 12, Papel da Esposa e dos Amigos. [14:37]

O Livro de Jó

Sessão 13: Série de Diálogos 1, Jó 3-14

Por John Walton

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 13, Série de Diálogos 1, Jó 3-14.

Lamento de Jó (Jó 3) [00:27-6:10]

Os diálogos começam para valer no capítulo quatro. O capítulo três contém o lamento de Jó, que inicia toda esta seção. Na estrutura do livro, o lamento de Jó pode ser comparado em parte por suas duas respostas aos discursos de Deus no final do livro. Novamente, eles são separados e não são tão longos, mas meio que desempenham um papel de equilíbrio semelhante no livro. Mas aqui, o lamento de Jó está abrindo os diálogos.

Jó começa a primeira parte do lamento amaldiçoando o dia de seu nascimento. Agora, novamente, temos a palavra "maldição" aqui, mas esta é uma palavra diferente. Esta não é a palavra " *barak* ", abençoe que está funcionando de forma eufemística. A palavra hebraica usada é *qalal* , que envolve encantamento com uma palavra de poder. Então, ele está usando um encantamento contra o dia de seu nascimento. Ele em 3.8 diz para amaldiçoar o dia; essa é uma palavra diferente. Então, três palavras diferentes para "maldição". *Barak* no eufemismo, *qalal* um encantamento com palavras de poder, mas então amaldiçoar o dia é *'arar* , e isso se refere a remover algo da proteção de Deus, a interrupção da ordem. Isso é *'arar* . Portanto, essas três palavras, embora sejam todas traduzidas como "maldição", têm nuances diferentes e funcionam de maneira diferente. Ele também fala sobre despertar o Leviatã. Isso seria algo feito por especialistas em adivinhação que se interessariam por tais coisas. Leviatã, novamente, representa o mundo da não-ordem, o mundo do caos. Visto que Jó está experimentando o caos, ele invoca essa ideia de despertar o Leviatã no dia de seu nascimento.

Na segunda parte de seu lamento, ele expressa seu desejo de nunca ter nascido. Ele gostaria de ter ido direto do útero para o mundo inferior, ou como um natimorto teria

sido, ou teria sido um aborto espontâneo. Então, ele deseja isso para si mesmo, em vez de ter experimentado o que experimentou no desenrolar do texto. E, finalmente, na última parte desse lamento, ele se volta para a miséria de sua vida atual, o que está vivendo agora e como isso é difícil para ele.

O lamento, é claro, é de partir a alma tanto para Jó quando ele o dá quanto para nós quando o ouvimos. Às vezes, os leitores podem encontrar uma conexão real de como Jó se sente sobre como sua vida se tornou horrível. Do ponto de vista retórico, constrói a transição entre o prólogo e os discursos por meio de uma mudança de gênero, da narrativa e do prólogo para o discurso direto nos discursos. Também dá ênfase a uma ênfase teológica ao considerar o que Deus está fazendo e como é o mundo. No lamento, vemos o desenvolvimento de um Jó confiante em suas respostas na seção do prólogo, agora para um Jó perturbado e questionador.

Então, Jó está entrando em sua dor e expressando as coisas de maneira diferente. Ele está confiante. A confiança está se desgastando. Ele não tem esperança de que a morte o levará a uma eternidade onde tudo pode ser corrigido. Em Israel, no período bíblico, eles não desenvolveram nenhuma esperança de eternidade, nenhuma recompensa e punição. E Jó sendo um não-israelita, é ainda menos inclinado. Então, ele não tem esperança de que de alguma forma haja uma solução para tudo isso após a morte. A morte é o que ele deseja, não uma solução, mas uma fuga. Nem a vida nem a morte, neste momento, lhe oferecem qualquer esperança, embora, para ele, a morte seja preferível à vida.

Vemos que ele começou o que é a inclinação natural de todos nós para perguntar por quê. Versículos 11, 12, 16, 20, 23, por quê? por que? por que? É a palavra que está na boca de todo sofredor. Por que? E é por isso que o Livro de Jó nos oferece algo de valor. Não porque responde à pergunta, mas porque nos ajuda a perceber que é a pergunta errada. Ao mesmo tempo, o lamento de Jó não dá nenhum indício de que ele realmente acredita que merece o que recebeu. Ele não chegou a isso. Ele não está disposto a dizer que fez algo para merecer tudo isso. Da mesma forma, apesar do fato de que ele começou a fazer

perguntas sobre o porquê e que sua confiança está se deteriorando, ele ainda mantém sua integridade.

Integridade de Jó [6:10-8:00]

Agora, essa integridade que Jó mantém precisa ser compreendida. A integridade não é a mesma coisa que todos aqueles descritores positivos dele nos capítulos um e dois. Sua integridade é definida especificamente como sua insistência de que sua justiça é independente. Isso é que ele não está simplesmente buscando benefícios. Sua justiça é por causa da justiça, não pelo que ele ganha com isso. Isso é integridade. Essa é a única coisa que ele tem que manter. Nós vamos descobrir que Jó vai para alguns lugares muito escuros em como ele pensa sobre Deus. Suas acusações contra Deus são claras e erradas. Portanto, não é como se a resposta de Jó fosse de alguma forma inocente. Deus vai acusá-lo de transgressão na forma como ele respondeu a Deus. Não importa. O que importa é a pergunta sobre a mesa: a justiça de Jó é uma justiça desinteressada, e a integridade de Jó é manter aquela posição. Isso é tudo o que ele precisa fazer para o livro prosseguir. Para as políticas de Deus, esse é o ponto importante.

Introdução ao Primeiro Ciclo de Diálogos [8:00-8:20]

Agora, quais são algumas das questões que enfrentamos no ciclo um do diálogo? Isso nos leva dos capítulos 4 a 14. É o primeiro ciclo. Então, Elifaz fala. Jó responde. Bildade fala. Jó responde. Zofar fala. Jó responde no primeiro ciclo, capítulos 4 a 14.

Declarações importantes no primeiro diálogo: 4:6 [8:20-10:15]

Há algumas declarações importantes neste ciclo. Eles são importantes para o livro, importantes para a mensagem que está sendo transmitida e bem conhecidos, mas devem ser examinados com cuidado para garantir que os entendemos.

A primeira está em 4:6 no capítulo quatro, versículo seis, Elifaz está falando, e ele diz: "Não deveria a sua piedade ser a sua confiança e os seus caminhos íntegros a sua esperança?" Ele está levantando uma questão sobre como Jó deveria responder. "Deveria

a sua piedade ser a sua confiança e os seus caminhos inocentes a sua esperança?" Eu tornaria isso apenas para entender uma pequena paráfrase expandida: "Não é a sua autoproclamada piedade a base para essa confiança irracional?" Elifaz acredita que a piedade de Jó é apenas autoproclamada e que sua confiança é irracional e não comprovada. Ele está fazendo a pergunta: sua única esperança está realmente na suposta inocência de seus caminhos? Você tem que me dar mais trabalho; isto não é suficiente. Portanto, não está prejudicando; o livro não está minando a piedade de Jó ou sua inocência. Elifaz está questionando se a maneira como Jó pensa sobre eles será suficiente. É apenas um exemplo de algumas das complexidades de tentar traduzir o hebraico muito difícil no Livro de Jó.

Declarações importantes no primeiro diálogo: 4:17 [10:15-14:21]

Além disso, na fala de Elifaz, temos esse relato de sua experiência mística. Está nos versículos 12 a 21, e não vou ler, mas você pode dar uma olhada.

Agora ocorre em uma visão que ele relata nesta visão; ele está reivindicando revelação. Ele monta todo o cenário dessa experiência espiritual para destacar o que considera um grande insight, a revelação da verdade profunda. E ele expressa isso no versículo 17 do capítulo quatro. É assim que está traduzido na NVI; apenas como uma base, dê uma olhada nisso. Ela diz: "Pode um mortal ser mais justo do que Deus? Até mesmo um homem forte pode ser mais puro em seu Criador? Agora pense sobre isso por um momento. "Pode um mortal ser mais justo do que Deus?" isso? Todo mundo não sabe disso? Quero dizer, por que a longa configuração dessa experiência mística apenas para dizer algo que todo mundo sabe? Que um mortal não pode ser mais justo do que Deus. Parece uma coisa boba para dizer. Agora, talvez ele esteja tentando transmitir a ideia de que Jó parece pensar que ele é mais justo do que Deus. Pode ser uma possibilidade, mas devemos olhar para isso um pouco, ter certeza de que estamos no caminho certo acompanhar.

O primeiro problema que enfrentamos é perguntar: "Pode alguém ser mais puro do que seu Criador", na segunda parte do versículo. Não é realmente possível comparar a pureza

de um ser humano com a de Deus porque este termo traduzido como "pureza", *tahar* em hebraico, nunca é usado para descrever Deus. Deus não pode ser descrito como puro ou impuro. É uma categoria que não se aplica a Deus. E assim, realmente não pode dizer se você pode ser mais puro do que Deus se Deus não pode ser caracterizado como puro. Refere-se a uma condição limpa alcançada a partir de um estado impuro. Visto que Deus nunca pode estar em um estado impuro, Deus não pode, portanto, ser *tahar*, uma condição alcançada a partir de um estado impuro. Deus não pode ser impuro. Portanto, ele não pode ser designado como limpo.

Retoricamente. Se seguirmos a tradução tradicional do verso, Elifaz parece ter exagerado em seu caso. Não haveria necessidade de uma revelação mística para mostrar que ninguém é mais justo do que Deus. E você não pode dizer que alguém é puro ou menos puro que Deus.

Aqui está minha leitura alternativa. "Pode um mortal ser justo na perspectiva de Deus?" Você pode alcançar a justiça na perspectiva de Deus? "Pode um homem ser limpo na perspectiva de seu Criador?" Elifaz aqui está questionando os absolutos. Algum de nós pode realmente chegar ao ponto em que estamos limpos ou justos na perspectiva de Deus?

Agora, ao perseguir isso, Elifaz está repetindo algo que conhecemos bem do antigo Oriente Próximo – todos são propensos a pecar. E realmente, podemos até encontrar isso, é claro, no ensino cristão. Mas aqui não é a ideia de que você não pode ser mais justo do que Deus.

Agora, para eu demonstrar que a leitura que ofereço exige um trabalho hebraico detalhado, e tenho isso em meu comentário que publiquei, se as pessoas puderem obter isso, poderão ver todos os detalhes do tratamento.

Declarações Importantes no Primeiro Diálogo: 7:17 [14:21-18:44]

Outra afirmação que achamos que traz alguma dúvida vamos pensar um minuto sobre o capítulo sete. Estamos no discurso de Jó. Agora, a resposta de Jó a Elifaz. E no capítulo

sete, os versículos 7 a 21 estão entre os mais pungentes que Jó tem a oferecer. Ele nos lembra um pouco de Eclesiastes ao falar sobre a transitoriedade da vida.

Assim, lemos: "Lembre-se, ó Deus, que minha vida é apenas um sopro. Meus olhos nunca mais verão a felicidade". Ele passa a falar sobre isso. E ele diz: "Não vou ficar calado." Portanto, no versículo 11, "Falarei na angústia do meu espírito. Vou reclamar na amargura da minha alma. Sou eu o monstro do mar?" Eu sou o inimigo? É isso que ele está perguntando. "Que você tem que me colocar sob guarda. Quando penso que minha cama vai me confortar e meu sofá vai aliviar minha reclamação, mesmo assim, você me assustou com sonhos de forma que prefiro o estrangulamento e a morte. Eu desprezo minha vida. Deixe-me em paz . Meus dias não têm significado."

Então, os leitores familiarizados com a Bíblia chegarão ao versículo 17 e verão uma linha muito interessante e familiar. "O que é a humanidade que você faz tanto deles?" O leitor atento das Escrituras reconhecerá imediatamente a linha do Salmo 8, onde é uma coisa tão positiva. Olhe o que você fez. Você nos fez um pouco menores que os anjos. O que somos nós que você fez tanto de nós? Mas Jó vira isso de cabeça para baixo. E ele diz: "Por que você presta tanta atenção em nós? Com todo o respeito, cai fora; me deixe em paz, por favor."

Então, ele diz, o que é a humanidade que você tanto valoriza e dá tanta atenção? E ele passa a detalhar. "Você os examina todas as manhãs, testa-os a cada momento. Você poderia, por favor, desviar o olhar de mim?" Mais uma vez, muito diferente do Salmista, que convida o olhar de Deus, que convida Deus a ver e examinar. Para Jó, é: "Por favor, desvie o olhar. Preciso de uma pausa. Se eu pequei" e, claro, Jó não sugere que ele pecou, mas mesmo se esse fosse o caso, "o que você tem a ver? você me fez seu alvo? Por que me tornei um fardo? Supere isso."

Então, podemos ver que isso é verdade nas falas de Jó. Ele volta cada vez mais sua atenção para Deus, em vez de realmente se dirigir aos amigos. Aqui ele acusou Deus de ser excessivamente atencioso e irrealista em suas expectativas. Isso soa um sino?

Lembre-se do capítulo um, versículos quatro e cinco. Quais são as expectativas de Deus?

Deus é excessivamente atencioso? É por isso que Jó faz todo esse ritual para seus filhos e filhas. E então aqui, está saindo.

Ao contrário de uma criatura do caos, Job afirma que não é uma ameaça à ordem. Ele não merece atenção constante. Ele chama Deus de "observador dos homens". Ele usa um termo que muitas vezes carrega uma conotação positiva que indica cuidado e proteção. Mas, novamente, ele vira de cabeça para baixo. Jó se vê como já sendo julgado, já sofrendo punição. Ele pede uma ordem de cessar e desistir para que Deus o deixe em paz. Ele presume que, de alguma forma, um julgamento já aconteceu e um veredicto de culpado já foi passado.

Declarações Importantes no Primeiro Diálogo: 7:20 [18:44-19:31]

No versículo 20. Em vez de dizer: "Se eu pequei", não acho que é assim que devemos ler. Jó nem mesmo está deixando essa possibilidade de pé. Eu lia: "Eu pequei". Mas ele apenas quis dizer que, de alguma forma, caí em desgraça, de modo que você agiu contra mim. O que quer que eu possa ter feito a você, por que você não perdoa o que quer que eu tenha feito e que você julgue indiciável? Perdoe-me, seja qual for o pecado que você me imputou, pelo qual você está me punindo. A fala de Jó nesse reino hipotético se refere a como Deus o está tratando.

Declarações Importantes no Primeiro Diálogo: 13:15 [19:31-22:31]

Mais um verso. Eu quero olhar; com algum detalhe; está no capítulo 13. É um versículo bem conhecido do Livro de Jó. E novamente, é Jó falando. E a tradução tradicional é "Embora ele me mate, esperarei nele". Quando examinamos como as traduções e os comentários o trataram, vemos uma ampla gama de diversidade na tradução. Um deles diz: "Eis que ele me matará. Não tenho esperança". Uau. Isso é muito diferente de "Ainda que Ele me mate, nele esperarei". Isso representa uma leitura hebraica alternativa. O Ketiv em que ao invés do "nele", é a negação. Ambos soam o mesmo *lo* (para ele) e *l'o* (não). E assim, esperarei "nele" ou "não tenho esperança". Mais uma vez, isso inverte tudo.

Outro comentário lê: "Se ele fosse me matar, eu não teria esperança." "Se você me matasse", lembrem-se dos outros dois, "eis que ele me mataria" ou "ainda que ele me matasse ". Então, você pode ver que estamos trabalhando com essa partícula hebraica e exatamente o que ela significa. "Se ele me matasse, eu não teria esperança", sugerindo que ele ainda não fez isso. Portanto, ainda há motivos para esperança.

Aqui temos podemos ver toda a questão. Ele tem esperança ou não? Há três outros comentaristas que concordam com a leitura. "Sim", não "se", "eis" ou "embora". "Sim, embora ele me mate. Não vou esperar em silêncio." Ah, este é um entendimento diferente da palavra que é traduzida como "esperança". Eles soam muito próximos, "esperar" e "esperar" em hebraico. E assim, eles estão lendo de forma diferente. "Não esperarei", significando "não esperarei em silêncio".

OK. Eu adotaria um tato ligeiramente diferente. Eu concordaria com a parte de trás dessa, mas a traduziria: "Mesmo que ele possa me matar. Não esperarei em silêncio". Eu vejo isso como Jó expressando sua intenção de argumentar contra Deus. Elifaz disse a ele, você sabe, você não quer ir para lá. Você entra e começa a discutir com Deus. Nada de bom pode vir disso. Você não quer fazer isso. Jó está meio que se armando de coragem e dizendo: "mesmo que ele possa me matar por isso, eu vou fazer isso. Não vou esperar em silêncio. Vou fazer minha reivindicação". Então é assim que eu leria. Novamente, um versículo muito difícil, e vários comentaristas e tradutores tiveram ideias diferentes sobre o que ele diz.

Resumo do Primeiro Ciclo de Diálogos [22h31-23h00]

Vamos resumir os argumentos no primeiro ciclo. Ao chegarmos à estratégia retórica do livro, o que queremos perguntar é: o que cada fala contribui para a conversa? Mais uma vez, estamos assumindo que eles não estão aqui apenas para expressões poéticas e floreadas. Eles estão tentando realizar algo à medida que o caso do livro avança. Então, vamos resumir cada um deles, e você poderá ver como eles funcionam.

O Discurso de Elifaz e a Resposta de Jó [23:00-24:40]

Então, a fala de Elifaz no primeiro ciclo: Eu resumiria assim. Você aconselhou muitos que estão em circunstâncias semelhantes às suas agora. Você deve seguir seu próprio conselho. Confie em sua piedade. O princípio da retribuição se manterá. São os ímpios que perecem, mas da perspectiva de Deus, nenhum mortal é justo. Apelo a Deus, exceto sua disciplina. Esse é o primeiro discurso de Elifaz.

A resposta de Jó é resumida assim. A extensão da minha miséria justifica o meu clamor. Eu gostaria que ele me matasse. Então eu morreria com o consolo de pelo menos ter avaliado a situação de forma realista. Eu me sinto tão impotente. Não tenho certeza se posso continuar, e meus amigos não ajudam em nada. Eu ficaria muito feliz se Deus me mostrasse algo que eu fiz de errado. Meus dias miseráveis logo chegarão ao fim. Então, posso muito bem falar o que penso. Por que, ó Deus, você me escolheu para tanta atenção? Ninguém pode suportar tal escrutínio. Você não pode mostrar alguma tolerância antes que seja tarde demais? Esse é o primeiro discurso de Jó resumido em geral.

Então o conselho de Elifaz foi apelar para Deus e admitir sua ofensa. A resposta de Jó: pare de me tratar como culpado em vez de apelar para Deus com falsa humildade e ofensas forjadas; Vou confrontá-lo com exigências de defesa. E assim Jó segue seu caminho.

O Discurso de Bildade e a Resposta de Jó [24:40-26:23]

No ciclo um, o segundo discurso de Bildad pode ser resumido desta forma. Como você ousa sugerir que Deus perverte a justiça? Lembre-se, Bildad é a sabedoria do porta-voz das idades. Como você ousa sugerir que Deus perverte a justiça? Seus filhos, sem dúvida, pecaram. Quero dizer, isso é um dado. Se todos morreram assim, sem dúvida, pecaram. Encare os fatos, seja honesto, então tudo correrá bem para você. A sabedoria tradicional fornece todas as informações de que você precisa - o princípio da retribuição: os ímpios perecem, mas Deus não rejeita um homem justo. Volte, Job, pegue suas coisas de volta.

A resposta de Jó a Bildade pode ser resumida assim. Como alguém poderia estabelecer sua justiça diante de Deus? Você não pode discutir com ele e esperar vencer. Desafiá-lo

seria realmente desastroso. Ele é muito forte para dominar. E ele está além de pedir contas. Não tenho mais nada pelo que viver. Então, posso muito bem dizer isso abertamente. Ele não é justo. Tanto os inocentes como os ímpios são destruídos. Eu gostaria de ter um advogado para falar em meu nome. Suponha que alguém só pudesse falar em meu nome. Nada faz sentido. Eu não posso vencer. Eu gostaria que Deus simplesmente me deixasse morrer. Esse é um resumo da resposta de Jó.

Assim, o conselho de Bildad era adotar a abordagem tradicional. O princípio da retribuição reconhece seriamente a conclusão inevitável. Resposta de Jó: Sei que as tradições são verdadeiras, mas não estou pronto para admitir que as conclusões sejam inevitáveis. No entanto, estou sem recurso.

O Discurso de Zofar e a Resposta de Jó [26:23-28:00]

Chegamos a Zofar. Zofar, lembre-se que ele é preto e branco. Que arrogância? Você acha que é tão puro? Bem, você nem começou a receber o que realmente merece. Seu entendimento é minúsculo comparado a Deus. Desistir. Arrependa-se do seu pecado para que tudo corra bem para você. Zofar vê as coisas em termos muito preto e branco. A resposta de Jó a Zofar. "Vocês, meus amigos, zombam de mim. Se ao menos mostrassem sua sabedoria ficando em silêncio. Vocês não oferecem nenhum conselho reconfortante e falam presunçosamente e ignorantemente em nome de Deus. Eu sofro enquanto os ímpios escapam impunes. Deus é a fonte de tudo sabedoria e poder. Se ao menos eu pudesse apresentar meu caso a ele, acho que teria uma defesa hermética. Eu solicitaria, no entanto, que ele parasse e desistisse do tormento e dos terrores até que o assunto fosse resolvido. Dada tal moratória, Eu poderia me concentrar no meu caso. Mostre-me as evidências do meu erro. Esta vida é tudo o que tenho. Então, quero resolver isso antes que seja tarde demais.

Então, o conselho de Zofar, em poucas palavras, dedique seu coração a Deus, afaste-se do pecado. A resposta de Jó. Você está representando mal a Deus e a mim. Espero poder ouvir e restaurar meu relacionamento com Deus antes de morrer.

Conclusão do Primeiro Ciclo de Diálogos [28h00-28h50]

Portanto, para concluir, este é o nosso resumo do primeiro ciclo. Nesta primeira série, o discurso de cada amigo termina pintando um quadro cor-de-rosa dos benefícios da retidão. O foco principal desta série é que os amigos apelam a Jó para que pense em recuperar seus benefícios e faça o que for necessário para isso. É tudo sobre as coisas. A série chega ao fim quando Jó deixa claro que não tem esperança de restauração e não é motivado pelo desejo que seus amigos colocaram como o maior valor. E isso nos lança no ciclo dois.

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 13, Série de Diálogos 1, Jó 3-14. [28:50]

O Livro de Jó

Sessão 14: Série de Diálogos 2, Jó 15-21

Por John Walton

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 14, Série de Diálogos 2, Jó 15 – 21.

Introdução [00:26-00:58]

À medida que entramos no ciclo dois na seção de diálogo, novamente, Elifaz, Bildade e Zofar falarão, e Jó responderá a cada um deles. Não vamos focar em nenhum dos versículos específicos nesta seção. E assim, vou passar algum tempo abrindo sua estratégia retórica, como fiz no primeiro ciclo. Então, vamos resumir cada discurso e, em seguida, dar um resumo de cada uma das trocas, e isso nos cobrirá aqui.

Ciclo 2: Elifaz e a resposta de Jó [00:59-2:35]

Então, começamos novamente com Elifaz, seu segundo discurso agora. É mais ou menos assim que as coisas acontecem. Jó, sua fanfarronice é uma vergonha. Você está apenas cavando um buraco mais fundo para si mesmo. O que faz você pensar que é muito melhor do que todos os outros? Pare de protestar contra suas circunstâncias, exceto o que veio sobre você. É o resultado da corrupção compartilhada por toda a humanidade. Uma vez que as pessoas perversas são desenterradas, você deve considerar o quanto você tem em comum com elas.

A resposta de Jó: falar é fácil, Elifaz, mas eu seria mais encorajador se fosse você. Enquanto isso, Deus, por que você está me atacando? Você me abandonou para ser atormentado por inimigos, e então você lamentavelmente se junta a si mesmo. Se você não pode responder à minha miséria, preciso de alguém para me defender. Quanto a mim, estou determinado a manter o curso da retidão, embora a morte seja tudo o que tenho a esperar.

Então, nós sintetizaríamos essa resposta, e resumindo, o conselho de Elifaz, reconheça sua culpa comparando como Deus trata os ímpios e como ele está tratando você. Você

anulou a piedade. A resposta de Jó: Preciso de proteção contra os ataques de Deus e chamo um advogado para defender meu caso. Eu preciso de ajuda.

Ciclo 2: Bildad e a resposta de Jó [2:35-3:36]

Isso nos leva à palestra de Bildad. Bildad está ficando mais breve por enquanto. O julgamento de Deus sobre os ímpios é severo, e aqueles que estão sujeitos a ele, inclusive você, aliás, Jó, podem ser classificados como aqueles que realmente não conhecem a Deus.

Jó responde, apesar de suas acusações, eu não fiz nada, mas Deus e sua raiva inexplicável bagunçaram minha vida. Sou um pária desprezado por todos. Estou confiante de que alguém virá e ajudará e que, quando tudo parecer finalmente perdido, serei justificado. Vocês, supostos amigos, correm mais perigo do que eu.

Portanto, o conselho geral de Bildad é desistir do fingimento; pessoas perversas estão condenadas. Você está entre eles. Você não conhece Deus. A resposta de Jó, é Deus que bagunçou minha vida, não eu. Um defensor se levantará e me defenderá de suas insinuações.

Ciclo 2: Zofar e a resposta de Jó [3:36-4:58]

Então nos movemos para Zofar. Claro, como sempre você me ofende, diz Zofar. Você sabe como as regras funcionam; sua justiça própria o trai, pois todos sabem que tal orgulho caracteriza o ímpio, Zofar.

A resposta de Jó: Percebi que estou arriscando muito ao entrar com uma ação legal contra Deus. Observe que ele está ignorando Zofar totalmente ao pressionar uma ação legal contra Deus. Você percebe quantas pessoas perversas prosperam apesar de sua arrogância contra Deus. Isso me faz pensar que ele não faz nada sobre isso. Em tal mundo, é uma coisa complexa e assustadora tentar chamar Deus para prestar contas. Se Deus não pune consistentemente os ímpios, não poderíamos concluir que ele não protege e faz prosperar consistentemente os justos? Eu me pergunto. Na verdade, isso é o mais

próximo que Jó chega de negar o princípio da retribuição. Eu me pergunto, não poderia ser assim?

Então, na avaliação de Zofar, seu pecado é seu orgulho; Deus julgou quem é mau. Chega de falar, sem mais conversa. A resposta de Jó, o sistema está quebrado.

Resumo do Ciclo 2 [4:58-5:54]

Portanto, nosso resumo do ciclo dois: o segundo ciclo como um todo, enfocou a premissa do princípio da retribuição de que Deus julga os ímpios. As inferências associadas insinuam que aqueles que aparentemente estão sob julgamento devem realmente ser maus. O último discurso de Jó chega mais perto de rejeitar o princípio da retribuição. Seus amigos perderam a confiança em Jó, e a visão de Jó sobre Deus continua a se deteriorar, embora ele insista inabalavelmente em sua própria justiça. Esta é a parte de Jó construindo seu forte em seu canto e estando disposto a questionar a Deus. Ele rejeita as resoluções de confissão e apaziguamento propostas pelos amigos à medida que seu desejo de resolução legal aumenta.

Vindicação (Jó) Versus Restauração (Amigos) [5:54-7:34]

Jó continua a insistir na vindicação em vez da restauração. Veja, essa é a diferença entre justiça e outras coisas. Vindicação é: você é justo. Restauração significa: devolva minhas coisas. Os amigos estão empurrando para a restauração. Jó está pressionando por vindicação. Esta é uma distinção muito importante no livro. Lembre-se, é precisamente isso que define a integridade de Jó. Assim, Jó insiste em vindicação em vez de restauração.

Seus amigos consideram a vindicação uma expectativa irreal e vã. Na opinião deles, Jó precisa se identificar com os ímpios, pois suas experiências indiscutivelmente o colocam nessa categoria. É melhor admitir, Jó; este é o grupo em que você está.

Então, descobrimos que depois desse ciclo, as coisas não estão melhorando. Jó está sendo cada vez mais colocado entre os ímpios por seus amigos. E, no entanto, ele continua a defender seu caso contra Deus.

Agora, no próximo segmento, vamos prestar muita atenção a um dos pequenos segmentos de versos bem conhecidos que estão no ciclo dois. E assim, vamos lidar com isso particularmente e tentar entendê-lo e seu papel no ciclo dois, que acabamos de resumir.

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 14, Série de Diálogos 2, Jó 15 - 21. [7:34]

O Livro de Jó

Sessão 15: Jó 19:25 - Eu sei que meu Redentor vive

Por John Walton

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 15, Jó 19.25

Introdução: Jó 19.25 [00:23-2:02]

No meio do capítulo 19, no discurso de Jó, respondendo a Bildade, vem um dos versículos mais familiares do Livro de Jó. Conforme traduzido na NVI, diz: "Eu sei que meu Redentor vive e que no final ele se levantará sobre a terra. E depois que minha pele for destruída, ainda em minha carne, verei a Deus; eu mesmo vejo-o com meus próprios olhos - eu, e não outro. Como meu coração anseia dentro de mim. Então, o que está acontecendo aqui? E, claro, esses versos são muito familiares por causa do Messias de Handel e aquela canção maravilhosa, "I Know My Redeemer Lives". Então, como devemos interpretar este versículo? Bem, vamos trabalhar nisso.

Em primeiro lugar, precisa ser entendido em relação às muitas referências de Jó que já passaram onde ele se refere a um advogado relacionado ao seu caso legal. Ele está procurando alguém para representá-lo diante de Deus, alguém que aceite seu caso, faça sua parte e o defenda. Esta é outra palavra que sugere isso. Há uma série de palavras que Jó usa para se referir a esta posição. E, claro, este é apenas um deles. Há vários outros no livro. Na verdade, todos eles se concentram no mesmo tipo de papel de alguém que fará o papel de Jó.

Advogado = Personificação do clamor de Jó Visão [2:02-2:44]

Agora, temos que fazer a pergunta: que tipo de advogado Jó procura e quem ele espera que desempenhe esse papel? De onde ele espera que essa defesa venha? O comentário de DJ Cline, um excelente comentário, tenta entender o advogado de forma impessoal como uma personificação do grito de inocência de Jó. Ele acha que aquele choro em si ficará de pé, sem a voz que o fez soar, e que será seu advogado quando ele se for.

Advogado [*goel*] = Visão Relativa de Deus ou Humano [2:44-3:49]

Uma segunda visão, mais tradicional e muito comum, é que Deus é o advogado, mas isso é, claro, bastante problemático. Um mediador não pode ser uma das partes, especialmente aquela acusada de injustiça. Não faria muito sentido para ele ser o advogado contra si mesmo quando é ele quem está sendo acusado.

Outros sugeriram que o papel de advogado seria desempenhado por um parente humano. A palavra hebraica traduzida como "Redentor" é *goel*, e *goel* tinha uma função legal particular dentro dos clãs da sociedade hebraica. Foram eles que defenderam os direitos da família. Então, a ideia de que isso seria um parente humano daria algum sentido à palavra que está sendo usada, mas temos um problema. Todos os seus parentes o abandonaram. Então, é muito difícil pensar que ele esperará por um advogado dessas fileiras.

Advogado [*goel*] = Elihu View [3:49-4:14]

Mais tarde, quando chegamos ao discurso de Eliú, Eliú se projeta como o advogado. Ele é apresentado como alguém que tem uma opinião elevada sobre si mesmo, como veremos, mas projeta a si mesmo, mas tem em mente um tipo de resultado diferente daquele de Jó. Eliú não vê a vindicação como o fim desse resultado. Então, esse não é o tipo de *objetivo* que Jó está procurando.

Advogado [*goel*] = Membro do Conselho Divino [4:14-6:49]

Na minha opinião, a opção mais provável é que Jó esteja procurando um advogado entre os membros do conselho divino. Ele está procurando alguém para se levantar e assumir sua parte no reino celestial onde as decisões estão sendo tomadas. É uma opção mencionada por Eliú em Jó 33, versículos 23 e 24. É também uma opção que foi descartada anteriormente por Elifaz em 5:1, e em 22:2 e 3, onde Elifaz basicamente disse: "Não conte sobre isso. Isso não vai funcionar para você." E isso mostra que essa seria uma possibilidade teórica.

Com 22:2 e 3, eu tenho uma retradução disso. Novamente, alguns versos muito difíceis, e eu os traduziria; novamente não posso defendê-lo aqui; você vai encontrá-lo no meu comentário. "Pode um mediador sábio fazer algum bem a um ser humano servindo em nome de Deus? Tal mediador pode trazer algum benefício a um humano? Deus responderá favoravelmente? Quando você se justificar, haverá um ganho quando você prestar contas completas de seus caminhos." Esse é o caso de Eliphaz "realmente isso não vai te levar a lugar nenhum." É realmente, e você sabe, ele tem um ponto aqui. É contraproducente provar que Deus está errado. Você sabe, é apenas algo no final que vai ser insatisfatório sobre toda essa opção.

Descobrimos então que Jó deseja profundamente que algum tipo de advogado ou mediador venha em seu auxílio. É bastante irônico que ele não saiba sobre a cena do céu quando foi precisamente um membro da corte celestial que veio diante de Deus que iniciou todo esse processo. Um defensor já esteve envolvido, o Desafiador, mas ele estava desafiando as políticas de Deus, e isso colocou Jó nessa enrascada. É improvável que Job procure outro. Mesmo que o fizesse, não poderia vencer. Se por algum acaso ele ganhasse, o resultado seria devastador porque se Jó está certo sobre Deus e com a ajuda de um mediador, ele força Deus a admitir seu erro, então Deus acaba sendo indigno de adoração. Se Jó usa essa estratégia e vence, Deus perde.

Redentor [*goel*] não é Jesus [6:49-8:01]

Então, o que temos aqui em Jó 19.25 a 27? Muitas pessoas já ouviram a palavra "redentor". E especialmente quando a veem com letras maiúsculas em algumas traduções, assumem que o Redentor é Jesus. Porque, afinal, conhecemos Jesus como nosso Redentor. O hebraico não tem letras maiúsculas. Assim, a capitalização é interpretação. E o Messias de Handel, por mais bela que seja uma obra musical, não é nosso guia de interpretação.

Jó expressa a necessidade de alguém como Jesus? É esse o tipo de advogado que ele quer? Nenhum autor do Novo Testamento traça a conexão entre Jesus e Jó no capítulo 19.

Portanto, realmente precisamos trabalhar no contexto do próprio Jó. Nenhuma passagem ou autor do Novo Testamento nos dará uma interpretação ampliada e suplementada.

O Papel de um *Goel* é Vindicação, não Perdão [Advogado/Redentor] [8:01-10:34]

Um *goel*, novamente, essa é a palavra traduzida como redentor, um *goel* é aquele que entra em uma situação legal em nome de outro. Isso é o que um *goel* faz. Se houver um erro envolvido, o *goel* corrige o erro feito a uma pessoa, em vez de se envolver em seu nome para corrigir o erro que a pessoa cometeu. Um *goel* está tentando corrigir um mal feito a uma pessoa. Essa é, claro, a situação de Jó. Ele sente que algo errado foi feito a ele.

Um *goel* não trabalha em nome de corrigir um erro que a pessoa cometeu. Isso é o que Jesus fez, mas esse não é realmente o papel que encontramos. Jó quer um advogado aqui, um *goel* e redentor, que demonstre que ele é inocente. Ele não está procurando alguém para salvá-lo das ofensas que cometeu. Ele está convencido de que não cometeu nada que mereça o tratamento que recebeu. Ele não está procurando alguém para salvá-lo das ofensas. Se ele admitir as ofensas, o jogo está perdido. Ele quer deixar registrado que não fez nada para merecer seu sofrimento; esse não é o papel redentor que Jesus desempenha. Na verdade, é o oposto. Jó está convencido de que seu *goel* está vivo. "Eu sei que meu *goel* vive."

Isso não é algo sobre a ressurreição de Jesus. Ele vive para Jó agora. É disso que Jó está convencido. E esse *goel* vai tomar uma posição. O verbo é usado em sentido literário para dar testemunho. Ele vai testemunhar em meu nome. Ele espera que o *goel* chegue ao seu monte de esterco. Essa é a poeira a que se refere aqui. Então, ele espera que o advogado venha aqui.

Ainda em minha carne [10:34-12:27]

Portanto, três interpretações dessa ideia de "depois que minha pele for destruída, ainda em minha carne verei Deus". Alguns pensam que Jó espera ressurreição. Não há nada no Antigo Testamento que dê suporte a esse tipo de expectativa. Alguns pensam que Jó

espera vindicação póstuma. Que mesmo depois que eu me for, de alguma forma, serei justificado. Outros acham que Jó espera uma prorrogação de última hora. Essa é a direção que costumo seguir em minha interpretação. Quando ele fala sobre isso "depois que minha pele foi destruída", acho que ele está se referindo ao esfolamento de sua pele que ele está fazendo enquanto se raspa com um caco de cerâmica raspando sua pele.

Então, mesmo depois que tudo acabar, se eu sentar aqui, esfolando a mim mesmo, até que tudo desapareça “na minha carne, eu verei a Deus”. Isso significa que serei restaurado ao favor de Deus. Ver Deus significa ser restaurado em seu favor. Embora sua pele tenha desaparecido, isso é uma hipérbole; ele está raspando, ele verá a restauração de Deus na carne. Pele/carne muito bem feita - antes de morrer. Jó não tem esperança no céu. Ver Deus se refere a ser restaurado ao favor e que ele não será mais um estranho, um estranho, fora do favor.

Paráfrase resumida [12:27-13:08]

Então, eu parafrasearia desta forma. Acredito firmemente que existe alguém, talvez do conselho divino, mas não especificado, alguém em algum lugar que virá e testemunhará em meu nome aqui mesmo no meu monte de esterco no final de tudo isso. Apesar da minha pele descascada, espero ter o suficiente para vir diante de Deus em minha própria carne. Serei restaurado ao seu favor e não serei mais tratado como um estranho. Este é o meu desejo mais profundo; aliás, prosperidade não tem nada a ver com isso.

Afirmção de Jó: Vindicação, não perdão [13:08-14:03]

Esta é uma afirmação significativa da parte de Jó. Perdemos completamente quando tentamos fazer com que o redentor seja Jesus. Jesus é nosso Redentor, mas não é o tipo de redentor que Jó está procurando aqui. Portanto, Jó não está procurando alguém que aceite o castigo por suas ofensas e o justifique. Ele está procurando vindicação, não justificação. Ele não acha que merece qualquer punição que outra pessoa os leve. A vindicação enfaticamente não é algo que Jesus provê. Jó espera que alguém desempenhe um papel totalmente oposto ao de Jesus.

o Goel de Jó [14:03-14:58]

Ver Jesus como o *goel* em Jó é um fator de distorção na interpretação do livro e vai contra a esperança e o desejo de Jó. Jesus não é a resposta para os problemas apresentados no livro de Jó, embora seja a resposta para o problema maior do pecado e da fragilidade do mundo. A morte e a ressurreição de Jesus mediam nosso pecado, mas não fornecem a resposta de por que há sofrimento no mundo ou como devemos pensar em Deus quando a vida dá errado. É isso que o Livro de Jó faz, e temos que tratar o livro de forma que possamos entender a mensagem que ele tem em suas páginas.

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 15. Jó 19.25.

[14:58]

O Livro de Jó

Sessão 16: Ciclo de Diálogos 3, Jó 22-27

Por John Walton

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 16, Ciclo de Diálogos 3, Jó 22-27.

Introdução ao Ciclo de Diálogo 3 [00:26-00:46]

Agora estamos prontos para entrar no Ciclo 3 dos diálogos. O ciclo 3 é muito mais breve, pois a maioria dos argumentos está se esgotando. Neste ciclo, Zofar não fala nada, e Bildade tem um discurso muito curto. Assim, temos menos conteúdo no próprio diálogo.

Versículos difíceis: Jó 22:2-3 [00:46-6:32]

No entanto, temos alguns versículos muito difíceis para lidar e, portanto, vamos trabalhar primeiro com as coisas técnicas e tentar resolvê-las antes de passarmos para os resumos. A primeira está no capítulo 22, versículos 2 e 3. Aqui estamos bem no início deste último discurso de Elifaz. A NVI traduz: "Pode um homem ser útil para Deus? Até mesmo um homem sábio pode beneficiá-lo? Que prazer daria ao Todo-Poderoso se você fosse justo? O que ele ganharia se seus caminhos fossem íntegros?"

Examinarei as várias traduções e os comentadores, que mostram uma grande divergência de tradução. Então, alguns exemplos, Norman Habel diz: "Pode um herói colocar El em perigo? Ou um sábio, pôr em perigo o Ancião? É um favor para Shaddai se você for justo, ou é um ganho dele se você aperfeiçoar seus caminhos? Hartley traduz , "Pode um homem beneficiar a Deus que um homem sábio esteja em harmonia com ele? Que vantagem é para Shaddai que você seja inocente ou ganhe que afirme que seus caminhos são inocentes? As traduções de Cline . "Pode um ser humano ser lucrativo para Deus? Até mesmo um sábio pode beneficiá-lo? É um trunfo para o Todo-Poderoso se você for

justo? Ele ganha se sua conduta for irrepreensível?" Você pode ver apenas entre aqueles que há uma grande variação.

Com base em alguns outros exemplos do mesmo tipo de sintaxe no Livro de Jó. Há uma sintaxe muito complexa nesses versos. E com base na sintaxe de outros versos que começam exatamente da mesma maneira e configuram a estrutura da mesma maneira.

Tenho uma sugestão diferente a fazer. Os três versículos em que ocorre a mesma estrutura: Jó 13:7, Jó 21:22 e este Jó 22:2, eu o traduziria: "Pode um mediador sábio fazer algum bem a um ser humano servindo em nome de Deus? " Esse é um mediador sábio servindo em nome de Deus. "Tal mediador pode trazer algum benefício a um ser humano? Deus responderá favoravelmente quando você se justificar? Haverá ganho quando você prestar contas de seus caminhos?" Então você pode ver que é um pouco diferente. Jó 34:9 mostra que a palavra " *gever* ", que a maioria delas é traduzida como "homem", embora Habel a tenha traduzido como "herói", Jó 34:9 mostra que deve ser o objeto e não o sujeito, e isso é realmente uma das principais diferenças entre a minha renderização e outras. Coloquei "mediador sábio" como sujeito da primeira frase, a tradução da palavra hebraica, *maskil*, que tanto no texto hebraico quanto na maioria das traduções ocorre na segunda linha. Mas, novamente, esses outros versículos que aponte para mostrar a razão de aplicá-los mesmo como o assunto da primeira linha. Eu traduzi o verbo *sakan* "fazer algum bem". "Isso pode fazer algum bem?" E eu não disse que Deus é um objeto direto ou indireto, como um benefício para Deus. Eu o removi gramaticalmente um passo além da ação que é "em nome de Deus". E, novamente, há uma razão para fazer isso com base nos outros versículos que mencionei. A decisão baseada nas outras duas ocorrências nos ajuda a alinhar esse versículo com a forma como encontramos a sintaxe estabelecida em outros lugares do Livro de Jó.

Ao contrário das outras traduções que traduzem o verbo na primeira linha do versículo 3, simplesmente como "ser justo" ou "ser inocente", eu o traduzi como "justifique-se" com base na evidência de Jó 40, versículo 8, onde Jó foi acusado por Deus de se justificar.

Além disso, a forma *qal* do verbo *sadak* é usada para vindicação inúmeras vezes no livro

de Jó. Por exemplo, 11.2 e 13.8. Finalmente, o último verbo em 22.3, a forma Hiphil das raízes de *tamam* é bastante desafiadora. As traduções acima tratam-no variavelmente como um adjetivo expresso como fato "ser irrepreensível", ou como "uma reivindicação de irrepreensibilidade", ou ainda como um verbo "aperfeiçoar seus caminhos". É uma forma verbal no Hiphil que ocorre apenas oito vezes. Minha tradução de "dá conta completa de seus caminhos" é baseada na observação de que em muitos dos outros contextos, trata-se aproximadamente de pagar ou prestar contas de algo. Observe, especialmente 2 Reis 22:4. Então, novamente, com base em todas essas situações gramaticais e sintáticas, traduzi: "Pode um mediador sábio fazer algum bem?" Deixe-me fazer isso novamente: "Pode um mediador sábio servindo em nome de Deus fazer algum bem para um ser humano? Tal mediador pode trazer algum benefício humano? Deus responderá favoravelmente quando você se justificar? Haverá um ganho quando você der um relato completo de seus caminhos?" Isso faz muito sentido no contexto dos argumentos apresentados no livro e, novamente, com o tipo de uso de sintaxe e vocabulário que vemos em outros lugares.

Versículos difíceis: Jó 26:7 [6:32-13:36]

O versículo ao qual quero dar atenção é Jó 26:7; a NIV traduz: "Ele espalha os céus do norte sobre o espaço vazio, ele suspende a terra sobre o nada." Vale a pena prestar atenção porque alguns líderes olharam para a última frase, "suspendendo a terra sobre o nada", e chegaram à conclusão de que, de alguma forma, no Livro de Jó, eles sabem sobre a terra, apenas meio que suspensa em órbita, mantida pela gravidade e força centrípeta e todas essas coisas, o que eu acho um pensamento muito irracional de que o livro assumia isso ou antecipe isso. Realmente não está de acordo com a palavra. Então, vamos dar uma olhada rápida nisso.

Na primeira parte da linha, "ele espalha os céus do norte". A palavra para norte é *zaphon*. É uma palavra hebraica bastante normal para norte. Mas também se refere ao Monte Zaphon, a montanha cananéia onde os deuses habitavam. Seu significado, portanto, não

reside em sua orientação com os pontos cardeais, mas em seu uso como referência à montanha sagrada conhecida na literatura fora de Israel. Mesmo em Israel, alguns dos Salmos também fazem isso. Portanto, Zaphon é mais do que apenas uma direção aqui. Se a entendermos como referindo-se à montanha cósmica, a montanha cósmica tem seus fundamentos no submundo e suas alturas nos céus, e o conselho divino se reúne em suas alturas. É o ponto de encontro do céu e da terra e o local de reunião para a assembléia dos deuses e, portanto, sua morada - o céu. Então, estou tomando Zaphon como esse tipo de referência. O verbo "ele espalha Zaphon". "Espalha" é *noteh*, uma palavra hebraica que sugere que ele está falando sobre os céus, já que esse verbo geralmente toma o céu como objeto em textos bíblicos de cosmologia.

Agora, ele está espalhando algo celestial, Zaphon, sobre o espaço vazio. A palavra "espaço vazio" é *tohu*. É conhecido em Gênesis 1:2 *tohu vabohu* "sem forma e vazio", e tanto em Gênesis 2 quanto nas outras 30 ocorrências que encontramos da palavra, refere-se ao que é inexistente no sentido de que não é -ordenado não-funcional. E assim, este é o mundo não ordenado. Assim, a ideia de que Deus espalha o Zaphon celestial sobre *tohu*, sobre o que não existe. O que geralmente é chamado de inexistente são as águas cósmicas. Sei que pensamos que a existência tem a ver com material, mas isso não acontecia no mundo antigo. Eles acreditavam que a existência tinha a ver com função e ordem. Então, algo material que julgamos material também pode ser inexistente. Eles consideravam os oceanos inexistentes; eles consideravam os desertos inexistentes porque não foram ordenados no reino humano e funcionando para eles. Então, aqui, a ideia de que Zaphon está espalhado sobre um *tohu* é uma indicação das águas cósmicas acima em águas cósmicas inexistentes, não funcionais e não ordenadas acima das quais os céus foram de fato estendidos, cf. Salmo 104:2, 3.

Tohu na primeira linha é paralelo à frase única *velema* na segunda linha. Essa é a palavra que, novamente, a NVI traduz como "nada". Este é o único lugar onde esta palavra ocorre e, claro, isso torna a situação muito difícil para nós. Geralmente determinamos o significado das palavras pelo seu uso. Se não tivermos outros exemplos

de uso, ficamos embaraçados em tentar entender o significado da palavra. A ideia de que seu espaço sem matéria, que é onde a Terra está suspensa, seria anacrônica. Ninguém no mundo antigo ou na Bíblia hebraica sabe nada sobre essas coisas. Novamente, com o sentido egípcio do inexistente, refere-se àquilo que carece de função ou ordem. O verbo nesta segunda cláusula é o verbo *talah* que significa "suspender". Muitas vezes se refere a uma forma de execução, para enforcar alguém. É melhor traduzido para suspenso, pois eles pendurariam alguém em um piquete ou algo desse tipo ou em uma árvore. É melhor traduzido como "suspenso em" e não "acima".

Mesmo a palavra "terra" nesta frase não é direta. Pensaríamos que seria fácil. Mas em alguns casos, tanto na Bíblia hebraica quanto nas línguas cognatas do antigo Oriente Próximo, também se referia ao mundo inferior. Então aqui eu acho que *eretz* deveria ser uma referência não à própria terra, mas ao mundo inferior. Portanto, temos *tohu* na primeira linha e *belema* na segunda que descrevem a inexistência, que são as águas cósmicas, que sabemos que temos águas cósmicas acima e águas cósmicas abaixo. Temos Zaphon, que fala sobre o reino acima. E temos *eretz*, que fala sobre o reino abaixo. Portanto, minha tradução seria "o céu se estende sobre a inexistência cósmica, a terra está suspensa no inexistente". Assim, você obtém as águas acima e as águas abaixo. Esses dois versículos sobre os quais falamos são apenas exemplos das dificuldades que enfrentamos no Livro de Jó. Quando abrimos uma tradução para o inglês, muitas vezes temos a ideia de que de alguma forma tudo foi resolvido e que o texto foi compreendido. Mas especialmente na Bíblia hebraica, esse não é necessariamente o caso. Ainda existem muitas palavras que representam problemas para nós, ou cujos significados são desconhecidos, ou talvez cujos significados sejam geralmente conhecidos, mas as nuances completas são difíceis de capturar em palavras em inglês. Encontramos dificuldades de sintaxe, especialmente em textos poéticos. E assim, enfrentamos muitos problemas; os tradutores fazem o melhor que podem, os comentaristas tentam esclarecer tudo. Você sabe, todos estão trabalhando juntos para tentar chegar ao melhor

entendimento possível do texto. O Livro de Jó, como mencionei, é particularmente difícil. E assim, encontramos esses problemas como os dois que acabamos de mencionar.

Estratégia retórica do ciclo 3 [13:36-13:53]

Então, felizmente, em outro nível de compreensão, podemos olhar para a estratégia retórica e o sentido geral do ciclo, o ciclo do diálogo, e ter uma boa ideia do que está acontecendo, embora alguns versos ainda estejam dando nós problemas.

Ciclo 3: Elifaz e a resposta de Jó [13:53-16:33]

Então, vamos resumir os argumentos do terceiro ciclo. Elifaz, é claro, é o orador principal para os amigos. Ele basicamente tem a ideia de toda a sua conversa de mediador; lembre-se, Jó já trouxe isso antes, um mediador, advogado, *goel*, redentor, toda a sua conversa de mediador e audiência é vazia. É uma cortina de fumaça. Deus obviamente conhece seus atos perversos de injustiça. Você tem o que merece. E eu, por exemplo, estou feliz com isso. Seu melhor curso de ação é começar a ouvir e parar de discutir. Quando o fizer, imagine todos os benefícios e favores que você desfrutará novamente. Agora observe o foco comum de Eliphaz em recuperar suas coisas. Aqui, é difícil ainda considerá-lo um amigo. Estas são palavras muito duras. Ele não está mais sendo gentil; se alguma vez foi, não está mais sendo gentil com Jó. Assim, Elifaz vai cada vez mais fundo, em suas acusações.

Jó mal pensa em Elifaz para resumir sua declaração: Se ao menos eu pudesse encontrar Deus, eu fantasiaria sobre como isso seria, mas é inútil. Eu sou inocente, e ele sabe disso. Que posição terrível para se estar. Por que Deus não faz algo a respeito dessa confusão? Pessoas opressivas fazem o que querem sem qualquer responsabilidade. As pessoas pobres que tentam ganhar a vida sofrem sob sua tirania descontrolada. Os criminosos cuidam de seus negócios sem restrições, mas ainda estou convencido de que não há futuro para essas pessoas. A maldade deles acabará por alcançá-los.

Veja que Jó ainda está se apegando ao princípio da retribuição, e ele ainda está tentando fazer o mundo fazer sentido com o princípio da retribuição, mas ele reconhece que suas próprias circunstâncias, suas próprias experiências, não estão apoiando muito bem esse princípio. Portanto, o conselho de Elifaz, arrependa-se, seja restaurado e vá ao circuito de palestras. Digo isso um pouco jocosamente porque ele basicamente apresenta a ideia: Então você pode contar a todos como Deus trabalhou em sua vida. Então, vá no circuito de palestras. A resposta de Jó: Olhe ao seu redor. Quem pode pensar em si mesmo quando o mundo está tão fora de sincronia? Então, é assim que funciona a troca de Elifaz e Job.

Ciclo 3: Bildad e a resposta de Jó [16:33-18:04]

Agora, Bildad salta para apenas alguns versos e basicamente lembra a sabedoria de todos os tempos; isso é Bildade. Deus é inimaginavelmente grande. Os seres humanos são intrinsecamente defeituosos e, em última análise, não importam de qualquer maneira. Obrigado, Bildade.

A resposta de Jó a Bildade: Sua posição é absurda e totalmente não persuasiva. Você se referiu a Deus estabelecendo a ordem, mas ainda não começou a compreender a imensidão da obra de Deus. No entanto, apesar de toda a ordem que ele estabeleceu no cosmos, é aqui que entra o versículo 26; ele trouxe nada além de desordem para minha vida. No entanto, vou seguir o conselho que todos vocês deram. Desculpe; deixe-me acertar. No entanto, nunca seguirei o conselho que todos vocês deram. Minha justiça é tudo que tenho. Vou me agarrar a ele até o fim. Vocês se tornaram meus inimigos e, portanto, inimigos de Deus. Então, todos nós sabemos o que está reservado para você. Então, sintetizando o conselho de Bildad: encare os fatos que a tradição conhece melhor. A resposta de Jó: O imenso poder de Deus trouxe ordem ao cosmos, mas não à minha vida. Eu sou a vítima de Deus, e você também será. Aqui estou com apenas minha retidão para me agarrar. O foco filosófico e a resolução desta série de discursos dependem de Jó admitir ou não o pecado. É disso que trata todo o ciclo de diálogo. Elifaz explica suas acusações, que Jó nega resolutamente.

Retorno à Acusação do Desafiante [18:04-19:24]

Lembra que desde o início do livro, o desafio em cima da mesa era que Jó amaldiçoaria a Deus na cara dele? É a questão de saber se há retidão desinteressada. Nós conversamos sobre a ideia de que Jó precisa manter sua integridade, não importa o que mais ele acerte ou erre sobre Deus ou sobre o mundo, ou sobre sua percepção de sua própria situação ou como ele avalia suas experiências, não importa como qualquer disso, contanto que ele mantenha sua integridade, que sua retidão é sobre retidão, não sobre benefícios, então a acusação do Desafiante será rejeitada.

Os amigos e a esposa lembram-se de representar essa posição, levando Jó a valorizar suas coisas em vez de sua retidão. Jó negou resolutamente esse modo de pensar.

Conclusão da Seção de Diálogo [19:24-21:02]

Isso significa que realmente chegamos a uma conclusão importante no capítulo 27:1 a 6. Estas estão nas palavras finais de Jó, e eu apenas resumi, mas vamos ler porque é realmente importante para como a seção de diálogo termina. Na verdade, vou começar em 27:2 "Tão certo como Deus vive, que me negou justiça, o Todo-Poderoso, que amargurou a minha vida, enquanto eu tiver vida dentro de mim, o sopro de Deus em minhas narinas, meus lábios não dirão nada perverso, e minha língua não proferirá mentiras." Pare por um momento; De que mentiras ele está falando? As mentiras de que ele fala seriam descobertas se ele concordasse que pecou, se confessasse o pecado que não acreditava ter cometido.

Então, não vou proferir mentiras. "Nunca admitirei que você está certo; até que eu morra, não negarei minha integridade." Mais uma vez, de que integridade estamos falando?

Próximo verso. "Mantereí minha inocência e nunca a abandonarei; minha consciência não me repreenderá enquanto eu viver." Jó está se apegando à sua inocência, isto é, que ele não fez nada para merecer isso, que ele é justo, e é disso que se trata, não do material. Essa é a sua integridade.

O caso do desafiante está encerrado: Jó manteve sua inocência [21:02-21:43]

Este discurso, então, esta peça final na seção de diálogo, traz o tratamento da alegação do Desafiante a uma conclusão. Neste ponto, o caso do Challenger está encerrado e ele está errado. Jó manteve sua inocência sob o ataque mais feroz e manteve sua retidão, embora tenha exibido muitos pensamentos errados ao longo do caminho; lembre-se, Jó não está certo. Ele não está dando as perspectivas corretas sobre Deus, mas mantém sua integridade.

Se separa de amigos [21:43-22:17]

Ele rejeita o conselho de seu amigo. Ele se recusa a buscar a restauração de sua prosperidade apenas aceitando qualquer sugestão de que pecou. Então, neste ponto, chegamos a um ponto importante do livro. O ciclo de diálogo acabou, a contenção do Desafiante foi posta de lado. Os amigos acabaram. Eles realmente não estão envolvidos na segunda parte do livro até o final, onde são mencionados novamente.

Transição para a Seção do Discurso [22:17-22:49]

É aqui que passamos para a seção de discurso, onde a acusação de Jó será abordada. É uma boa política que os justos sofram? Mas antes de chegarmos a isso, vamos ter a transição encontrada no hino à sabedoria no capítulo 28, e continuaremos com isso no próximo segmento.

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 16, Ciclo de Diálogos 3, Jó 22-27. [22:49]

O Livro de Jó
Sessão 17: Conclusão da Série de Diálogos,
Interlúdio de Sabedoria Capítulo 28
Por John Walton

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 17, Conclusão da Série de Diálogos, Interlúdio de Sabedoria, Capítulo 28.

Revisão [00:25-1:54]

Agora queremos falar sobre este capítulo interlúdio, o hino à sabedoria no capítulo 28, mas vamos revisar um pouco onde isso nos trouxe até aqui para que possamos nos orientar. A seção de diálogo está completa. Jó terminou com seus amigos. Essa conversa acabou. Jó não foi seduzido pela perspectiva de benefícios renovados. Embora essa tenha sido a pressão, ele basicamente concluiu que o sistema conhecido como princípio da retribuição está quebrado. Essa foi a segunda temporada nos diálogos. Ele se recusou a admitir irregularidades como a causa de sua calamidade. Essa foi a terceira série, ciclo três, nos diálogos.

Ele provou que sua retidão não se baseia na expectativa de recompensa e, ao fazer isso, serviu bem como a principal testemunha para a defesa das políticas de Deus. Ele demonstrou que existe uma justiça desinteressada. Assim, a alegação do Desafiante de que a política de Deus de recompensar as pessoas justas era contraproducente e até mesmo subversiva foi descartada. Os amigos que representavam o caso do Challenger foram silenciados - caso arquivado.

Hino à Sabedoria (Jó 28) – Intervalo do Narrador [1:54-2:47]

Mas agora fazemos nossa transição através do interlúdio de sabedoria para a seção de discurso. Capítulo 28, novamente, como falamos, quando discutimos a estrutura do livro, o capítulo 28 não apresenta um orador diferente. Portanto, é fácil concluir que de alguma forma Jó continua a falar. Como mencionei naquele segmento, o problema é que as coisas ditas no capítulo 28 não refletem muito bem os pontos de vista reais de Jó expressos antes

ou depois. Então, vejo isso como o trabalho do narrador que está nos dando uma espécie de intervalo, por assim dizer, e nos levando a uma forma diferente de pensar.

Estrutura de Jó 28, Hino à Sabedoria [2:47-3:46]

Portanto, os versículos 1 a 11 do capítulo 28 usam a ilustração da mineração. O impulso básico dessa ilustração é que a mineração traz à luz coisas ocultas. Nos versículos 12 a 19, há uma série de perguntas retóricas sobre a sabedoria. Sugere-se que a sabedoria é inacessível aos humanos, mas além do valor e além do esforço e da engenhosidade humanos. Existem inúmeros indicadores do que é isso. Agora, esta é uma discussão cósmica e há inúmeros indicadores disso. Então, o segmento final do capítulo 28, versículos 20 a 28, Deus fornece um caminho para a sabedoria, e o temor de Deus é o fundamento da sabedoria.

Jó 28: Nexus de Sabedoria e Ordem [3:46-5:02]

Então, quais são alguns dos pontos que estão sendo feitos? Em primeiro lugar, a sabedoria não pode ser encontrada em 28:12, mas vem de Deus que está em 28:20. Então, contrasta a busca, tentando encontrá-lo, desde a fonte. Deus é quem dá. A sabedoria é encontrada na ordenação dos componentes do cosmos. Novamente, aqui encontramos uma conexão importante entre sabedoria e ordem. Isso é verdade em toda a Bíblia. A sabedoria é encontrada quando alguém busca a ordem, percebe a ordem e pratica a ordem. Um mundo ordenado, uma vida ordenada e uma sociedade ordenada são todas as buscas da sabedoria. Assim, a sabedoria é encontrada na ordenação dos componentes do cosmos. A ordem, prossegue, não é facilmente observável nas operações diárias, mas foi instrumental no fundamento da criação e é inerente às operações contínuas.

Foco na justiça dos amigos , foco na sabedoria de Deus [5:02-7:01]

Jó e seus amigos acham que sabem como o cosmos foi ordenado. O princípio da retribuição é sua teoria operacional. Nessa equação, os justos prosperarão; os ímpios sofrerão; para eles, é assim que o mundo é ordenado. Mas, claro, esse não é o caso. Jó e seus amigos não encontraram a verdadeira sabedoria. Quando olhamos para o versículo

27, "Então ele [Deus] olhou para a sabedoria e a avaliou. Ele a confirmou e a provou." Aqui Deus aprova a criação pelo critério da sabedoria, não pelo critério da justiça. Quando Jó e seus amigos tentaram fazer do princípio da retribuição o fundamento da ordem, eles estavam fazendo da justiça o fundamento da ordem no cosmos. Esta frase de Deus inverte isso e diz: "Não, o fundamento não é a justiça." Ele olhou para a sabedoria e avaliou-a, confirmou-a, testou-a e aprovou a criação pelo critério da sabedoria. Então, essa é uma perspectiva um pouco diferente. A equação que Jó e seus amigos usaram mostrou-se inadequada.

Os protagonistas que conhecemos até agora, amigos de Jó, têm a reputação de estar entre os mais sábios que o mundo tem a oferecer. Mas quando pensamos nos diálogos através de seus discursos, o temor do Senhor não apareceu com destaque em seus comentários. E aqui, é nisso que o livro se concentra.

Jó 28:18 O temor do Senhor é sabedoria [7:01-7:26]

O versículo 28 é interessante na forma como se estabelece. É uma instrução para a humanidade, *Adam*. Quando lemos: "E ele disse à raça humana", isso é NVI. "Ele disse à raça humana, [que é *adão*] o temor do Senhor - isso é sabedoria, e evitar o mal que é entendimento."

Medo do Senhor Contraste [7:26-8:49]

Agora, essa ideia de temer a Deus, podemos entender muito bem pensando sobre o que é contrastado. Temor a Deus estaria em contraste com pensar nele como desapegado e, portanto, deve ser ignorado. Temor a Deus estaria em contraste com considerá-lo incompetente e, portanto, ser tratado com desdém. Temor a Deus estaria em contraste com pensar nele como limitado ou impotente e, portanto, deve ser desprezado. O temor de Deus está em contraste com pensar nele como corrupto e, portanto, deve ser admoestado. Temor a Deus estaria em contraste com pensar nele como míope e, portanto, a ser aconselhado. Temor a Deus seria o oposto de pensar nele como mesquinho e, portanto, motivo de ressentimento.

Temer a Deus tem essa ideia de levar Deus a sério; precisamos fazer isso para não cairmos em nenhuma dessas outras armadilhas de pensar nele como menos do que Deus.

Medo de Adonai [senhor, mestre] [8:49-11:28]

Agora é interessante que quando este versículo fala sobre o temor de Deus, ele fala sobre o temor de Adonai, não o temor de Javé. Esta é uma escolha realmente interessante. Não é medo de Elohim; é medo de Adonai. Esta é a única ocorrência de Adonai no livro.

Adonai em hebraico pode ser usado apenas para se referir a uma figura de autoridade, seja um ser humano ou seja Deus. Muitas vezes é usado como um título para o Senhor, mas também é usado em conexão com o próprio Senhor. Então, é muito interessante aqui. Não temos medo de Shaddai, nem medo de Elohim, nem medo de Javé, mas temor de Adonai.

Também é colocado na boca de Deus. Isso é Deus falando. "Ele disse à raça humana, o medo de Adonai, isso é sabedoria." Então, é o próprio Deus falando dessa maneira. Em nenhum outro lugar do Antigo Testamento Deus se refere a si mesmo simplesmente pelo título Adonai, sem algum outro rótulo ligado a ele. Então, esta é uma escolha de palavras realmente interessante aqui. Isso faz parte do que fazemos quando analisamos textos.

Assumimos que a escolha das palavras é significativa, intencional e proposital e, portanto, as consideramos cuidadosamente.

Agora, novamente, Adonai destaca a questão da autoridade. Tem o sentido de Senhor ou mestre. E destaca o elemento de submissão à autoridade. Isso é algo muito necessário nesse contexto, submeter-se a esse Deus, temê-lo. Portanto, ao contrário do ditado semelhante em Provérbios, onde "o temor do Senhor é o princípio da sabedoria". Aqui, "O temor de Adonai é sabedoria." É sábio confiar em Deus como o caminho para a sabedoria. A forma definida com um artigo definido é usada nos versículos 12 e 20 - "A sabedoria".

O temor do Senhor, finalmente, é paralelo a uma exortação ética "para evitar o mal". Não é paralelo à observância ritual. Então, novamente, isso é algo que precisamos estar cientes.

Papel Retórico de Jó 28 Hino à Sabedoria [11:28-13:08]

Então, qual é o papel retórico do capítulo 28? Em primeiro lugar, nos faz transitar dos diálogos para os discursos. Então, tem esse papel bastante mecânico. Em segundo lugar, ele transita da alegação do Desafiador não é uma boa ideia trazer prosperidade para as pessoas justas, para a alegação de Jó, não é uma boa política para as pessoas justas sofrerem, e a segunda parte do livro vai lidar com a alegação de Jó.

Em terceiro lugar, desloca o livro de uma busca pela justiça para a fonte da sabedoria e a compreensão da importância da sabedoria na equação. Jó e seus amigos deixaram a sabedoria fora da equação. Como eles entendem a ordem, tudo tem a ver com justiça, mas agora passa a ser tudo sobre sabedoria.

Em quarto lugar, Jó demonstrou ter uma retidão desinteressada, contrária à suspeita do Desafiador. E assim, agora estamos prontos para seguir em frente. O livro ainda não lidou com o desafio de Jó. Então, a pergunta que está sobre a mesa, conforme avançamos para a próxima seção, ligada ao desafio de Jó, é: pode haver coerência quando os justos sofrem? Isso é, novamente, em contraste com a alegação do Challenger, onde a questão era sobre justiça desinteressada.

Coerência com o Justo Sofrimento? [13:08-13:50]

Aqui, pode haver coerência quando os justos sofrem? Serve para avisar que Jó não está em uma posição de controle e que sua expectativa não deve ditar a direção em que a situação segue. A sabedoria de Deus governa. Serve para perceber que a percepção de coerência dos amigos é falha e simplista. Seguir o conselho do amigo não teria trazido coerência ao mundo de Jó. Assim, a sabedoria deve ser entendida como aquilo que traz ordem e coerência.

Deus como Fonte/Autor da Sabedoria/Ordem [13:50-15:06]

Deus é o autor da ordem e o fundamento da coerência, mas não se pode falar apenas do próprio Deus como coerente ou ordenado. Deus estava exercendo sabedoria ao criar, mas dizer que Deus é sábio subestima a natureza de Deus. Assim como mencionamos no início de todo este curso, a ideia de que Deus está, de alguma forma, fazendo-o parecer dependente de alguns critérios externos. É a mesma coisa aqui. Certamente, Deus age sabiamente. Deus é a fonte da sabedoria. Essa é a conexão mais importante. Deus é a fonte da justiça e Deus é a fonte da sabedoria.

Assim, afirmações como Deus é sábio, ou Deus é bom, ou Deus é santo são enganosas porque os próprios adjetivos realmente encontram sua definição em Deus. Pode-se também dizer que Deus é Deus. Qualquer sabedoria que possamos encontrar tem seus fundamentos nele. O poema não sugere que Deus seja sabedoria ou que ele tenha sabedoria.

Medo expresso em confiança [15:06-16:05]

Expressamos nosso temor ao Senhor quando confiamos nele, mesmo que nossas circunstâncias sejam desconfortáveis ou confusas. Confiamos nele o suficiente para aceitar que não precisa haver uma explicação. Acreditamos que sua natureza justa é inatacável. Mesmo que não haja justiça identificável nas circunstâncias em que nos encontramos. Acreditamos que ele configurou o sistema da melhor maneira, o que significa a maneira mais sábia possível. Mesmo quando sofremos as consequências de um sistema quebrado pela queda, confiamos em seu amor por nós. Confiamos que, mesmo em nossas dificuldades, ele pode mostrar seu amor e nos fortalecer nas provações.

Conclusão sobre o significado de Jó 28 Hino da Sabedoria [16:05-16:44]

O capítulo 28 é um dos principais capítulos do livro. Precisamos atendê-lo com cuidado para que possamos captar sua mensagem. Então, tem um papel estrutural e, portanto, um papel retórico, mas também tem um papel significativo na mensagem teológica que o

livro tem a apresentar, pois nos ajuda a pensar Deus da maneira certa em relação ao mundo. .

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 17, Conclusão da Série de Diálogos, Interlúdio de Sabedoria, Capítulo 28. [16:44]

O Livro de Jó
Sessão 18: Discurso de Jó, Jó 29-31
Por John Walton

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 18, Discurso de Jó, Jó 29-31.

Introdução à Seção de Discurso em Jó [00:24-00:58]

A seção de discurso do Livro de Jó é composta de três discursos principais, um de Jó, um de Eliú e um de Javé. Mas isso já é enganoso porque cada um deles tem vários discursos e, portanto, temos discursos complexos. Jó tem três discursos. O de Eliú tem quatro, e o de Javé tem dois. Este é um padrão de compensação muito interessante, onde parece que Eliú é o orador principal. Mas, claro, esse não é o caso.

Os três discursos de Jó resumidos (Jó 29-31) [00:58-2:39]

Então, neste segmento, vamos dar uma olhada nos discursos de Jó, seus três discursos, na seção de discurso. Em resumo, no capítulo 29, Jó está pensando sobre a coerência do passado. Ah, os bons velhos tempos, quando tudo era confortável e certo com o mundo. O princípio da retribuição estava funcionando, e ele era um campista feliz, temente a Deus, e tudo estava indo bem. Esse é o capítulo 29.

O capítulo 30 descreve a incoerência do presente. Aqui encontramos uma declaração muito comovente de Jó sobre como ele é tratado. Ele obviamente não está apenas rondando a pilha de esterco; ele está pela cidade e coisas assim. As pessoas o desprezam e o rejeitam. Ele é condenado ao ostracismo em todos os sentidos. Então, a incoerência do presente.

Jó, no capítulo 31, Jó busca a coerência, não revisando suas expectativas ou seu foco na justiça, isso é realmente o que ele deveria fazer, mas ainda não chegou lá. Em vez disso, ele tenta forçar a mão de Deus por meio de um juramento de inocência. Essa estratégia não foi projetada para recuperar sua prosperidade, mas, como sempre, para receber justificação. Mas ele adota uma abordagem que meio que tacitamente o justificará.

Compare com os Diálogos [2:39-5:29]

Então, vamos comparar isso com o que encontramos nos diálogos, apenas para ter certeza de que estamos seguindo a estratégia retórica do livro. Nos diálogos, os amigos ofereciam a Jó uma solução para encontrar coerência e equilíbrio. Eles estavam tentando ajudá-lo a saber como recuperar suas coisas. Mas veio com um custo. Isso teria mostrado que sua justiça foi motivada pelo ganho. Esse teria sido o caminho para alcançar a coerência. Sua visão de mundo considerava o cosmos fundado na justiça. Nesse caso, a coerência poderia ser sustentada pela adoção da grande simbiose de que falamos, com o apaziguamento como o equilibrador para todos os propósitos. Se Deus está zangado, então as necessidades dele não estão sendo atendidas, você atende às necessidades dele, e então ele será apaziguado, e voltará a cuidar de você e fazer com que sua prosperidade seja restaurada. Portanto, a ideia de que a estratégia de Jó, como os amigos teriam pintado, a estratégia de Jó deveria ser encontrar um caminho para o apaziguamento, recuperar o favor da divindade e restaurar sua prosperidade e bênção. Essa é a equação deles.

Se Jó recuperasse a coerência por meio dessa estratégia específica, ele teria de adotar uma perspectiva de retidão de interesse próprio. Ou seja, é tudo sobre os benefícios, tudo sobre as coisas. A questão subjacente na seção de diálogo do livro era se a retidão de Jó era desinteressada.

Nos discursos de Jó, o foco muda. Ele busca seu próprio caminho para a coerência no equilíbrio. Ele não vai adotar as sugestões dos amigos. Em seu próprio caminho, a questão subjacente agora diz respeito à questão mais familiar: por que as políticas de Deus deveriam permitir que pessoas justas sofressem? Se os propósitos de Jó forem cumpridos, seu curso de ação inevitavelmente levará à conclusão de que as políticas de Deus são incoerentes. Desta forma, o desafio às políticas de Deus continua. Na seção de diálogo, Jó demonstrou que sua retidão era mais importante para ele do que os benefícios da prosperidade.

Justiça de Jó sobre a reputação de Deus [5:29-6:39]

Nesse discurso de Jó, fica claro que sua justiça é mais importante para ele do que a reputação de Deus. Então, agora isso é um problema. Ele busca a coerência baseada em si mesmo e não em Deus. Lembra quando falamos sobre o triângulo? Jó constrói seu forte em seu próprio canto, sua justiça, e isso o leva a questionar o que Deus está fazendo. Seu juramento de inocência no capítulo 31 destina-se a justificá-lo. Nessa vindicação, ele espera encontrar coerência e equilíbrio restaurados. Embora Jó nunca demonstre interesse em recuperar sua prosperidade. Ele está interessado em recuperar seu status de pessoa justa na comunidade. Mas isso ainda é retidão desinteressada porque é um status baseado na retidão, não baseado em coisas.

O juramento de inocência de Jó versus o silêncio de Deus (Jó 31) [6:39-10:14]

Então, vamos dar uma olhada neste juramento de inocência. É um dos capítulos mais importantes do livro. O que Jó faz é passar por toda uma lista de coisas que ele jura que não fez. São todos os tipos de crimes ou ofensas que seriam percebidos como contra Deus e contrários a uma vida justa. Nesse cenário, Jó não recupera necessariamente nada de sua prosperidade anterior, mas sua reputação, ele espera, será vindicada e sua reivindicação de retidão será mantida.

Como está funcionando? Jó ficou frustrado, provavelmente essa é uma palavra muito branda, mas ele ficou frustrado com o silêncio de Deus. Lembre-se, através dos diálogos; ele continuou implorando para que Deus entrasse no tribunal, para vir e iniciar a conversa. Lembre-se de que Jó se vê como o autor de um processo civil em busca de restituição. E assim, ele continua chamando Deus no tribunal. Ele continua pedindo um advogado, um mediador. Ele quer esse confronto, e o silêncio de Deus tem sido ensurdecador. Deus não vai responder. Assim, Jó tem sido atormentado pelo silêncio de Deus porque enquanto suas experiências continuarem sendo tão negativas e Deus não falar, a suposição é que Jó está em desgraça, que está sendo punido.

Assim, Jó está buscando neste juramento de inocência reverter o impacto do silêncio de Deus. Quando ele faz seu juramento de inocência, ele jura que não fez toda essa gama, quase abrangente; ele não cometeu essas ofensas. Ao jurar isso, ele está jogando a bola na quadra de Deus porque, ao jurar, se Deus vai manter seu juramento, Deus tem que agir contra ele. Em outras palavras, ele está tentando forçar Deus a agir. Golpeie-o até a morte, golpeie-o até a morte, se ele fez alguma dessas coisas. O que isso significa é que, se Deus não o matar, ele será exonerado. Se Deus permanecesse em silêncio, ele poderia reivindicar vindicação. Que estratégia inteligente. Ele está tentando manipular Deus, ou pelo menos o silêncio de Deus, para trabalhar em seu benefício em vez de trabalhar contra ele.

Então, novamente, Jó não recuperaria nada de sua prosperidade anterior, mas se ele pode alegar que foi justificado pelo fato de que Deus não o matou e, portanto, exonerou-o, ele pode esperar recuperar sua posição e status na comunidade. Veja como funciona.

Deus como a criatura do caos de Jó [10:14-11:32]

A coerência nesse nível não é encontrada no princípio da retribuição, mas no sentimento pessoal de justiça própria de Jó. Se Jó vencer, se essa estratégia funcionar, as políticas de Deus serão desmanteladas e sua reputação em frangalhos. Se Jó vencer neste confronto com Deus, Deus é reduzido a um ser poderoso, sem sabedoria nem justiça, na verdade, uma criatura caótica.

Lembre-se de todo o lamento de Jó no capítulo três, Jó disse, por que você está me tratando como uma criatura do caos? E agora ele muda isso e está tratando Deus como uma criatura caótica.

Isso é pior do que os resultados que poderiam ter vindo do cenário de diálogo. Lá, Deus teria sido reduzido a uma divindade como as do antigo Oriente Próximo, participando da grande simbiose e distribuindo benefícios para que as pessoas continuassem a suprir suas necessidades. Isso não teria sido bom.

A reputação de Deus em jogo [11:32-12:37]

Mas no cenário de Jó, se Jó vencer por meio dessa estratégia, Deus não é Deus de forma alguma. O juramento de inocência de Jó coloca uma carta séria na mesa. A reputação de Deus está em jogo. Agora não é a reputação de Jó. Não é a motivação de Jó. É a reputação de Deus e a motivação de Deus. Nesse sentido, a acusação de Jó carrega a ameaça de causar mais danos a Deus, sua reputação e suas políticas do que a do Desafiador. Este é um desafio sério. Começaremos a ver como isso é resolvido à medida que trabalhamos com os outros discursos. Antes de chegarmos à resposta de Deus, temos que dar uma olhada cuidadosa em Eliú, e faremos isso no próximo segmento.

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 18, Discurso de Jó, Jó 29-31. [12:37]

O Livro de Jó

Sessão 19: Jó 31.1, Pacto com Seus Olhos

Por John Walton

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 19, Jó capítulo 31:1, Pacto com Seus Olhos.

Introdução [00:25-1:19]

Estamos prontos para fazer o discurso de Eliú. Mas antes de entrarmos nisso, quero abordar um versículo específico do Juramento de Inocência de Jó. Estou me referindo ao capítulo 31:1. A NVI traduz: "Fiz um pacto com meus olhos, para não olhar com cobiça para uma jovem". É um verso interessante para começar sua série. E quero analisá-lo cuidadosamente para ter certeza de que entendemos o que ele diz. Na maior parte deste segmento, vou realmente ler meu comentário. Este é o Comentário de Aplicação da NVI sobre o Livro de Jó. Eu já mencionei isso antes. Ele é um pouco mais detalhado do que o livro que fiz com Tremper Longman chamado How to Read Job. Então, quero falar sobre as especificidades da compreensão do hebraico desta passagem.

Aliança [1:19-148]

O versículo começa com uma referência a uma aliança, e é praticamente uma terminologia padrão. A palavra para fazer uma aliança e a palavra para aliança são basicamente as que você encontraria em qualquer outro lugar no texto bíblico. Portanto, uma aliança geralmente é um acordo feito com um vassalo, e tudo isso sugere que os olhos de Jó estão sendo tratados como vassalos sob controle. Essa seria a essência da linguagem da aliança.

***Ethonen* , não Luxúria, mas "buscando" ou "indagando" [1:48-3:41]**

Uma vez que este versículo parece ser uma declaração óbvia sobre ética sexual, temos que considerar os detalhes cuidadosamente. O verbo na segunda linha que descreve a atividade proibida é *ethonen* . É uma forma hithpael da raiz *bin* , que ocorre 22 vezes no Antigo Testamento e oito vezes no Livro de Jó. A maioria desses casos descreve um exame atento ou cuidadoso de um objeto. Em apenas uma ocorrência, o Salmo 37.10 é o

verbo seguido por esta preposição particular *'al* . Isso é importante em hebraico; um verbo usado com preposições diferentes pode assumir significados diferentes dependendo da preposição.

Portanto, examinamos com muito cuidado essa ocorrência em que essa mesma preposição é usada após essa forma verbal. Ali se refere a procurar, mas não encontrar, nesse caso, os ímpios; nem esta instância nem qualquer outra ocorrência da forma *hithpael* carrega qualquer nuance sexual. Isso deveria ser um aviso para nós sobre trazer isso.

A NVI chegou à sua tradução pelo contexto, não por outros usos da palavra. Ele interpreta o olhar como lascivo porque seu objeto é uma virgem. A palavra hebraica é *betulah* . Mas essa interpretação não explica satisfatoriamente por que a proibição, aos olhos de Jó, se limita a um *betulah* . Se a ética sexual é realmente a questão, seria mais natural que essa aliança se estendesse a qualquer mulher, seja qual for seu status.

***Betulah* : Virgem e/ou mulher sob a proteção de seu pai [3:41-5:20]**

A *betulah* , novamente, "virgem" é uma tradução comum, mas não é realmente a condição ou status sexual da mulher que é comunicado pela palavra *betulah* . Refere-se a uma mulher que permanece sob a proteção de seu pai. Na maioria dos casos, é claro, isso significa que ela não teve uma experiência sexual ou um encontro sexual. Então, ela é virgem. Mas há uma ou duas ocorrências no Antigo Testamento em que alguém que claramente teve um encontro sexual ainda é um *betulah* .

Portanto, temos que ter cuidado e como classificamos a terminologia. Os termos não vão necessariamente cair nas mesmas categorias que os sistemas de classificação em inglês. Assim, os israelitas estavam muito mais interessados em classificar uma mulher de acordo com cuja proteção ela está, se ela tem marido ou não, se ela teve um filho ou não, esse é o sistema de classificação deles, não se ela teve um encontro sexual ou não, que é o nosso sistema de categorização.

Então, este é um *betulah* que Jó não vai olhar. Se uma menina permanece sob a proteção de seu pai, isso significa que ela é uma candidata viável ao casamento, e a sociedade naquela época era confortavelmente polígama. Então, a ideia de que Jó estaria considerando uma mulher para casar é o que está sendo expresso aqui.

Mah o quê? [5:20-5:46]

Então, para entender melhor esse verbo, temos que começar de novo. Jó fez uma aliança a respeito de seus olhos. Isso está claro. A segunda parte do versículo começa com uma partícula interrogativa comum *mah*, que em hebraico significa "o quê", embora o uso dessa partícula por Jó seja consistente ao longo do livro. A maioria das traduções optam por não traduzi-lo neste caso particular.

Contribuição do Salmo 37:10 [5:46-7:51]

Tipicamente, em Jó, esta partícula introduz uma pergunta retórica, que parece provável aqui também. O Salmo 37.10, o versículo que já mencionamos, usa este verbo e preposição, e emprega o mesmo verbo deste versículo para orientar o leitor a procurar ao redor a localização dos ímpios. Dentro de seu contexto, essa diretiva sugere que, se alguém indagar diligentemente sobre a situação dos ímpios, a busca não resultará em nada. Se aplicarmos esta observação à declaração de Jó, o sentido seria o seguinte: Visto que fiz uma aliança com relação aos meus olhos, que interesse teria eu em perguntar sobre uma *betulah*? Ou seja, investigando ou indagando sobre a disponibilidade dela para o casamento. Perguntar por uma *betulah* não é a mesma coisa que perguntar por uma prostituta. Se o texto realmente falasse contra a luxúria, esperaríamos que o verbo *hamad* fosse usado. Essa seria uma escolha mais provável. Além disso, um *betulah* geralmente indica uma virgem, mas a virgindade é mais circunstancial do que verdadeiramente representativa do significado central da palavra. Mais precisamente, a *betulah* é uma jovem em idade de casar ainda dentro da casa de seu pai e sob sua proteção. Alguém poderia perguntar sobre um *betulah* para arranjar um casamento. Tal investigação poderia potencialmente ser motivada pela luxúria; pensamos em Sansão em Juízes 14:2, mas essa

é apenas uma das várias alternativas e não pode ser inferida automaticamente. Na verdade, qualquer casamento arranjado começa com a indagação de um *betulah* .

Harém e status são o ponto, não luxúria [7:51-9:25]

À luz dessa discussão, a aliança de Jó em relação aos olhos não pode ser interpretada como um compromisso com o ascetismo porque ele já tem uma esposa. A alternativa lógica é que a declaração diz respeito à aquisição de um harém. Isso é o que você faz quando pergunta por uma esposa, uma *betulah* . Um grande harém era um indicador de poder e status no mundo antigo. Jó abandonou a ideia de acumular várias esposas e concubinas, e ele caracteriza essa decisão como uma aliança em relação aos seus olhos para enfatizar o fato de que ele nem está à espreita. Este voto reflete sua declaração no capítulo 31, versículos 24 e 25, de que ele não está absorto na busca de riquezas. Jó não fez voto de pobreza nem voto de castidade, mas evita a busca obsessiva de prestígio. Essa interpretação leva em conta cada escolha de palavra que o autor fez e, portanto, apresenta a interpretação mais provável. Conseqüentemente, o versículo não tem nada a ver com ética sexual, por mais importante que seja. Em vez disso, está de acordo com os muitos pronunciamentos de Jó que ele não tentou consolidar ou abusar do poder, tentando ações para uma pessoa em sua posição.

Importância de uma leitura atenta do texto hebraico [9:25-9:57]

Então, descobrimos que o versículo é um pouco diferente do que poderíamos ter pensado. Este é o resultado quando nos dedicamos a uma leitura atenta do texto hebraico e depois tentamos ver o que encontramos à luz do fluxo lógico do argumento. Pode nos dar uma perspectiva diferente. Agora estamos prontos para passar para Eliú.

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 19, Jó 31:1, Pacto com Seus Olhos. [9:57]

O Livro de Jó
Sessão 20: Discurso de Eliú, Jó 32-37
Por John Walton

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 20, Discurso de Eliú, Jó 32-37.

Introdução ao Discurso de Eliú (Jó 32-37) [00:24-2:02]

Agora chegamos ao recém-chegado Eliú. Ele tem sido visto como um intruso pelos intérpretes do livro, alguém que se encaixa, se é que se encaixa, no fluxo do livro. Mas eu tenho uma visão diferente disso. Certamente, ele pode ser visto como um intruso, mas acredito que seu papel é muito significativo para o livro e desempenha um papel importante como contribuição para a lógica do livro.

Até o nome dele é interessante. Os nomes dos outros amigos realmente não parecem nomes hebraicos. Mas Eliú claramente é, e é significativo - "Ele é meu Deus".

Lembra quando falamos sobre o triângulo? Dissemos que Eliú constrói seu forte no canto de Deus, e ele está defendendo Deus. E então, nesse sentido, Eliú está realmente fazendo o trabalho da teodicéia, defendendo a justiça de Deus. Como mencionei antes, Eliú está mais certo do que qualquer outro orador humano no livro, mas ele ainda não está certo. Ele ainda não está certo de como o livro quer que pensemos no final. Ele se apresenta como um jovem em certo sentido, alguém que tem respeitado seus sábios colegas apenas ficando em silêncio e observando. Mas agora ele está tão cheio de palavras para falar que não consegue contê-las.

Papel de Eliú: Expor a justiça própria de Jó [2:02-2:43]

E assim, vamos dar uma olhada no papel do discurso de Eliú em 32 a 37. Eliú é o único no livro que oferece uma acusação específica referente a uma violação específica na fachada justa de Jó. Então, onde os amigos podem apenas sugerir coisas que Jó pode ter

feito de errado, Jó, é claro, fez um juramento de inocência no capítulo anterior. Eliú tem uma acusação específica a fazer, e ela se refere à hipocrisia de Jó.

Eliú e o juramento de inocência de Jó [2:43-3:53]

A propósito, antes de irmos muito longe nisso, devemos notar que depois do Juramento de Inocência de Jó, o suspense está pairando no ar. Jó lançou o desafio para Deus ao fazer seu juramento de inocência. E assim, o confronto com Deus vai se transformando em um conflito muito agudo, e ficamos ali no limite do suspense enquanto o narrador apresenta outro personagem. É realmente um tipo intrigante de estratégia no livro que, enquanto estamos prendendo a respiração praticamente, vendo como o Senhor responderá, ouvimos os discursos incoerentes de Eliú. E dizemos, o que está acontecendo? Isso é um comercial? Você sabe o que está acontecendo. Parece perturbador. Mais uma vez, alguns deles sentiram que realmente é perturbador, mas acho que tudo isso faz parte da estratégia do compilador do livro. Ele vai deixar você pensar um pouco sobre se Deus vai responder a Jó ou não. E assim, enquanto isso, Eliú tem uma palavra a dizer.

Eliú é paralelo ao Desafiador [3:53-4:47]

O papel de Eliú na segunda parte do livro é paralelo, de certa forma, ao papel do Desafiador na primeira parte do livro, porque ele propõe uma maneira alternativa de ver a retidão de Jó. Challenger sugeriu que a retidão de Jó poderia ser vista simplesmente como uma busca pelos benefícios da prosperidade. Eliú não vai nessa direção. Ele vai sugerir que a maneira alternativa de ver a justiça de Jó é como justiça própria. O Desafiador questionou os motivos de Jó, Eliú na verdade questiona a retidão de Jó. Ele é o único no livro que faz isso, incluindo Deus.

A reformulação de Eliú do princípio de retribuição como preventivo [4:47-6:11]

Mesmo enquanto Eliú defende Deus da acusação do mal, você pode encontrar isso várias vezes no capítulo 34. Ele defende a justiça de Deus em 36:3 e 37:23. No entanto, ele aceita o paradigma grosseiro do princípio da retribuição, que são os capítulos 34:11 e 36:11 e 12. Portanto, Deus não é acusado de mal. Deus é visto como fazendo justiça. No

entanto, o princípio da retribuição é verdadeiro. Agora, lembra que falamos sobre como Eliú fez isso quando falamos sobre o triângulo? Ele redefine o princípio da retribuição, não apenas remediando as coisas feitas no passado, mas também prevenindo para antecipar as coisas que estão por vir. Ele concorda com o Desafiador sobre os motivos de Jó, isso está em 35:3, e seu ponto principal é que ele acusa Jó do pecado da justiça própria. Ele considera esse pecado a razão do sofrimento de Jó. Você pode encontrar isso em 34 versículos 35 a 37.

Eliú acusa Jó de farisaísmo [6:11-8:04]

Sua alegação é que a justiça própria de Jó em defesa de si mesmo é séria o suficiente para justificar uma ação punitiva contra ele. A variação de Eliú é um julgamento que pode proceder com ofensa, pois pode ter o propósito de provocar comportamento ofensivo. Então, nesse sentido, é quase como se o sofrimento de Jó o estivesse atraindo para revelar o que realmente está acontecendo nos bastidores. O sofrimento foi necessário para revelar o problema; A ênfase de Eliú está na justiça, não apenas na grande simbiose, embora ele questione se Deus precisa da justiça humana. Talvez isso nem seja tão importante.

Ele está patentemente certo em sua condenação da atitude hipócrita de Jó. Podemos ver isso nos discursos de Jó e na disposição de Jó de se defender às custas de Deus. Essa é uma crítica legítima de Jó e seu pensamento. Eliú traz essas coisas para fora.

Mas Eliú está errado sobre as motivações de Jó; Eliú despreza a grande atitude de simbiose e acredita que Jó ainda nutre o desejo de benefícios. Jó demonstrou amplamente que a prosperidade a qualquer custo não é a motivação principal de sua vida. Então, dessa forma, Eliú está errado sobre Jó.

A defesa de Eliú da justiça de Deus [8:04-8:41]

Eliú está certo sobre Deus quando insiste que Deus não é responsável por nós e que sua justiça, juntamente com todos os outros aspectos de seu caráter, é inatacável. Não

podemos questionar Deus; não podemos fazer um trabalho melhor do que Deus. Não ousamos impugnar seu governo. Deus não é contingente e não devemos pensar que suas ações estão sujeitas à nossa avaliação ou correção. Nessas coisas, Eliú está certo. E, novamente, ele dá uma visão elevada muito apropriada de Deus.

A Teodiceia Defeituosa de Eliú [8:41-10:09]

Ao mesmo tempo, ele está errado sobre a natureza das políticas de Deus. Ele continua a ter uma teodiceia inadequada e está tentando teodiceia. Ele não parece perceber que, ao tentar a teodicéia, está caindo na mesma falha de que acusa Jó. Ou seja, Eliú está superestimando sua capacidade de trazer coerência com base na justiça. Elihu ainda está trabalhando no triângulo. Ele tenta remodelá-lo para seu próprio uso, mas ainda está trabalhando no triângulo. Ele ainda acha que a justiça é a base do sistema. Ele ainda está envolvido em teodicéia. Ele ainda acha que a coerência vem da justiça e ainda acha que pode resolver uma equação simples. É uma equação um pouco mais complexa do que Jó, e seus amigos estavam usando porque redefine o princípio da retribuição, mas ainda expressa a ideia de que uma simples equação de justiça pode trazer coerência. Nisso ele está errado. E serão necessários os discursos de Yahweh para ajustar nossa perspectiva sobre essas coisas.

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 20, Discurso de Eliú, Jó 32-37. [10:09]

O Livro de Jó

Sessão 21: A fala de Deus 1 e a resposta de Jó (Jó 28-40.5)

Por John Walton

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 21, O Discurso de Deus 1 e a Resposta de Jó, Jó 38-40:5.

Introdução aos Discursos de Yahweh (Jó 38-40:5) [00:28-1:52]

Agora finalmente chegamos à parte mais importante do livro: os discursos de Javé. Esta é, obviamente, a terceira seção do discurso. Tivemos o Juramento de Inocência de Jó pairando no ar enquanto experimentamos o suspense. E assim, agora descobrimos que o Senhor vai chegar e falar.

Começa dizendo que o Senhor falou a Jó do meio da tempestade, do redemoinho. Isso geralmente é o acompanhamento da presença de Deus, mas também dá a entender que ele não está particularmente feliz com o que está acontecendo. Descobrimos, é claro, que Deus traz um corretivo para o pensamento de todos.

O que é intrigante é que ele não responde ao juramento de inocência de Jó. Portanto, isso não pode ser interpretado como Jó forçando a mão de Deus. Ele não defende sua justiça, o que é muito interessante porque todo mundo montou o sistema baseado na justiça.

Complexidade no mundo não ordenado [1:52-3:18]

Então, o que descobrimos é que, em vez disso, ele adota um tato totalmente diferente e, na verdade, quando ele começa, você se pergunta de onde ele está vindo. O que está acontecendo? O que ele está fazendo é tentar demonstrar a complexidade do mundo. Até nós afirmaríamos a complexidade do mundo ordenado. Ele lida com muitas questões que estão no limite, nas áreas extremas do mundo ordenado, coisas que os humanos não entenderam muito bem. Ao mostrar a complexidade do mundo, ele demonstra a ignorância de Jó sobre como ele funciona e como é ordenado. Isso é importante porque Jó e seus amigos têm trabalhado com a premissa de que entendem como o mundo é

ordenado, e é ordenado de acordo com a justiça e o princípio da retribuição. O que Javé faz em seu discurso é que ele demonstra, de fato, ele afirma, que há ordem onde as pessoas pensavam que havia desordem.

Ordem, não-ordem e desordem [3:18-5:45]

Agora, neste ponto, preciso de um momento e explicar minha terminologia. Eu uso não-ordem, ordem e desordem. A não-ordem não é má por natureza. Às vezes é chamado de caos, mas isso não é bom porque sugere talvez algo personificado ou algo inerentemente mau. A não-ordem é neutra. Só não foi encomendado ainda.

Penso em uma situação em que você está se mudando para um novo lugar e traz todas as suas caixas empacotadas e as espalha pela sala, prontas para colocar ordem em sua nova casa. As caixas representam não-ordem. Nada está funcionando como deveria; nada é propositalmente colocado ou acessível. Está tudo embalado nas caixas, sem pedido, pronto para ser pedido. Gênesis 1 começa com a falta de ordem no versículo dois, e os atos criativos de Deus trazem ordem. Assim, a criação é um processo de ordem.

Provérbios nos diz que Deus cria por meio da sabedoria, e sabedoria, como já falamos, é a busca de ordem e colocar as coisas, entender as coisas, de maneira ordenada. Assim, a não-ordem é a parte inicial do processo.

A propósito, isso é verdade em quase todas as cosmologias do antigo Oriente Próximo. Eles começam com a não-ordem. Então você recebe ordem. Quando Deus cria em Gênesis, ele não dissolve toda a não-ordem; afinal, há um espaço ordenado dentro do jardim e um espaço fora do jardim, não ordenado. O mar ainda está aí, não-ordem. E assim, Deus trouxe uma ordem ideal. Isso é o que significa quando ele continua dizendo que é bom. Está funcionando da maneira que precisa neste sistema ordenado. A maioria das pessoas do antigo Oriente Próximo fala sobre esse mesmo tipo de conceito; no Egito, temos o conceito de Ma'at, que é ordem.

Este é o foco de todos os tipos de literatura no mundo antigo. As cosmologias e a lei ou as inscrições costumam falar sobre como o rei traz ordem. Então, a ordem é muito importante.

Mas ainda existe o mundo não ordenado. As pessoas são feitas à imagem de Deus para ajudar a trazer ordem. Somos parceiros de Deus, vice-regentes, participando de seus planos para trazer ordem. Portanto, ainda não temos ordem no mundo e temos ordem conforme Deus a trouxe.

Mas então há uma desordem do terceiro elemento. Eu uso isso para descrever essas ameaças contra a ordem que são derivadas do mal. A desordem é algo que é inerentemente mau. Portanto, vivemos em um mundo de ordem, não ordem e desordem.

Trabalho e não-ordem e o princípio da retribuição [5:45-8:08]

Jó e seus amigos pensaram que toda a desordem em suas vidas, sofrimento e coisas desse tipo vêm da desordem e das más ações; esse é o princípio da retribuição. Assim, enquanto Deus fala sobre áreas do cosmos que demonstram que há ordem até mesmo na não-ordem, que mesmo as coisas que são percebidas como não-ordenadas têm ordem, ele está mostrando que sim, Jó e seus amigos, que não são realmente suficientemente conhecedor sobre a fim de estabelecer uma equação. Assim, ao fazer isso, Deus refuta a formulação confiante de uma teoria que reduz as operações do mundo a uma única proposição simples, o princípio da retribuição. No processo, ele rejeita a ideia de que a justiça é a base do sistema.

Jó 38 e Não-ordem [8:08-10:44]

Podemos ver isso quando olhamos para o capítulo 38, enquanto ele fala sobre o mundo ordenado, e começamos, deixe-me ver: "Você compreendeu as vastas extensões da terra?" Estou no versículo 18: "Diga-me se você sabe de tudo isso. Qual é o caminho para a morada da luz? Onde reside a escuridão? Você pode levá-los para seus lugares? Você conhece os caminhos para suas moradas? Certamente você sabe, pois você já nasceu, você já viveu tantos anos."

Observe, a propósito, esse tom de sarcasmo. Mencionei a ideia de que mesmo os discursos de Javé são construções literárias. Não acho que devamos considerar Deus envolvido em sarcasmo. Isso é colocado em sua boca para fazer o ponto.

"Você entrou nos depósitos da neve ou viu os depósitos do granizo, que reservo para tempos de angústia, para os dias de guerra e batalha? Qual é o caminho para o lugar onde o raio é disperso, como o lugar onde os ventos do leste estão espalhados sobre a terra?"

Observe como ele está falando sobre essas operações cósmicas, e você sabe como elas funcionam, Jó? Mas olhe, especialmente o versículo 25: "Quem abre um canal para as torrentes de chuva, e um caminho para a tempestade, para uma terra onde ninguém mora, um deserto desabitado." Veja, o princípio da retribuição é a justiça. Como base do sistema, a chuva tem um papel no sistema de justiça. Pode trazer julgamento, as inundações; pode trazer prosperidade, trazendo fecundidade para a terra e crescimento de plantas.

Deus faz um ponto; você não percebeu que chove onde não mora ninguém? A chuva não está operando aqui em um sistema de justiça. Deus certamente pode usá-lo dessa maneira. Ele mencionou apenas alguns versículos antes a ideia de que está reservado para tempos difíceis. Então, Deus pode usar essas coisas, mas elas nem sempre operam em um sistema de justiça.

Princípio Contra Retribuição e Justiça como Base [10:44-11:50]

E assim, descobrimos aqui que Deus está desiludindo Jó de algumas de suas suposições ao torná-lo consciente de sua ignorância. Tudo isso mostra que o princípio da retribuição não é uma fórmula adequada para entender como o mundo funciona.

A resposta de Jó a isso encontramos nos primeiros versículos do capítulo 40. Deus lança o desafio: "Aquele que contende com o Todo-Poderoso o corrigirá? Aquele que acusa a Deus, responda!" destacar Jó. Jó respondeu: "Não sou digno - como posso responder a você? Coloquei minha mão sobre minha boca. Falei uma vez, mas não tenho resposta - duas vezes, não direi mais." Jó reconhece sua incapacidade de responder às perguntas de Deus. Isto não é suficiente.

A ignorância não é suficiente [11:50-12:56]

O objetivo do livro é mais do que apenas "Ok, não sabemos de nada". A ignorância confessada não nos leva às soluções que o livro oferece. O livro quer nos ajudar a desenvolver uma convicção sobre como pensar sobre como o mundo é ordenado e as políticas de Deus. Descobrimos, é claro, que o próprio Jó falou mal de Deus. Deus vai desafiá-lo nisso. Vamos pegar isso na próxima seção como a introdução ao segundo discurso de Deus, que não vai trazer apenas o negativo, o que não sabemos, mas vai dar alguns conselhos positivos, e vai fazer isso . através dessas duas incríveis criaturas, Behemoth e Leviatã.

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 21, O Discurso de Deus 1 e a resposta de Jó, Jó 38-40:5. [12:56]

O Livro de Jó

Sessão 22: O Discurso de Deus 2, Behemoth e Leviatã e a resposta de Jó (Jó 40.6-41.34)

Por John Walton

Este é John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 22, O Discurso de Deus 2, Behemoth e Leviatã, e a resposta de Jó, Jó 40:6-41:34.

Introdução ao Discurso de Deus 2 [00:31-1:12]

Agora finalmente chegamos ao segundo discurso de Javé. Iremos além da ignorância dos humanos para realmente chegar à ideia de como as pessoas devem pensar. É intrigante que essa mensagem central do livro esteja na parte do livro que foi considerada mais inacessível, mais confusa e, basicamente, as pessoas simplesmente levantam as mãos e dizem que não sabem o que fazer com isso. No entanto, contém precisamente como o livro quer que pensemos. Nós vamos nos divertir um pouco com isso.

O Senhor Fala [1:12-2:31]

Vamos dar uma olhada. Começa quando Deus apresenta seu segundo discurso no versículo seis do capítulo 40. E novamente, Yahweh fala do meio da tempestade. Lembre-se aqui, se eu não mencionei isso, o Senhor está falando. Não é Elohim. Não é Shaddai. Não é Adonai. É o Senhor falando. Tínhamos Javé no prólogo e agora temos os discursos de Javé no final. Novamente, isso nos dá uma sensação israelita. Jó falou de El Shaddai, mas é Javé quem vem esclarecer. E então, é interessante que o Senhor esteja falando.

Assim, lemos suas primeiras linhas neste discurso a Jó: "Prepare-se como um homem; eu o questionarei e você me responderá" [40:7]. Claro, foi Jó quem fez as perguntas. Job foi quem fez as exigências. Jó tem tentado lidar com o silêncio de Javé. E agora o Senhor não vem responder; ele está vindo para questionar.

Assim, Jó tinha todas as suas perguntas, e agora não há mais nenhuma sobre a mesa, por assim dizer. Jó pôs a mão sobre a boca. Então, ele acabou de fazer suas perguntas. Agora o Senhor vai interrogá-lo.

Jó questionando a justiça de Deus [2:31-4:37]

O versículo oito é muito importante. Ele diz: "Você desacreditaria minha justiça? Você me condenaria para se justificar?" Podemos ver então se não ficou claro nos discursos de Jó, podemos ver que Jó questionou a justiça de Deus. O próprio Jeová diz isso.

Novamente, somos lembrados de que Jó não fez justiça à reputação de Deus. Jó não respondeu bem a tudo o que aconteceu. Jó não expressou um bom senso de Deus. Então, aqui está bem claro. E agora o que Deus faz é desafiar Jó. "Você tem um braço como o de Deus, sua voz pode trovejar como a dele? Adornando-se com glória e esplendor, e vestindo-se com honra e majestade. Liberte a fúria de sua ira." É como se Javé estivesse dizendo: "Tudo bem, Jó, tente ser Deus por um dia. Você realmente acha que descobriu como tudo isso funciona? Bem, vamos ver se tudo isso funciona bem." Versículo 12, "Olhe para todos aqueles que são orgulhosos e os humilhe, esmague os ímpios onde eles estão." Você acha que é assim que o sistema funciona, a justiça como fundamento? Ele diz: "Valeria a pena ver se você realmente conseguiria".

Mas agora ele volta sua atenção para as duas criaturas, Behemoth e Leviathan. Ele repreendeu Jó por considerar sua própria justiça, a justiça de Jó, como base para questionar a justiça de Deus. Ele desafia retoricamente a capacidade de Jó de impor justiça ao mundo, certo? Jó pensa que é isso que Deus faz - o princípio da retribuição. Deus desafia Jó a impor justiça ao mundo.

Identidade de Behemoth e Leviatã [4:37-5:44]

E assim, ele apresenta esses personagens Behemoth e Leviatã, para abordar a postura desejada que as pessoas devem ter. Vamos começar falando sobre sua identidade. Não são espécies naturais conhecidas nem extintas. Não vou entrar em muitos detalhes sobre isso, mas fica bem claro quando examinamos as características dessas criaturas. Eles

simplesmente não combinam com nada que conhecemos. O elemento em Leviatã que é mais difícil de combinar com qualquer espécie biológica ou extinta é o fogo cuspidor. Realmente não conhecemos ninguém que faça isso, nenhuma criatura que faça isso. E então, nesse sentido, temos que procurar em outro lugar.

Criaturas do Caos [5:44-11:07]

Eu proporia que eles são criaturas do caos. As criaturas do caos são uma categoria bem conhecida no antigo Oriente Próximo e muito, muito facilmente reconhecíveis pelo público antigo. Eles sabem exatamente sobre as criaturas do caos. Leviatã é uma criatura do caos conhecida, não apenas em outros lugares da Bíblia hebraica, mas também nos textos ugaríticos.

As criaturas do caos são criaturas liminares que existem na periferia do mundo ordenado, quase como um pé e um pé fora. Eles são criaturas por excelência cujas características abstratas são compartilhadas por animais conhecidos. A ideia de que algumas pessoas viram alguma semelhança com um hipopótamo em Behemoth ou alguma semelhança com um crocodilo em Leviatã só vai tão longe a ponto de sugerir que um hipopótamo ou um crocodilo seria, mais ou menos, a prole de Behemoth ou Leviatã. Suas coortes e não que Behemoth realmente é um hipopótamo ou que Leviatã realmente é um crocodilo.

A categoria de criaturas do caos é preenchida por, como eu disse, criaturas liminares que já foram vistas, como coioite ou coruja ou avestruz ou hiena, bem como feras assustadoras vistas apenas com os olhos da imaginação. Ambos os tipos estão nesta categoria de criaturas do caos. O último grupo, essas feras temíveis, não é estritamente zoológico. Na verdade, muitas vezes são criaturas compostas. Então, a cabeça de um leão, as asas de uma águia, criaturas semelhantes a grifos ou esfinges. E assim, as criaturas do caos costumam ser compostas, mas nem sempre.

As criaturas do caos são consideradas criadas por Deus. Vemos isso, especialmente em Gênesis 1, as grandes criaturas do oceano, e em 1:21. Mas eles representam o potencial para a continuidade da não-ordem, como os espinhos e cardos no reino menos ordenado

fora do jardim. Os espinhos e cardos são evidências de não-ordem, mas eles estão em um mundo parcialmente ordenado.

Quando Deus fala sobre o Leviatã no Salmo 104, ele criou o Leviatã para brincar.

Quando as grandes criaturas marítimas são mencionadas em Gênesis 1:21, elas fazem parte da criação de Deus. Na verdade, Gênesis volta e usa a palavra " *bara* " para criar, pela primeira vez em Gênesis 1, desde o versículo 1, para anexá-lo especificamente aos monstros marinhos, apenas para deixar claro que eles também fazem parte do sistema. Então, em certo sentido, poderíamos chamá-los de criaturas anti-cosmo. Eles meio que trabalham contra o cosmos, mas não estão estritamente no reino da não-ordem. Eles fazem parte do mundo ordenado, mas servem como agentes da não-ordem em virtude de sua natureza irracional. As criaturas do caos não são moralmente más, mas podem causar sérios danos porque agem apenas por instinto.

Então, em certo sentido, poderíamos comparar como poderíamos pensar em um tornado. Não é moralmente mau, mas pode causar sérios danos porque faz o que os tornados fazem. As criaturas do caos, então, não são inimigas de Deus, mas podem causar estragos entre os humanos.

Assim como o mar está no reino da não-ordem, ele é controlado por Deus com seu limite definido. Essas criaturas não são domesticadas em nenhum sentido. No entanto, eles estão sob o controle de Deus.

Behemoth é, na verdade, o plural da palavra "gado" e se refere ao animal terrestre mais potente que se possa imaginar. É uma espécie de abstração dos animais terrestres.

Leviatã seria a criatura marinha mais potente que se possa imaginar. E assim, o texto os usa para caracterizar as criaturas do caos. E, novamente, hipopótamos e crocodilos são certamente perigosos e podem ser considerados vagamente como crias ou lacaios de criaturas do caos, como essas.

Papel de Behemoth e Leviatã como personagens literários [11:07-12:06]

Agora, dito isso, devemos reconhecer que a identidade das criaturas não é tão importante quanto reconhecer seu papel literário como personagens do livro. O público antigo teria

reconhecido Behemoth e Leviatã. Eles teriam identidades ligadas a eles. Mas independentemente disso, Behemoth e Leviathan estão sendo usados pelo autor do livro como personagens, personagens literários que têm um papel e um propósito no livro. Se quisermos entender a mensagem de autoridade do livro usando esses personagens literários, temos que olhar além das controvérsias de identidade para ver como eles são usados.

Criaturas do caos em outro lugar em Jó [12:06-14:08]

As criaturas do caos foram mencionadas no livro em várias ocasiões. Então, lendo o livro, já vimos isso. O lamento de Jó no capítulo três fala daqueles que estavam prontos para enfrentar o Leviatã em 3:8. A primeira resposta de Jó a Elifaz perguntou por que Deus o estava tratando como uma criatura caótica. Isso é em 7:12. Lá ele usa a palavra hebraica *tannim*, que é a mesma palavra hebraica em Gênesis 1:21. Jó sente que está sendo tratado como uma criatura caótica porque Deus o mantém sob guarda. Agora isso se encaixa com o que sabemos no antigo Oriente Próximo. Os deuses do antigo Oriente Próximo eram conhecidos por manter criaturas do caos parcialmente domesticadas em uma coleira e usá-las para seus propósitos, mesmo que representassem esse reino de não-ordem. Assim, Jó sugere que o próprio Deus está agindo como uma criatura caótica no capítulo 30, versículos 15 a 23.

Deus não está tratando Jó como uma criatura do caos tanto quanto está pedindo a Jó que assuma o papel de Behemoth. Deus não está agindo como uma criatura caótica. Em vez disso, ele é muito superior ao Leviatã e deve ser reconhecido como tal. Agora isso está introduzindo, acredito, como Behemoth e Leviathan estão sendo usados no texto. Mais uma vez, Jó acusou Deus de agir como uma criatura caótica, e Deus diz: "Oh, não, é pior do que isso. É maior do que isso." E assim, vamos explicar isso para nós enquanto observamos o que está sendo dito. Precisamos analisar Behemoth e Leviathan, não por sua identidade, mas por seu papel literário.

Behemoth e Jó comparados [14:08-16:08]

Então, quando abrimos no capítulo 40, versículo 15, Deus direciona a atenção de Jó para Behemoth. "Olhe para o Behemoth" e preste atenção na próxima linha. "Olhe para o Behemoth, que eu fiz junto com você." Job e Behemoth são agrupados. Deus criou ambos. É interessante que, quando examinamos essa breve seção que trata de Behemoth, ela vai do versículo 24, portanto, de 15 a 24. Yahweh não fala de Jó ou de si mesmo como fazendo algo a Behemoth. No versículo 15, Behemoth está contente e bem alimentado, como Jó. Você se lembra que 15 introduziu a comparação. Portanto, Behemoth está contente e bem alimentado como Jó. Em 16 a 18, Deus fez Behemoth forte como ele fez Jó. No versículo 40 19, o Behemoth ocupa o primeiro lugar entre sua espécie, assim como Jó. Isso foi identificado em 15 :7. No versículo 20, Behemoth é cuidado, assim como Jó. Nos capítulos 21 a 22 do capítulo 40, Behemoth está abrigado como Jó estava. Em 23, agora está começando a fazer uma transição 23 e 24, o fim da seção Behemoth. Em 23, Behemoth não está alarmado com o rio caudaloso. Inferência ou implicação é melhor, e você também não deveria ser. Ele confia e está seguro, como você deveria estar. Ele não pode ser capturado ou preso, ao qual você também deve ser invulnerável e ter se mostrado resistente. O versículo 24 fala sobre "Pode alguém capturá-lo pelos olhos, ou prendê-lo e furar-lhe o nariz?" A palavra para "nariz" é a palavra para raiva. " e não pode ser perfurado" Esta é uma palavra difícil no texto; às vezes significa "nomeado" ou "designado" ou "penetrado". Então, novamente, a ideia aqui é a qual você deve ser invulnerável.

Behemoth está sendo comparado a Jó. Isso é introduzido logo no primeiro verso. Depois disso tudo que lemos sobre Behemoth, devemos compará-lo com Jó. É assim que esta seção está funcionando. Jó então deveria ser como Behemoth. Lembre-se de que Jó reclamou: "você está me tratando como uma criatura caótica". Aqui, o discurso diz: "bem, você deveria ser um pouco mais parecido com uma criatura do caos a esse respeito". Voltaremos a isso.

O Senhor é maior que o Leviatã [16:08-22:44]

Vamos nos voltar para o Leviatã. Uma seção mais longa e, novamente, vamos prestar atenção ao que ela diz e ao que não diz. Os primeiros oito versos usam a forma da segunda pessoa. "Você pode fazer isso? Você pode fazer aquilo?" está na forma de segunda pessoa. Concentrando-se no que Jó pode e não pode fazer ao Leviatã.

Com um pouco, penso mais do que um pouco na ideia: se você não pode fazer essas coisas com o Leviatã, puxe-o com um anzol, amarre sua língua, coloque uma corda em seu nariz, ok . Será que vai implorar por misericórdia? Será gentil com você? Você pode fazer um acordo com ele? Você pode fazer um animal de estimação dele? Se você não faria isso com o Leviatã, por que esperaria fazer isso com o Senhor? Por que você esperaria prendê-lo? Prenda sua língua, faça um acordo com ele e domestice-o. Porque você faria isso?

A mudança para a segunda pessoa sugere que Leviatã deve ser comparado a Javé. Então, 41:3, "Ele continuará implorando por misericórdia?" Isso é o que Jó meio que queria que Deus fizesse. Versículos 10 e 11, "Ninguém é feroz o suficiente para despertá-lo. Quem, então, pode resistir a mim? Quem tem alguma reclamação contra mim que devo pagar?"

O próprio Javé estabelece a conexão entre ele e o Leviatã. Não tanto que ele seja como o Leviatã, mas que ele é muito maior do que o Leviatã. Se você não pode agir dessa maneira em relação ao Leviatã, por que diabos você pensaria que pode agir dessa maneira em relação a Yahweh?

Esta seção nunca fala sobre o que Deus faz com o Leviatã. No entanto, muitos intérpretes foram nessa direção. Isso não fala sobre o controle de Yahweh sobre o Leviatã. Não fala sobre Yahweh derrotando o Leviatã. Temos um tipo diferente de declaração sendo feita aqui.

No capítulo 41, conforme passamos por essas informações, o Leviatã não pode ser controlado, nem o Senhor. O Leviatã não se submeterá nem implorará por misericórdia;

nem o Senhor. Leviatã não pode ser ferido ou subjugado. É inútil lutar contra ele. O mesmo é verdade para o Senhor.

Lemos a comparação direta em 10 e 11; ninguém, incluindo você, tem uma reclamação contra mim, Jó. Em 12 a 18, você não pode forçar a abertura da boca para receber o freio. Nós entendemos isso? O que Jó tem tentado fazer? Ele tem tentado aproveitar e refrear o Senhor. Yahweh não pode ser controlado ou domesticado. Ele não é manso. 19 a 25, Leviatã é perigoso quando irritado, assim como o Senhor. 26 a 32, Leviatã é invulnerável, assim como o Senhor. Versículo 33, nenhuma criatura é igual a ele. Isso implica, é claro, que Jó não é igual a Leviatã, muito menos igual a Javé. Verso 34 Leviatã domina todos os orgulhosos. Compare isso com a abertura deste discurso em 11 a 14, onde Deus diz a Jó, você sabe, arme-se, domine aqueles que são maus. É Leviatã quem domina todos os orgulhosos. Jó não pode humilhar o orgulhoso de volta ao capítulo 40, versículos 11 e 12. Nem pode subjugar o Rei sobre o orgulhoso, 41:34 . Deus também é o Rei dos orgulhosos nesse sentido. Ele os governa. Tudo isso discute o que Jó não pode fazer ao Leviatã. São também coisas que Jó deve aprender que não pode fazer a Javé. Então, o que Jó deve aprender, e é o que todos nós devemos aprender, não podemos domesticar Deus.

Papel das Criaturas do Caos na Mensagem do Livro [22:44-24:19]

Assim, o papel dessas criaturas na mensagem do livro, em primeiro lugar, elas não são retratadas como a personificação do mal cósmico. Um intérprete até sugeriu que eles são equivalentes ao Challenger no início do livro. Eu vejo isso como quase totalmente o oposto disso. Nenhuma das criaturas é descrita como má, nenhuma criatura representa *hasatan* , o Desafiante, nem assume o papel ou a posição do Desafiante dos primeiros capítulos. Eles não são descritos de forma que possam servir como evidência da capacidade de Deus de subjugar ameaças à ordem no mundo e trazer justiça cósmica. O texto simplesmente não os trata dessa maneira. Não os apresenta dessa maneira. Não há referência a Deus subjugando-os. Então, como eles podem servir de testemunho de Deus subjugando, não-ordem? Temos que ir com o que o texto diz. A justiça cósmica não está em jogo nem é o resultado do que se diz que Yahweh faz. O livro não afirma que

Deus traz justiça ao cosmos como um todo ou à experiência humana. O livro não faz essa afirmação. Essa é a afirmação que Jó e seus amigos queriam fazer por meio do princípio da retribuição.

Não sobre Justiça [24:19-24:52]

O primeiro discurso de Javé indicou como Jó não deveria pensar. O segundo discurso indica como Jó deveria pensar. Em nenhum dos dois discursos, Javé se dirige à retidão de Jó ou à sua própria justiça. Isso contém o mais próximo que temos de uma mensagem explícita, que é o que esperaríamos no discurso culminante de Yahweh.

Os humanos devem confiar como o Behemoth confia [24:52-25:47]

O ponto feito a respeito de Behemoth envolve sua estabilidade nas águas turbulentas. Behemoth não é justo. Leviatã não é justo. Behemoth não pode ser movido. Leviatã não pode ser desafiado. Javé não os derrota nem os aproveita para mostrar sua superioridade sobre eles. Eles são usados como ilustrações das quais os humanos podem aprender algumas lições importantes. Os humanos devem responder a rios caudalosos com segurança e confiança, como Behemoth faz nesta apresentação literária.

Os humanos não devem pensar que podem domesticar ou desafiar Javé, pois não podem desafiar ou domesticar Leviatã, que é inferior a Javé.

Os humanos não podem domar o Leviatã ou Deus; A resposta de Jó [25:47-27:10]

A segunda resposta de Jó no capítulo 42, versículos dois a seis, mostra que ele entende os pontos que Javé está apresentando. Vou ler rapidamente. "Eu sei que você pode fazer todas as coisas; nenhum propósito seu pode ser frustrado." Novamente, isso significa que Jó não pode domá-lo ou domesticá-lo para os próprios propósitos de Jó. "Você perguntou: 'Quem é este que obscurece meus planos sem conhecimento?'" Observe que obscurecemos os planos de Deus aqui; Jó obscureceu os planos de Deus porque indicou que os planos de Deus eram cumprir o princípio da retribuição para ordenar o cosmos de acordo com a justiça. Isso aborda os planos de Deus. Quem obscurece os planos de Deus

sem conhecimento. "Certamente falei de coisas que não entendi, coisas maravilhosas demais para eu saber." Maravilhoso é, basicamente, está além do nível de pagamento humano. Você não consegue entender isso.

Job retrata e envia [27:10-30:47]

“Você disse: 'Ouça agora, e eu falarei; eu lhe perguntarei, e você me responderá.' Meus ouvidos ouviram falar de você, mas agora meus olhos o viram. Portanto, eu me desprezo e me arrependo no pó e na cinza”. Novamente, para mim, isso mostra que ele reconhece que foi presunçoso no que pensava saber. Ele se retrata e se submete. Esta não é como sua primeira resposta, onde ele apenas disse, terminei de falar. Ele se retrata e se submete.

A palavra hebraica aqui para "maravilhoso demais para mim", coisas que eu não sabia. A palavra hebraica *pele* refere-se a informações no reino divino que estão além da compreensão humana.

Na palavra “arrepende-se”. Vamos falar um pouco sobre isso. Está no versículo seis, "arrependa-se no pó e na cinza". É a forma Niphal do verbo. É diferente de outras palavras que podem ser traduzidas como "arrepende-se". Elifaz o exortou a se arrepender. Essa era a palavra *shuv*, voltar, mudar de direção, mudar seu comportamento. Aqui Jó não sugere mudança de comportamento, mas deseja retratar suas declarações anteriores. Ele emprega a mesma forma verbal usada quando Deus muda de ideia em lugares como Êxodo 32:14, Jeremias 4:28, Jeremias 18:10, Joel 2:13 e Jonas 3:10. Portanto, todas as passagens intrigantes que, infelizmente, não podemos perder tempo abordando.

Muitas de suas ocorrências ocorrem em situações que envolvem arrependimento. É uma expressão de pesar. Nas declarações de Jó, ele se arrepende de suas declarações anteriores. Sua caracterização de Deus é uma crença presunçosa em seu próprio entendimento, seus desafios arrogantes. É assim que entenderíamos o arrependimento de Jó.

A declaração aqui abre outras questões também. Quando usado com a preposição *'al* como aqui, normalmente significa reconsiderar algo ou, mais frequentemente, tirar algo da mente, esquecer tudo sobre isso. Nesse versículo, podemos sugerir que isso é algo que ele tira da cabeça. Isso é pó e cinzas; é o que diz. Diz que ele, bem, diz, "arrependeu-se" - *'al* . Então, ele tira da cabeça esse pó e as cinzas. Não é se arrepender com pó e cinzas. Essa não é a preposição aqui. Em vez disso, ele reconsidera toda a coisa do pó e das cinzas e tira o pó e as cinzas de sua mente. Ele, portanto, anunciou o fim de seu luto e aceitou sua realidade.

Importância de Behemoth e Leviatã [30:47-31:29]

Podemos ver então que Behemoth e Leviatã são personagens extremamente importantes na formação do livro. Não se trata de hipopótamos e crocodilos. Não é sobre dinossauros. Não é sobre se estamos falando de mitologia ou coisas desse tipo. Não se trata nem mesmo de criaturas do caos, embora sejam. É sobre como essas criaturas são retratadas e como isso representa uma mensagem para Jó e para todos nós que lemos o livro. E abordaremos essas questões à medida que avançamos para outros segmentos.

Este é John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 22, O Discurso de Deus 2, Behemoth e Leviatã, e a resposta de Jó, Jó 40:6-41:34. [31:29]

O Livro de Jó
Sessão 23: Epílogo, Jó 42
Por John Walton

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 23, Epílogo Jó 42.

Introdução ao Epílogo [00:23-2:04]

Então, finalmente chegamos ao epílogo, a parte em prosa que encerra o livro. Começa em 42:7. Todos os discursos acabaram, em certo sentido. Então, agora estamos amarrando algumas pontas soltas. Mas são justamente essas pontas soltas que têm causado confusão para muita gente. É fácil ver o epílogo como a mensagem final do livro, mas não é. É apenas amarrar uma ponta solta. Vamos dar uma olhada nisso. Nos versículos sete a nove, temos a repreensão e a reconciliação dos amigos de Jó. Deus disse a Elifaz, aparentemente o porta-voz do grupo: "Estou zangado com você e seus dois amigos porque vocês não falaram a verdade sobre mim, como meu servo Jó. Portanto, agora pegue sete touros e sete carneiros e vá para o meu servo Jó e sacrifiquem um holocausto por vocês mesmos. Meu servo Jó orará por vocês, e eu aceitarei sua oração e não os tratarei de acordo com a sua loucura. Vocês não falaram a verdade sobre mim como meu servo Jó.

Agora observe, em primeiro lugar, que são os três amigos, não Eliú. Eliú não está incluído nesta reprimenda. Isso não é porque ele foi uma adição posterior ao livro. É antes porque ele falou bem sobre Deus. E assim, ele não está incluído nesta reprimenda.

Problema de tradução: "Verdade para mim como..." não "sobre mim" 2:04-3:18]

Mas temos uma dificuldade de tradução aqui, até agora, isso não é surpresa no Livro de Jó. A NVI fala sobre falar "a verdade sobre mim". E eu apenas usei essa linguagem porque é isso que a tradução tem. A palavra "verdade" é a palavra *nekonah*. *Nekonah* em hebraico indica que algo é lógico, sensato e verificável. Então, é esse tipo de tratamento da ideia de verdade como lógica, sensata e verificável. Mas o que temos que observar é a

combinação desse verbo e a preposição que vem depois dele. A NVI traduziu essa preposição como "sobre". Então, "você falou sobre mim". O problema é que a combinação desse verbo e preposição de forma consistente em todo o Antigo Testamento significa "falar com alguém que geralmente está presente". Não é falar "sobre eles". É falar "para eles".

Aprovação Divina não para os Diálogos, mas para as Declarações do Epílogo [3:18-5:17]

Agora que cria alguns problemas. Podemos ver por que os tradutores seguiram uma direção diferente, porque como isso faz sentido aqui? Em primeiro lugar, refere-se ao que Jó falou a Deus em seu discurso anterior, versículos um a seis do capítulo 42. Isso é agora; Jó falou o que é certo. Ele falou com Deus. Isso é importante porque deixa claro que nem tudo que Jó disse ao longo do livro era certo ou verdadeiro, ou *nekonah*. Jó tem estado errado sobre muitas coisas que ele disse. Portanto, isso ajuda porque é apenas o que Jó acabou de falar com o Senhor que recebeu aprovação, e isso contrasta com as coisas que ele falou ao longo do livro. Portanto, Deus não declarou que tudo o que Jó disse está certo. Em vez disso, ele aprovou a resposta de Jó e castigou os amigos. Eles são comparados e castigados por não serem comparativamente penitentes. Não é que os amigos falaram o que era errado para Deus. Eles não falaram nada com Deus. OK? Portanto, não se trata de todos os diálogos: "você não falou o que é certo para mim", diz Deus a Elifaz, "como meu servo Jó". Eles permaneceram em silêncio e não deram uma resposta penitente como Jó. Esta é uma declaração importante porque focaliza este comentário apenas nesta última parte do livro.

Estratégia retórica do epílogo: não restabelecimento do princípio da retribuição [5:17-8:22]

Agora, a estratégia retórica do epílogo, o que está fazendo? As pessoas consideram problemático pensar nisso como uma conclusão legítima do livro. Ela levanta problemas reais para as pessoas; afinal, restaurar a prosperidade de Jó não apaga o sofrimento que

ele viveu. O tipo de solução soa oco. Se esta é a resposta, Deus a devolve. Isso tem uma sensação de vazio. Dar a Jó mais filhos não cura sua dor pelos filhos que ele perdeu. Neste ponto, deixe-me lembrá-lo de que sugeri que o livro é um experimento mental. Isso não significa que temos que imaginar um verdadeiro Jó sofrendo pelos filhos que Deus tirou. Tudo isso está no quadro do experimento mental. Restaurar a prosperidade de Deus, sinto muito, restaurar a prosperidade de Jó parece uma reinstalação do princípio da retribuição. Por que isso faz sentido? Parece que Deus tem tentado estabelecer a inadequação do princípio da retribuição. Então, por que trazê-lo de volta? Esses são alguns dos problemas que as pessoas tiveram com o livro. Então, vamos pensar sobre isso. Lembre-se de que o foco do livro são as políticas de Deus. O Challenger afirmou que é uma má política para as pessoas justas sofrer, sinto muito, para prosperar. Jó afirma que é uma má política que os justos sofram. Os primeiros 27 capítulos exploram as reivindicações do Desafiador, ao longo das quais Jó mantém sua crença de que a retidão, e não a prosperidade, é o que mais importa. Jó demonstra que é possível ser justo por causa da justiça. Ele, de fato, servirá a Deus por nada. O livro também aborda a afirmação de Jó e conclui que não é política de Deus fazer prosperar os justos. Invariavelmente, essa não é a política de Deus. Ao restaurar a prosperidade de Jó no epílogo, Deus faz uma declaração clara de que ele continuará a agir como antes, e a política permanece inalterada. Os desafios às suas políticas se repetiram. E assim, ele restaura suas políticas inalteradas. Os casos apresentados pelo Desafiador e por Jó se mostraram insustentáveis. Deus não está vinculado ao princípio da retribuição.

Prosperidade como presente [8:22-9:08]

Jó agora pode pensar sobre sua prosperidade de maneira diferente. Não como algo que ele merece em virtude do princípio da retribuição, que é a base de como o mundo funciona. Ele tem que pensar diferente. A prosperidade não é uma recompensa que ele ganhou ou uma recompensa que Deus é obrigado a dar. Qualquer prosperidade que ele experimente é uma dádiva de Deus, pura e simplesmente. A restauração da prosperidade

de Jó não visa apagar sua dor. Não é nem mesmo para o benefício de Jó. Esse não é o objetivo da restauração. Lembre-se, não se trata de Jó; é sobre Deus. Por meio da prosperidade renovada de Jó, as políticas questionadas por Deus são restabelecidas. A prosperidade dos justos não é um dado adquirido. Não é mecânico. Não é a base sobre a qual o cosmos é ordenado. Não é a obrigação de Deus, mas é o prazer de Deus. O epílogo não sugere que, quando sofrermos, podemos nos consolar com uma expectativa de satisfação futura – algum dia, teremos tudo de volta. Essa certamente não é a lição do livro.

Nosso propósito não é aprender com Jó como personagem ou aprender com suas experiências. O livro não pede que nos coloquemos em seu lugar; isso vem facilmente para alguns de nós. Não nos pede para modelar nossas respostas de acordo com seu comportamento. Não devemos ser como Jó. Em vez disso, o livro nos leva a aprender como pensar sobre Deus com mais precisão, assim como Jó aprende conosco, como pensar sobre Deus com mais precisão. Deus se deleita em mostrar favor aos que lhe são fiéis. Mas o mundo não é obrigado a operar com base nessa premissa.

Restauração da Prosperidade de Jó e do Triângulo: Sabedoria, não Justiça [9:08-14:39]

A restauração da prosperidade de Jó não equivale a uma reinstalação irrestrita do princípio da retribuição. As bênçãos de Jó devem agora ser consideradas sob uma luz diferente. Nem as políticas de Deus nem as operações do mundo são baseadas no princípio de retribuição aplicado como teodicéia.

Então, onde Deus se encaixa no triângulo? Lembre-se, nós falamos sobre este triângulo com o princípio da retribuição e a retidão de Jó e a justiça de Deus e onde todos se localizaram e onde construíram seu forte, e do que estavam dispostos a desistir.

Então, onde Deus se encaixa no triângulo? Ele não. Deus rejeita o triângulo. Deus o esmigalha e joga fora. Deus não engole a ideia do triângulo. Essa foi a tentativa humana de tentar entender a ordem do cosmos. Essas foram suas equações simples que não funcionaram. É por isso que até Eliú estava errado; ele ainda pensava que a justiça era a

base. Ele ainda tentou se encaixar no triângulo, embora meio que o esticasse e trabalhasse nos propósitos da superfície. Deus não cabe no triângulo. O triângulo é rejeitado. Não temos um triângulo de reivindicações. A base não é a justiça. A base é a sabedoria. Quando os eventos parecem ocorrer, de acordo com o princípio da retribuição, eles devem ser vistos simplesmente como o efeito cascata do caráter de Deus conforme ele se compromete a trazer bênção e julgamento em sua sabedoria. Não nos oferece uma explicação de por que as pessoas justas sofrem. Não devemos basear nossas expectativas nas experiências de Jó. Jó não recebe nenhuma explicação para seu sofrimento, e o livro não preenche esse vazio para os leitores como se devêssemos receber uma explicação. A única explicação que o livro oferece diz respeito ao pensamento correto sobre Deus e suas políticas em um mundo onde o sofrimento é generalizado e inevitável. É disso que se trata.

O epílogo, então, é a conclusão perfeita para o livro. Os desafios às políticas de Deus foram abordados. Vários equívocos sobre Deus e o cosmos foram dissipados. Ganhamos sabedoria. Essa sabedoria não alivia nosso sofrimento, mas nos ajuda a evitar pensamentos tolos que podem nos levar a rejeitar a Deus quando na verdade mais precisamos dele. Assim, o epílogo é uma conclusão do livro, mas não incorpora a mensagem do livro. A mensagem do livro saiu dos discursos de Deus.

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 23, Epílogo, Jó 42. [14:39]

O Livro de Jó
Sessão 24: Jó no Livro de Jó
Por John Walton

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 24, Jó no Livro de Jó.

Introdução [00:21-00:45]

Agora vamos passar alguns segmentos dando uma olhada resumida em alguns dos personagens do Livro de Jó. Agora, em primeiro lugar, é claro, vamos dar uma olhada em Jó, e então vamos olhar para o mundo e como o mundo é entendido no Livro de Jó. E então, finalmente, daremos uma olhada em Deus no Livro de Jó. Então, esses são alguns dos segmentos que estão surgindo.

O papel de Jó no livro [00:45-2:00]

Então, vamos dar uma olhada em Jó e tentar resumir seu papel no livro e na mensagem do livro. O papel de Jó é colocar o problema do livro. Seu papel não é dar a resposta que o livro tem a oferecer. Seus pontos de vista representam mais uma maneira errada de responder ao sofrimento. Ele também ilustra uma sabedoria inadequada. Ele é elogiado, não pela forma como responde ao sofrimento, mas pela qualidade e motivação de sua retidão e por sua eventual retratação. Suas idéias sobre por que ele sofre, Deus é injusto e sua receita para o remédio para sua dor é confrontar Deus. Ambos estão incorretos. Portanto, temos que ter cuidado para não chegarmos ao Livro de Jó esperando seguir a liderança dele.

Justiça de Jó [2:00-3:03]

Agora, sua justiça, é uma justiça que distingue alguém do mundo ao seu redor. Isso é Jó 31, quando Jó faz seu juramento de inocência, ele está descrevendo como ele entende sua justiça. Portanto, não é justiça absoluta, pois aos olhos de Deus ninguém é justo como nos dizem os Salmos. Mas esse tipo de justiça o distingue do mundo. Realmente se destaca no livro como um contraste com os benefícios.

Esse é o ponto que interessa a Jó, sua justiça e não os benefícios. Ele defende a retidão com muita força. Jó está interessado no que ele ganha com seu comportamento justo ou,

alternativamente, seu comportamento justo tem valor independente, independentemente dos benefícios? E, claro, é assim que ele vai.

Por que Jó é Justo? [3:03-3:45]

Se sua retidão não é motivada por ganho potencial, então o que o motiva? Por que Jó é justo? O texto realmente não diz porque está mais interessado em estabelecer se o benefício é o motivador ou não, se o benefício não é o motivador, ele estabeleceu seu ponto.

Jó não está afirmando ser perfeito. O livro não o identifica como perfeito. Ele só quer ser declarado inocente do tipo de ofensa que teria causado sua queda dramática. Esse é o interesse de Jó em sua justiça.

A Piedade de Jó – Mesquinha? [3:45-7:45]

Voltemos ao seu interesse pela piedade. Já falamos sobre isso antes, já em nosso tratamento dos versículos quatro e cinco no capítulo um. Estou usando a palavra “piedade” como uma forma de falar sobre a realização de rituais porque era assim que se pensava no mundo antigo. Lembre-se, está associado à grande simbiose - deuses mimados. Então, a piedade são aquelas ações rituais que funcionam no grande sistema de simbiose para mimar os deuses. A piedade desse tipo era um seguro contra os egos frágeis dos deuses e contra sua volatilidade. A piedade, nesse sentido, não é mutuamente exclusiva da retidão, mas era tudo o que era essencial para permanecer em boa posição com os deuses na maior parte do mundo antigo. Tudo o que você precisava era dessa performance ritual. Ao longo do livro, a piedade nunca foi proposta como a resposta necessária para remediar a situação de Jó, nem mesmo por seus amigos. Eles nunca sugerem que o desempenho do ritual resolverá seu problema.

Mas a grande simbiose é a suposta motivação de sua retidão e piedade. Ou seja, ele está fazendo isso pelos benefícios que obtém. A piedade não é apresentada como parte do problema ou como parte da solução. É estranhamente ausente da conversa. Isso, novamente, chama nossa atenção para sua proeminência no capítulo um de Jó, versículos quatro e cinco. Jó oferece sacrifícios em nome de seus filhos, caso eles tenham cometido alguma ofensa grave, mas inadvertida. Isso mostra que Jó é ritualmente consciencioso demais. Embora o livro não se preocupe se ele é suficientemente piedoso ou não, e novamente, como falamos antes, acho que transmite uma

vulnerabilidade potencial.

À medida que o livro se desenrola, Jó tenta repetidamente contratar um mediador, um advogado para confrontar Deus no tribunal. Ele aparentemente concluiu que Deus deve ser mesquinho, visitando a justiça com a visita aos justos, desculpe, com intenso sofrimento e infortúnio por um tecnicismo. O costume ricamente consciencioso de Jó fornece a ponte para a cena no céu. É possível que a sugestão do Desafiador seja construída sobre as potenciais implicações da devoção ritual de Jó. Se Jó suspeita de que Deus tende a ser mesquinho, tanto que se envolve nesses rituais meticulosos com base em possibilidades tão escassas, então pode-se inferir que Jó é motivado não apenas em sua piedade, mas em sua retidão também pelo medo de sendo alvo de um ataque de uma divindade irracional e caprichosa.

Se Jó é motivado à piedade porque acredita que Deus é mesquinho, também não é possível que Jó seja motivado à retidão porque acredita que os favores de Deus estão em leilão. O Desafiante então tem boas razões para acreditar que Jó pode muito bem estar agindo dentro dos limites da grande simbiose e, portanto, tem justificativa para levantar a questão diante de Deus. A sugestão do Desafiador não é então um ato de malícia, mas uma inferência lógica.

Integridade de Jó [7:45-8:22]

Portanto, a integridade de Jó é que Jó não é perfeito nem correto em suas avaliações sobre Deus ou suas políticas. Mas uma coisa ele acerta, ele mantém sua integridade. Novamente, no capítulo 27, versículos dois a seis, isso é cumprido quando é demonstrado que, de fato, Jó serve a Deus por nada. Essa é a sua integridade.

Se Jó seguisse o conselho de sua esposa ou dos amigos, isso demonstraria que ele não servia a Deus à toa. Sua integridade seria perdida.

Jó como hipócrita [8:22-9:29]

Jó também é visto como hipócrita, especialmente sob o escrutínio de Eliú. Não é justificável ser hipócrita simplesmente porque alguém é justo, e isso também é verdade para Jó. Sua justiça própria é um problema porque ele a usa como um meio de se colocar acima de Deus. O problema surge quando a visão de Jó sobre sua justiça é tão confiante que ele está pronto para denegrir a justiça de Deus para mantê-la. E, claro, as palavras de Deus no capítulo 40, versículo oito, mostram que foi exatamente isso que aconteceu.

Portanto, Jó falha como pessoa em muitos aspectos do livro. Ele é um cara que tem muito a seu favor e faz certas coisas importantes da maneira certa. Mas também comete muitos erros.

O livro é sobre Deus nos levando a melhores respostas [9:29-11:20]

E, novamente, temos que lembrar que Jó como personagem não é o foco do livro. O livro é sobre Deus, não sobre Jó. As respostas de Jó não são modelos para nós. Há muito o que elogiá-lo, mas também há muito em que ele se condena na maneira como responde à sua situação. Jó é apenas mais um personagem do livro que erra as coisas.

O livro quer nos dizer como acertar as coisas. Jó é um personagem do livro que tem mais chances de acertar as coisas. Porque sua retidão é aprovada e reconhecida, mas mesmo alguém com tanto reconhecimento por fazer as coisas direito nem sempre responde bem quando as coisas desmoronam. O livro quer nos levar a respostas melhores quando as coisas dão errado, especialmente sobre como pensar em Deus. Jó não é um bom modelo em tudo isso. E assim, ele faz parte de como o livro revela sua mensagem. Precisamos aprender a mensagem do livro, não colocar Jó em um pedestal alto.

Em seguida, voltaremos nossa atenção para o mundo. Esse será o próximo segmento de como o mundo desempenha seu papel no livro.

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 24, Jó no Livro de Jó. [11:20]

O Livro de Jó
Sessão 25: O Mundo no Livro de Jó:
Ordem, Não-ordem e Desordem
Por John Walton

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 25, O Mundo no Livro de Jó: Ordem, Não-ordem e Desordem.

Introdução [00:27-00:58]

Agora queremos falar sobre como devemos pensar sobre o mundo ao nosso redor. A maneira como Deus opera no mundo é baseada no que nos é dado no Livro de Jó. Já introduzimos o conceito de não-ordem, ordem e desordem. Vamos rever isso um pouco aqui e depois falar sobre qual é o significado disso no livro de Jó e em nossa teologia.

Criação: Ordem, Não-ordem e Desordem [00:58-3:48]

A criação foi, acima de tudo, um ato de ordenar o cosmos, fazendo com que tudo funcionasse da maneira que Deus queria. Esse é o aspecto mais importante da criação no mundo antigo e, sem dúvida, em nosso mundo, nossa maneira de pensar também. Não basta apenas fazer objetos. Deus fez isso, é claro. Ele fazia objetos, mas tudo deveria ser colocado sob seu controle em um sistema ordenado que servisse a seus propósitos. E isso vai muito além do material. Esse é o processo de ordenação da criação.

Gênesis um, como mencionamos, começou com o versículo dois sem ordenação, a situação primordial em que as matérias-primas estavam presentes, mas ainda precisavam receber seu papel e função de acordo com os propósitos de Deus. Usamos a ilustração das caixas que precisavam ser desempacotadas. Os quartos que precisavam ser arrumados. Essa não-ordem, novamente, não é má. Apenas não está completo em sua forma final. É um trabalho em progresso.

O trabalho inicial de ordenar a criação não resultou em ordem total, e isso foi planejado. O mar é um lugar de não-ordem. Fora do jardim não apresentava o mesmo nível de ordem que dentro do jardim. Estas são todas as coisas que estamos apenas revisando aqui.

As pessoas foram criadas para trabalhar ao lado de Deus para continuar o processo de ordenação como vice-regentes à sua imagem.

Deus não era de alguma forma incapaz de alcançar a ordem total, ou de alguma forma não deveríamos pensar que ele falhou em fazê-lo. Em sua sabedoria, ele optou por trabalhar por meio de um processo extenso e trazer as pessoas para uma parceria ao longo do caminho. Mesmo antes da queda, as pessoas viviam em um mundo que se caracterizava tanto pela ordem estabelecida, quanto pela contínua não-ordem.

É em Gênesis três que a desordem entra em cena. A desordem, como mencionamos, reflete o que é mau e é causada pelas pessoas. Pode haver forças cósmicas do mal também, mas a desordem no mundo é em grande parte atribuída às pessoas.

Assim, vivemos em um mundo que se caracteriza pela ordem, tal como Deus a estabeleceu, pela contínua não ordem, que ainda não foi abordada e é dominada, infelizmente, pela desordem. O mundo ao nosso redor não é totalmente dotado dos atributos de Deus. Esse é um dos pontos mais importantes que o Livro de Jó tem a dizer sobre o mundo.

Princípio de Retribuição [3:48-5:06]

Jó e seus amigos adotaram o princípio da retribuição como fundamento do cosmos porque, de alguma forma, acreditavam que a justiça de Deus estava infundida no mundo natural e que o mundo operava de acordo com os atributos de Deus. Esse não é o caso. Novamente, é um mundo caído. Há desordem. Continua a não-ordem. As operações regulares do mundo não refletem o caráter natural ou os atributos de Deus.

Sabedoria e Não-ordem [5:06-7:39]

Foi sua sabedoria que decidiu trazer a ordem gradualmente. Agora ele pode impor sua vontade a qualquer momento e de qualquer maneira. Mas ele estabeleceu um reino neste cosmos onde a não-ordem permaneceu e onde a desordem foi autorizada a se intrometer. Mais uma vez, lembre-se da própria insistência de Javé de que chuvas e inundações não devem ser automaticamente consideradas respostas de sua justiça, bênção ou punição.

Chove onde não mora ninguém. Desastres naturais, coisas que chamamos de desastres naturais, furacões, tsunamis, terremotos, tornados, secas, fomes, pragas, epidemias, bem como experiências devastadoras em um nível biológico, mutações podem ser identificadas como aspectos da não ordem no mundo.

Alguns argumentaram que alguns desses desastres naturais realmente têm resultados positivos no ecossistema maior e no cosmos. Essa é apenas outra indicação de que Deus pode usar a não-ordem para alcançar objetivos ordenados. Agora, é claro, esses desastres naturais, como os chamamos, podem ter um impacto extremamente negativo. Deus poderia potencialmente usá-los como punição, mas nunca podemos saber quando ele os está usando como punição ou quando não está. Eles não são intrinsecamente maus em nenhum sentido moral, mas não são imunes ao controle de Deus. Mas eles não podem ser considerados instrumentos, exercidos em julgamento toda vez que os vemos. Eles não operam independentemente de Deus, mas não devemos imaginá-lo segurando um controle remoto para descobrir quais casas serão atingidas pelo tornado e quais não serão. Eles estão sujeitos às suas ordens como os humanos, embora não sejamos robôs. Então, não há controle remoto. Eles são dóceis, sujeitos ao controle de Deus, mas não mecânicos.

Controle e Sabedoria de Deus [7:39-9:08]

Então, o que aprendemos sobre o controle de Deus? Se o cosmos não está sujeito aos seus atributos e se as coisas que vivenciamos poderiam ser usadas por ele como recompensa ou punição, mas nem sempre. Então, como pensamos sobre o controle de Deus no mundo?

É interessante que não levantamos questões sobre por que a gravidade funcionou em uma determinada situação. Também não devemos perguntar por que choveu em um lugar e não em outro. Não levantamos questões sobre por que um osso quebra quando caímos, nem devemos perguntar por que uma pessoa tem diabetes ou câncer e outra não. A

sabedoria de Deus é fundamentada no mundo da maneira que ele escolheu para criá-lo. Não é para ser encontrado em cada expressão de gravidade ou divisão celular. Sua sabedoria não está nos detalhes. Está na maneira como ele configurou o mundo para funcionar. A compreensão do controle de Deus está mais ligada ao sistema cósmico do que às nossas próprias experiências ou condutas pessoais individuais.

Justiça, não o eixo do cosmos [9:08-11:09]

Agora, ainda assim, isso pode levar as pessoas a perguntar: por que Deus criou esse sistema da maneira que ele fez? Nem sempre parece sábio para nós, mas essa não é uma pergunta que possamos responder. Podemos dizer, com base no Livro de Jó, que ele não o fez por uma questão de justiça. A justiça não é o eixo do cosmos. As forças que Deus construiu no mundo não têm discernimento. Eles não são volitivos. Eles não são morais e Deus não microgerencia.

Há mais no mundo, mais nas operações do cosmos do que justiça. Se a justiça estivesse no centro de tudo, não existiríamos. Somos criaturas caídas. Em sua sabedoria, Deus ordena que o cosmos funcione da maneira que funciona. Ele é capaz de interferir. Ele é até capaz de microgerenciar, caso decida fazê-lo, mas isso não é típico.

Em seu estado caído, o mundo só pode operar por sua sabedoria. Não podemos avaliar tudo em termos de sua justiça. Esta é a mensagem do Livro de Jó para nos ajudar a entender que o mundo não funciona necessariamente da maneira que pensamos que funciona ou da maneira que pensamos que deveria. Deus, em sua sabedoria, o estabeleceu. Bem, isso deve nos levar a pensar agora sobre Deus no Livro de Jó, e esse será nosso próximo segmento.

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 25, O Mundo no Livro de Jó: Ordem, Não-ordem e Desordem. [11:09]

O Livro de Jó

Sessão 26: Deus no Livro de Jó

Por John Walton

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 26, Deus no Livro de Jó.

Introdução: O comportamento questionável de Deus? [00:22-2:06]

Então, agora estamos chegando a um estudo muito interessante. Como vemos Deus no Livro de Jó? Você sabe, quando você começa a olhar para ele, não parece muito bom. Sim, e novamente, vendo as coisas da maneira mais básica de leitura casual, ele parece ter que perguntar o que Satanás está fazendo. Ele aposta com a vida de um homem. Ele arruína Jó sem causa por sua própria admissão, incluindo aniquilar sua família. Ele ignora os repetidos apelos de Jó por alguma explicação das acusações que trouxeram sua ruína. Ele intimida Jó com o que é percebido como um discurso "Eu sou Deus e você não". Ele conta como fez duas criaturas de poder e mistério lendários. O que é isso? Ele lhe devolve sua prosperidade sem nenhuma explicação ou defesa. Uau! Sério? Este é o Deus que adoramos. É fácil entender que os leitores do livro lutam com a imagem de Deus. Parece quase cômico se não fosse tão devastador. É esta a revelação de Deus sobre si mesmo? Como pegamos essas pistas que parecem terminar desastrosamente?

O que o livro revela sobre Deus [2:06-3:14]

Acho que temos que reformular nossa pesquisa aqui. Em vez de, esta é a revelação de Deus sobre si mesmo, vamos perguntar, o que este livro revela sobre Deus? Eu proporia que, quando pensamos em Deus no livro de Jó, devemos começar com a ideia de que ele também é um personagem, assim como Jó e seus amigos e sua esposa são personagens. Assim como Behemoth e Leviatã são personagens. Eles são personagens, e Deus é um personagem que foi retoricamente moldado na literatura. O autor do livro moldou o caráter de Deus.

Revisitando as perguntas iniciais sobre Deus [3:14-7:08]

Agora, considerando as características aparentemente negativas que mencionamos, vamos analisá-las novamente. Deus precisa ser informado sobre as atividades do Challenger? Não. O livro o apresenta usando o pensamento convencional sobre como o conselho celestial opera para encenar a conversa na cena do céu. É assim que os negócios procedem. Javé é retratado por caracterização literária. Ele é retratado como uma figura real que recebe relatórios dos funcionários a quem foram delegadas tarefas. Jeová desempenha esse papel. É um motivo literário. Não precisamos acreditar que Deus realmente trabalha dessa maneira. Mesmo se você soubesse, não haveria razão para acreditar que sua pergunta revela sua ignorância. Sua pergunta destina-se apenas a receber um relatório e evocar uma resposta. Isso configura a situação. Tem um papel literário.

Deus se envolve em uma aposta com o diabo? Não, em várias contas, já discutimos algumas delas. Isso não é oferecer revelação sobre como Deus opera. O papel literário desempenhado por isso, chame-o de aposta, embora eu não saiba se é isso, é demonstrar desde o início que o sofrimento de Jó não é resultado de nada que ele tenha feito. Essa é a base. Ele configura o cenário que vai se desenrolar no livro. A pergunta é a parte importante: Jó serve a Deus de graça? Todo o resto está montado, uma montagem literária, para que o assunto seja tratado.

Deus tem que descobrir quais são realmente as motivações de Jó? Quero dizer, este livro extenso é para descobrir as motivações de Jó? Deus não sabe? Ele precisa descobrir? Não, ele não precisa descobrir. A questão que está sendo resolvida para os leitores não é: o homem mais justo já conhecido manterá sua justiça quando o mundo desmoronar? O texto oferece respostas às nossas perguntas, não às incertezas de Deus. Deus não tem dúvidas sobre Jó. Os leitores não têm nenhum benefício em saber que Deus sabe quais são as motivações de Jó e que eles são puros porque não é Jó a nossa preocupação final. Como leitores, estamos investigando, ou somos conduzidos a uma investigação de como a justiça de Deus interage com nossas experiências e circunstâncias. O livro trata do que

precisamos descobrir, não do que Deus precisa descobrir. Novamente, a cena no céu é um artifício literário para colocar as questões em movimento.

Trabalho como uma peça [7:08-8:08]

Deus se importa com Jó? Devemos inferir o cuidado relativo de Deus por Jó a partir de sua pergunta: "Você viu meu servo Jó?" Bem, não podemos deduzir os sentimentos de Deus sobre Jó a partir de sua introdução à conversa sobre Jó. Tudo na cena do céu é uma construção literária, um dispositivo, um cenário concebido para compor a cena literariamente. Os personagens precisam ser considerados como personagens de uma peça. Não estou sugerindo que o Trabalho seja concebido como uma peça de teatro ou como uma apresentação dramática, mas é assim que temos que pensar sobre os personagens. Eles estão sendo moldados pela narrativa e suas ações servem aos propósitos da narrativa.

Caracterização extrema: Deus como irredutível [8:08-12:17]

Deus não se importa com Jó quando ele lança sua ruína? Não, não podemos deduzir isso. O cenário literário mantém todas essas avaliações sob controle. Deus aniquilou violentamente os filhos de Jó? Não há razão para considerar Deus como descuidado com as vidas humanas simplesmente para fazer uma observação.

Os extremos do sofrimento de Jó são retratados de forma tão convincente quanto os extremos de sua retidão e prosperidade. O extremo é importante para que a conversa aconteça. Nada menos que uma perda total forneceria os fatores necessários para a instrução de sabedoria que é o foco. Se Jó acabasse de perder sua riqueza e não sua família, você realmente não poderia falar sobre o assunto. Se Jó tivesse acabado de perder sua riqueza e sua família e não sua saúde, a conversa não funcionaria. Você sempre diria, bem, ele não perdeu tudo. Sabe, a família dele era mais importante que a saúde dele. Então, ele apenas perdeu sua saúde ou sua riqueza. Bem, pelo menos ele tem família. Mas não, para essa conversa acontecer, ele tem que perder tudo.

Esse é o mesmo tipo de pensamento que usamos quando nos deparamos com as parábolas de Jesus, que examinam questões realistas construindo situações que misturam realismo

com fatores extremamente exagerados e inacreditáveis. Os extremos fornecem então um dos sinais reveladores de que estamos lidando com uma construção literária.

Deus ignora impiedosamente os apelos de Jó? Bem, é verdade que Deus não responde. Mas o livro e seu ensino fracassariam terrivelmente se Jó conseguisse atrair Deus para um litígio. Então Deus é imune a tais súplicas não o torna sem coração; mostra que esse não é o caminho para uma solução.

A mensagem do livro pretende transmitir que a mensagem não é alcançada por Deus dando explicações. E, portanto, é claro, Deus rejeita as tentativas de Jó de induzi-lo a dar explicações. Dar uma explicação destruiria a mensagem do livro. A postura de Deus, então, não tem nada a ver com o fato de ele responder emocionalmente a Jó. Não é essa a questão em jogo.

Deus intimida Jó ao silêncio? Bem, nos discursos de Yahweh, ele é inegavelmente retratado como intimidador porque, afinal, ele não é manso; ele não é domesticado. Mas o autor pretende que o leitor seja intimidado a uma humilhação abjeta? Está em nítido contraste com o livro dos Salmos, no qual Deus é acessível com todos os tipos de preocupações. Essa postura de Javé é necessária como um meio literário e não como um fim teológico. A questão não é que Deus seja inacessível. A questão é que ele é irreduzível.

Jó é paralelo às parábolas de Jesus [12:17-15:12]

Usamos o exemplo das parábolas de Jesus. Vamos dar uma olhada em um par para fazer o ponto aqui. Se você der uma olhada na parábola dos trabalhadores e seus salários em Mateus 20, Deus é retratado como o proprietário da terra. Não poderíamos inferir que Deus realmente trabalha dessa maneira. O pagamento de salários não tem uma correlação direta com a forma como as pessoas são tratadas no céu. O mesmo salário oferecido àqueles que trabalharam apenas a última hora é um exagero intencional para destacar o ponto que a parábola quer dizer. Não podemos tirar conclusões sobre como Deus age através dessa parábola.

Em Lucas 16, temos a parábola do administrador astuto. A resposta do mestre a seus gerentes, bajulando, não deve ser usada para sugerir que Deus quer que bajulemos com ele da mesma forma. O caráter de Deus não está sendo revelado como um operador astuto. Mas esse é o papel literário dado a ele na parábola.

O servo impiedoso em Mateus 18:21 a 35 termina com: "É assim que meu Pai celestial tratará cada um de vocês." No entanto, não podemos deixar de notar que o mestre entrega o servo para tortura até que ele possa retribuir. Podemos perceber uma sutil diferença entre a mensagem da parábola e a natureza de Deus.

E, finalmente, a parábola do pedido tarde da noite, Lucas 11 versículos cinco a oito. O personagem que representa Deus reluta em ajudar e precisa ser levado à ação pela insistência do necessitado. Isso seria um retrato extremo de Deus, a fim de fazer um ponto. Em nenhum deles, usamos as informações da parábola para realmente compilar um perfil de como Deus é? Entendemos que o ponto da parábola está em outro lugar. Da mesma forma, Deus é um personagem no Livro de Jó. Assim como ele é um personagem nas parábolas, é importante examinar o que o autor faz com o personagem. Isso é mais importante do que o que o personagem faz. A mensagem do livro não está vinculada às atividades de Deus, mas à informação que oferece sobre os planos, propósitos e políticas de Deus.

Mensagem sobre Deus no Livro de Jó [15:12-16:21]

Os caminhos de Deus são mais complicados do que as pessoas podem imaginar. Eles não podem ser reduzidos a uma equação simples. O que aprendemos sobre Deus é que ele não precisa de nossa vindicação. Ele não é responsável por nós. Em sua sabedoria, ele criou o mundo como julgou apropriado, e nós confiamos nessa sabedoria. Devemos, portanto, afirmar que os caminhos de Deus são os melhores caminhos. Essas são as coisas que saem do livro, pois ele nos ensina sobre Deus. Temos que ter cuidado para não extrair informações das áreas erradas do livro que criariam uma imagem distorcida de Deus. Isso agora nos levará a tentar entender a teologia do livro de Jó, e esse será nosso próximo segmento.

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 26,
Deus no Livro de Jó. [16:21]

O Livro de Jó
Sessão 27: Teologia do Livro de Jó
Por John Walton

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 27, Teologia do Livro de Jó.

Introdução [00:22-00:48]

Agora estamos prontos para tentar destilar a teologia do Livro de Jó. Falamos sobre seu propósito e sua mensagem. Falamos sobre como Deus é caracterizado no livro, e todos esses são elementos importantes, mas vamos tentar juntar as peças da teologia. Uma das maneiras pelas quais podemos abordar isso é tentar aprender com as falsas visões de Jó sobre Deus.

Deus não é mesquinho [00:48-3:09]

Então, vamos começar com a ideia de que Deus é mesquinho. Novamente, isso é o que Jó tendia a pensar que Deus era mesquinho. Jó é suspeito não apenas em relação à possibilidade de estar superatento às recompensas de Deus, mas também ao julgamento de Deus. Encontramos isso no capítulo sete, encontramos no capítulo 14.

Essa ideia de que Jó está sentindo muito, muito profundamente, a ideia do julgamento de Deus, e isso é bastante típico hoje também. As pessoas às vezes estão muito sintonizadas em pensar que Deus é excessivamente atencioso, seja em recompensas ou julgamentos. Não é incomum alguém que está sofrendo dizer: o que ele quer de mim? Eu fiz tudo o que ele pediu! E com a ideia de que Deus, de alguma forma, será mais exigente do que podemos imaginar. As pessoas começam a se perguntar se Deus está respondendo a alguma pequena desconsideração ou algum lapso de uma década atrás e se Deus ainda está segurando isso com força e não abrindo mão disso. Temos que ter muito cuidado com essas formas de pensar sobre Deus. Não queremos ser excessivamente atentos ou pensar que Deus está excessivamente atento a essas coisas.

Temos em Mateus 5:48 que Deus é perfeito, e ele quer que sejamos perfeitos como ele é perfeito. Mas isso não significa que ele nos chame impiedosamente para prestar contas de pequenos desvios. Esse não é o ponto. A Escritura nos garante que ele conhece nossas fraquezas e percebe que somos frágeis; por exemplo, no Salmo 103. Então, temos que reconhecer que as preocupações de Jó sobre Deus são mesquinhas e que podemos nos preocupar da mesma forma. Realmente, temos que repensar esse tipo de visão de Deus.

Deus não é injusto [3:09-8:02]

Outra abordagem que encontramos em Jó é que Jó realmente considera Deus injusto. As afirmações de Jó de que as ações de Deus não podem ser contestadas estão no centro de suas primeiras afirmações, 1:21, 2:10. Mas essa é apenas uma posição temporária para Jó. Ele finalmente tenta chamar Deus para prestar contas da justiça de seus caminhos.

Lembre-se, ele exige uma audiência no tribunal. Ele acusa Deus de poder abusivo. Há uma transição sutil de se é uma questão de justiça quem poderia desafiá-lo - isso é Jó 9:19; para, ele destrói os inocentes e os ímpios. Isso é apenas três versículos depois em Jó 9:22. Em 19:7, Jó afirma que não há *mishpat*. *Mishpat* é a palavra hebraica para justiça. E em 27:2, ele afirma que Deus reteve *mishpat* dele. Também podemos ver isso em 34:5. Portanto, essa ideia é que Deus não está enfrentando o que se deveria razoavelmente esperar dele.

No capítulo 16, versículos 9 a 14, ele traça suas acusações contra Deus como agressor, adversário, traidor e guerreiro sem piedade. A repreensão de Deus a Jó no capítulo 40:8 deixa claro que Jó considerava Deus injusto.

Mais uma vez, isso costuma ser uma característica de nossas reações modernas quando a vida não corre como pensamos. Quando vemos coisas ao redor do mundo que realmente nos incomodam, é característico de nós começarmos a pensar que Deus de alguma forma está aquém dos padrões que deveria manter. Mas se esperarmos justiça em todas as circunstâncias que enfrentamos na vida, inevitavelmente ficaremos desapontados. E, em nossa frustração, esse desapontamento pode colocar Deus em seu foco. O problema é que

também aceitamos a premissa de que, se a justiça flui de Deus e ele é todo-poderoso, devemos esperar que nossa experiência diária reflita a justiça de Deus. Nós facilmente pensamos assim. A falha desse pensamento é que ele assume que o cosmos está marcado com os atributos de Deus. Essa é uma visão dos descartes de livros.

O erro é pensar que o plano de Deus dia após dia para garantir que a justiça seja feita. Cometemos o erro de pensar que esse é o plano de Deus. Isso não é o que ele está fazendo. Quando a justiça não é aplicada em nossas vidas, é fácil concluir que Deus está tomando decisões, mas que a justiça não está conduzindo essas decisões. Se ele está exercendo o poder sem ser guiado pela justiça, ele se torna a criatura do caos que Jó o retrata.

Como tal, ele não está trazendo ordem. Ele não é a fonte da ordem. Em vez disso, ele representa a não-ordem. Neste mundo que apresenta todos os três, ordem, não-ordem e desordem, a justiça não pode reinar. Então, lembre-se, a alternativa que sugerimos é que o desígnio de Deus é um reflexo de sua sabedoria. Ele é a fonte e o centro da ordem, mas nem a não ordem nem a desordem estão fora de seu controle. Deus não pode ser avaliado de acordo com um padrão externo, pois isso o tornaria contingente a esse padrão. Nosso lugar não é responsabilizar Deus. Não é para chamá-lo à responsabilidade porque fazê-lo acabaria interpretando Deus como menos do que Deus.

Deus não pode ser manipulado [8:02-11:00]

Jó também mostra que acredita que Deus pode ser manipulado. Jó considera Deus tão marginalizado que pode ser manipulado. Jó tentou envolver Deus, atraí-lo para o tribunal, e falhou. Então ele usa ele. Esse é o voto de inocência no capítulo 31. Jó não acredita mais naquele ponto que encontrará a justiça de Deus. Ele agora busca algum tipo de coerência ao recuperar o equilíbrio na sociedade. Isso é o que seu juramento de inocência tenta fazer. Ele enumera todas as ofensas que não cometeu, convidando Deus, basicamente, a feri-lo de morte se ele realmente for culpado de algum desses crimes e o silêncio de Deus permanecer. O silêncio de Deus trabalhou contra Jó, e Jó tenta usar isso

em seu benefício. Ele pretende forçar a mão de Deus fazendo-os agir ou que no silêncio de Deus Jó encontrará vindicação.

No silêncio de Deus, ele teria exonerado Jó tácita e passivamente. Se a ruína inicial de Jó por Deus for provada como injustificável, Deus seria, portanto, visto como inconsistente em suas políticas. Se o princípio da retribuição definir suas políticas, a reputação de Jó seria salva enquanto a de Deus seria perdida. Em Jó 1, versículos 4 a 5, falamos muito sobre isso; O comportamento de Jó sugere que ele acredita que Deus pode ser controlado. Ele passou a acreditar que Deus pode ser superado em abordagens rituais. O perigo é que podemos vir a acreditar que Deus pode ser excessivamente atento em suas expectativas. Jó se pergunta se Deus é apático, violento, preocupado ou talvez até inepto. É muito fácil para nós hoje acreditar que Deus pode ser manipulado, seja por meio de nossas doações, frequência à igreja, adoração ou desempenho rígido das disciplinas cristãs, que de alguma forma podemos manipular Deus para fazer o que queremos que ele faça. Essa é uma maneira de pensar orientada para os benefícios, e não podemos. Não devemos tolerá-lo em nós mesmos.

Conclusão [11:00-11:56]

Portanto, muito da teologia que obtemos do livro de Jó surge quando reconhecemos os erros de Jó ao pensar sobre Deus, reconhecemos essas mesmas inclinações em nós mesmos e, então, uma boa teologia que sai do livro pode nos ajudar a corrigir esses equívocos sobre Deus e certifique-se de que eles não caracterizem nossos próprios modos de pensar.

A teologia do livro vai, claro, além da imagem de Deus, para a imagem do sofrimento. E voltaremos nossa atenção para a teologia do sofrimento no Livro de Jó no próximo segmento.

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 27, Teologia do Livro de Jó. [11:56]

O Livro de Jó

Sessão 28: Teologia do Sofrimento e o Livro de Jó

Por John Walton

Este é John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 28, Sofrimento e o Livro de Jó.

Introdução [00:22-1:03]

Agora podemos voltar nossa atenção para a teologia do sofrimento no livro de Jó. Mesmo enquanto fazemos isso, lembre-se de que notamos que o livro não foi realmente projetado para nos ajudar a saber as respostas para o sofrimento e não foi realmente projetado para nos dar um modelo de como o sofrimento deve ser e como devemos responder a ele. . Tem apenas a intenção de nos ajudar a pensar em Deus de forma apropriada quando estamos sofrendo. Ainda assim, podemos delinear alguns dos elementos importantes da teologia do sofrimento no livro de Jó.

Níveis e tipos de sofrimento [1:03-2:19]

Quando falamos de sofrimento, é claro, podemos estar falando de vários níveis diferentes. Poderíamos falar sobre sofrimento físico com dor ou lesão crônica ou debilitante. Poderíamos falar sobre sofrimento psicológico: luto, vergonha, ansiedade, relacionamentos abusivos ou rompidos. Poderíamos falar sobre sofrimento circunstancial, viver com um distúrbio alimentar, HIV ou uma doença neurológica. Poderíamos até falar de sofrimento substituto enquanto cuidamos de idosos ou doentes terminais, sofrendo porque aqueles que estão perto de nós sofrem. Por fim, poderíamos pensar no sofrimento sistêmico ao considerarmos aqueles que são ameaçados por regimes repressivos, vítimas do tráfico de pessoas, da fome e das doenças. Vemos então que o sofrimento existe em muitos, muitos níveis diferentes em nossa experiência e em nosso mundo. O sofrimento pode nos quebrar, e é característico do mundo quebrado em que vivemos.

Questões que o sofrimento levanta [2:19-4:32]

Portanto, qualquer teologia do sofrimento questiona como pensamos sobre Deus em relação ao sofrimento. Isso é o que uma teologia do sofrimento deveria fazer. Assim, podemos considerar questões como: por que Deus criou um mundo em que tal sofrimento pode existir? Por que ele permite que continue? Por que isto está acontecendo comigo? Deus está tentando me ensinar algo? Fiz algo de errado? Essas são algumas das questões que precisamos abordar. Basicamente, como pode um Deus que é todo bom e todo-poderoso e caracterizado pela justiça e compaixão permitir, quanto mais criar, um mundo no qual o sofrimento é tão difundido?

Agora, é claro, os céticos têm suas próprias maneiras de ver isso. Eles dizem que estamos apenas dando desculpas para um Deus inadequado, que Deus não existe ou que um Deus que permitiria tais coisas não é digno de nossa adoração.

Se perseguirmos tentativas de reivindicar Deus, teríamos que trabalhar sob a suposição de que ele tem que se conformar a alguns critérios externos, o que ele não faz, e que poderíamos sentar no banco do juiz para determinar se ele teve sucesso em atender às nossas expectativas. Não pedimos a Deus que preste contas de si mesmo nem por que nossas vidas, ou o mundo, são do jeito que são. Não há teologia do sofrimento que saia disso. Em última análise, queremos saber o que o livro de Jó pode nos ajudar a aprender sobre como pensar em Deus à luz do sofrimento, seja pessoal ou universal. Então, vamos abordar isso em conexão com cinco perspectivas.

Cinco Perspectivas sobre o Sofrimento:

1) O sofrimento é universal para toda a humanidade [4:32-5:07]

Número um, o sofrimento é o destino de toda a humanidade. Se você não está sofrendo agora, as chances são de que acabará sofrendo. O sofrimento é o destino de toda a humanidade. E nesse sentido, não é pegar e escolher uma pessoa para sofrer aqui e outra para sofrer ali. É o que todos nós experimentamos corporativa e individualmente, alguns mais, outros menos óbvios.

2) O sofrimento é uma contingência de uma criação em processo [5:07-7:54]

Número dois, o sofrimento é uma contingência da criação em processo. Ainda não estamos vivendo em um mundo de plena ordem, e não viveremos até a nova criação. O sofrimento é então uma das contingências esperadas porque a ordem ainda não foi totalmente alcançada. Tanto a não ordem quanto a desordem são responsáveis pelo sofrimento. O desígnio de Deus era nos criar com o sistema nervoso que avisa sobre danos potenciais por meio do que experimentamos como dor. Foi assim que Deus nos criou. Se nosso sistema nervoso falhar, teremos grandes problemas. Deus nos criou com emoções e, por meio de nossas emoções, podemos experimentar sentimentos feridos. Não poderíamos nos machucar se não pudéssemos sentir nada, seja física ou emocionalmente. Achamos bom que Deus nos criou com um sistema nervoso e com emoções? Uma vez que somos capazes de amar, somos vulneráveis à dor porque o amor muitas vezes resulta em dor nesta vida. Neste mundo, com este tipo de corpo, o sofrimento é inevitável. Temos que construir isso em nossas expectativas. Normal não pode ser definido como uma vida livre de sofrimento. Isso não é normal. O normal tem que ser redefinido dadas as realidades da criação em processo. Se esperamos sofrimento, não parecerá anômalo quando o vivenciarmos. Isso não torna o sofrimento mais fácil de suportar, mas pode afetar nossa atitude em relação a ele. Não fomos escolhidos para sofrer. Como raça humana, é o que experimentamos.

3) O sofrimento não está intrinsecamente ligado ao pecado [7:54-11:26]

Em terceiro lugar, o sofrimento não deve estar intrinsecamente ligado ao pecado. O sofrimento pode, às vezes, ser resultado da desordem. Alguém comete um pecado e outra pessoa sofre por isso, mas também pode ser experimentado como resultado de uma criação incompleta sem ordem. Alguns sofrimentos são indiscutivelmente a consequência natural direta do pecado. Inquestionavelmente. Deus pode usar o sofrimento como punição pelo pecado, mas nunca podemos presumir que nosso sofrimento ou o de qualquer outra pessoa seja um ato de punição de Deus. Somente as vozes proféticas nas Escrituras poderiam identificar o que era castigo de Deus e o que não era. Não temos tais

vozes proféticas. Podemos muito bem acreditar que colheremos o que plantamos Gálatas 6:7, mas isso não nos permite traçar uma correspondência direta entre comportamento e circunstâncias. O sofrimento pode, no entanto, nos levar a avaliar nossas vidas, para determinar se estamos no caminho certo. Confiar na sabedoria de Deus é o conselho mais forte que a Bíblia tem a oferecer. Deve bastar.

A confiança se abstém de perguntar: Por que Deus fez tal coisa? Ou por que ele permitiu que isso acontecesse? Leva-nos a um território onde não existem ferramentas de navegação para nos orientar. Deus não está microgerenciando todas as circunstâncias nem autorizando tudo o que acontece na sua vida ou na minha. No entanto, seria um erro na direção oposta pensar que ele estava distante e desengajado.

Eu até me pergunto sobre o uso de termos como "permitir" e "permitir". Não acho que deveríamos usá-los de forma a sugerir a culpa de Deus. Essas são algumas das únicas palavras que descobrimos que podemos removê-lo de alguma forma, mas essa é a nossa linguagem e é inadequada para explicar Deus.

John Polkinghorne fez a declaração de que "o sofrimento e o mal do mundo não são devidos à fraqueza, descuido ou insensibilidade da parte de Deus, mas são o custo inevitável de uma criação que não é Deus". "O custo inescapável de uma criação permitida ser diferente de Deus."

4) O sofrimento como uma oportunidade para aprofundar a fé [11:26-14:18]

Número quatro, em uma teologia do sofrimento, perspectivas que podemos adotar. Podemos reconhecer que às vezes o sofrimento pode ser uma oportunidade para aprofundar nossa fé. Qualquer que seja a quantidade de sofrimento que qualquer um de nós tenha experimentado em nossas vidas, esse sofrimento contribuiu para nos tornar quem somos, para o bem ou para o mal. Gostaria de apontar para Romanos 5:3.

Não podemos concluir com base no ensino bíblico que Deus deseja que todos sejam saudáveis e felizes. Então, só precisamos pedir com fé para que nossa situação seja resolvida. Deus pode não escolher fazer isso. Podemos orar por cura para nós mesmos e

para os outros. Devemos ter fé que Deus pode curar se assim o desejar, mas não estamos em posição de fazer exigências a ele. Quando Deus fala em trazer seu povo Israel através das águas, temos que entender que isso é diferente de ajudá-los a evitar as águas turbulentas. Ele vai vê-los durante os tempos difíceis. Talvez seja mais importante para nós orar para que Deus nos fortaleça para suportar o sofrimento e ser fiel a ele durante o tempo de provação ou crise, em vez de removê-lo.

É importante que não respondamos com desapontamento em Deus. Deus não falha ou sofre lapsos na execução de seus propósitos. Se nos parece que ele não atendeu às nossas expectativas, o problema não está nele. Devemos reexaminar nossas expectativas. É importante para nós tentarmos honrar a Deus quando a vida está em seu pior momento. Devemos nos esforçar para confiar nele mesmo quando a esperança acabar. É isso que Deus espera de nós. Estamos em um mundo sujeito ao sofrimento, e como reagimos a isso significa tudo.

5) Participar do sofrimento de Cristo [14:18-15:01]

Finalmente, uma quinta perspectiva é que, quando sofremos, participamos do sofrimento de Cristo. Cristo estava mostrando um caminho diferente que traria triunfo através da derrota, para o qual a cruz testemunha convincentemente. Nem sempre devemos esperar a libertação dos inimigos. Gostaria de direcioná-lo para Filipenses 3:10. Assim, podemos tentar suportar nosso sofrimento enquanto imaginamos que estamos participando do sofrimento de Cristo.

Conclusão [15:01-15:49]

Nada disso sugere que devemos esperar que o sofrimento seja eliminado de nossas vidas. É a condição do nosso mundo e da nossa situação humana. Não devemos procurar culpar a Deus. Em vez disso, devemos olhar para quais propósitos podem ser atendidos por meio de nosso sofrimento ao testemunharmos a ele em nossas vidas. Então, há um pouco da teologia do livro.

Agora queremos voltar nossa atenção para resumir a mensagem do Livro de Jó, e isso estará no próximo segmento.

Este é John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 28, Sofrimento e o Livro de Jó. [15:49]

O Livro de Jó
Sessão 29: A Mensagem do Livro de Jó
Por John Walton

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 29, A Mensagem do Livro de Jó.

Nenhuma resposta para a pergunta do porquê [00:21-2:35]

Então, finalmente, estamos prontos para resumir a mensagem do Livro de Jó. Dá respostas? Depende de quais são suas perguntas. Se a sua pergunta for "Por quê?", provavelmente não. Jó nunca disse por que sofreu. Não há razão ou causa no comportamento de Jó para esse sofrimento. Quando olhamos para o passado, estamos buscando razões. Como falamos em João 9, devemos olhar para o futuro seguindo o conselho de Jesus, buscando um propósito. A primeira tentativa de perguntar por que sobre o passado deve ser abandonada. E mesmo a busca por um propósito deve ser considerada vagamente, porque o fato é que, mesmo quando buscamos um propósito, nem sempre o encontramos. Não há base para pensar que existem razões.

Nossa tendência moderna é dizer que, bem, talvez eu não saiba as razões, mas descobrirei no céu. Imagino as pessoas fazendo fila na barraca da razão para tentar entender a razão pela qual sofreram isso ou aquilo. Não conte com isso. Porque não é só que não sabemos os motivos, e nem mesmo não podemos saber os motivos; é que pode muito bem não haver razões. Algumas de nossas experiências são resultado de viver em um mundo que inclui não-ordem e desordem; então, essas experiências não são o resultado de razões. Eles são o resultado do mundo ser do jeito que é. Isso não é uma razão.

Errado em invocar a Deus para se defender [2:35-2:55]

Em contraste, podemos buscar propósitos para nosso sofrimento, mas não há garantia de que os encontraremos, e os próprios propósitos podem ser complexos. Portanto, se sua pergunta é por que você não deve esperar a resposta no livro de Jó ou nunca. Se a sua

pergunta é, o que Deus está fazendo? E você tem em mente a idéia de que Deus tem muito a responder pelo que ele está fazendo no mundo ; bem, não, também não devemos esperar essa resposta. Não devemos esperar que Deus se defenda. Esse é o erro de Jó para chamar Deus ao tribunal, fazê-lo se defender. Não, não , não devemos esperar que Deus se defenda. As explicações do que Deus está fazendo certamente estão muito acima do nosso nível salarial e além de nossa descoberta.

Justiça desinteressada [2:55-4:49]

E se a nossa pergunta for: existe justiça desinteressada? Agora, é claro, essa geralmente não é a pergunta que as pessoas fazem, mas essa é a pergunta que o Challenger fez, e é a pergunta que é um tópico para grande parte do livro. Essa é realmente a pergunta mais importante a ser feita, porque é a pergunta que o livro coloca. Alguém serve a Deus por nada? Eu? Você? Somos encorajados a fazê-lo, a estar dispostos a servir a Deus de graça. Como cristãos, temos benefícios, vida eterna, perdão, salvação e benefícios, mas não os conquistamos. Não é como se nós os merecêssemos. Devemos estar dispostos a servir a Deus por nada, mesmo que não tenhamos os benefícios que recebemos.

Pode não haver razão alguma [4:49-5:27]

Além do fato de não termos uma explicação de por que algo aconteceu, o livro nos ajuda a chegar ao importante insight de que não devemos pensar que existe uma explicação. Mais uma vez, não há razões. Em outras palavras, não é apenas o caso de haver uma resposta, e simplesmente não podemos saber porque não podemos compreendê-la ou porque ela está sendo retida. Pode muito bem não haver razão, e temos que estar dispostos a viver com isso.

Não podemos revelar Deus, Deus [5:27-6:22]

Outra coisa que aprendemos é que não podemos revelar Deus, Deus. Não devemos nos permitir a ilusão de que, dadas as rédeas do mundo, poderíamos fazer melhor. Lembre-se, no capítulo 40, Deus oferece isso a Jó retoricamente. Vá em frente, tente. Como vai isso? Não podemos fazer melhor. Isso não significa que estamos dizendo: "Bem, Deus não faz

um trabalho muito bom. Eu não poderia fazer melhor, mas ele não está indo muito bem". Não, não, mas não devemos pensar que podemos desvendar Deus, Deus. Esse pensamento errôneo nos coloca exatamente no lugar de Jó, pensando de maneira muito simplista e mecânica sobre Deus e pensando muito bem de nós mesmos.

A mensagem-chave é confiar em Deus em meio ao sofrimento [6:22-8:05]

A chave para a mensagem do livro é que a confiança é a única resposta possível. Nossas experiências estão além da explicação. As razões são fugazes e inadequadas, se é que existe alguma. Quanto pior a situação, mais difícil é confiar e mais necessário fazê-lo. Mas a confiança é isso. Se tivéssemos todas as respostas, não precisaríamos confiar. A confiança surge onde a razão falhou.

A sabedoria de Deus prevalece. A justiça de Deus deve ser afirmada, mas não se pode esperar que seja evidente em nossas experiências. Nossos benefícios devem ser desvalorizados em nossas mentes. Não vivemos para os benefícios. Nossa parceria com Deus é o mais importante. Ele nos tornou parceiros em um grande empreendimento de seus planos e propósitos para o cosmos. Precisamos ser participantes, fazendo parceria com ele no que ele está fazendo. O que obtemos dela tem valor, mas não deve ser o fator determinante de nossos compromissos e comportamento.

Abraão e Servir a Deus sem Benefícios [8:05-10:37]

A mensagem do livro de Jó: Você serve a Deus por nada? Ou você está servindo a Deus apenas pelo que ganha com isso? Mais uma vez, Abraão foi convidado a fazer algo muito semelhante. Não era apenas seu filho amarrado naquele altar. Era a aliança e todas as promessas da aliança porque se não houvesse Isaque, não haveria aliança. Família morre, sem terra, sem família, sem bênção. A aliança estava naquele altar até aquele momento; tudo o que Deus pediu a Abraão para desistir, ele prometeu a ele algo melhor em troca. Ainda assim, foi necessária fé para Abraão, mas ele sempre ganhou por meio da aliança respondendo com fé.

No capítulo 22, esse não é o caso. Abraão não tem nada a ganhar, nada que facilite a superação desse obstáculo. Ele não ganha nada. Na verdade, ele está desistindo de tudo o

que poderia ter ganho. É por isso que Deus diz no capítulo 22, versículo 12. "Agora sei que temes a Deus." A alternativa para essa palavra teria sido. "Agora eu sei que você está nisso por si mesmo, que está nisso pelos benefícios, que só está mostrando fé quando consegue algo com isso." Essa teria sido a outra alternativa. Mas agora, toda a aliança estava sentada naquele altar com seu filho amado quando ele estava prestes a desistir; Deus disse: "Agora sei que você teme a Deus". Isso é justiça desinteressada: estar disposto a abrir mão de todo o resto.

Então essa é a questão do Livro de Jó. Algum de nós teme a Deus por nada? É uma pergunta importante a ser feita e isso nos levará ao nosso último segmento. A aplicação do Livro de Jó.

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 29, Mensagem do Livro de Jó. [10:37]

O Livro de Jó
Sessão 30: Aplicação do Livro de Jó
Por John Walton

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 30, Aplicação do Livro de Jó.

Introdução: Aplicação, não ponto de ação, mas pontos de reflexão [00:23-1:53]

Então, finalmente, como pensamos sobre a aplicação do Livro de Jó? O que aprendemos no livro de Jó para nossas vidas? Quando penso em inscrição, não penso necessariamente em termos de pontos de ação que posso realizar esta semana. Não há nada de errado com isso e, às vezes, podemos identificar coisas que podem realmente mudar nosso comportamento quando somos apontados para algo que estamos fazendo incorretamente. Isso é bom.

Mas acho que há um aspecto mais importante da aplicação; em vez de pensar em pontos de ação, prefiro falar em pontos de pensamento. Como podemos pensar diferente? No final, não queremos que a Bíblia apenas nos dê uma solução rápida para esta semana. Queríamos que penetrasse em nossos corações e vidas para que realmente começássemos a pensar de maneira diferente. Como pensamos de forma diferente, agiremos de forma diferente. Como pensamos diferente, estaremos preparados para o que vier, em vez de apenas ter uma pequena estratégia para um ponto de ação esta semana.

Estar preparado para o sofrimento [1:53-4:20]

Sobre algo como sofrer e pensar em Deus, quando a vida dá errado, temos que estar preparados para isso. Um corredor de maratona não acorda uma manhã e decide correr uma maratona naquele dia. Um pianista não entra na sala de concertos na frente de milhares de pessoas e decide fazer uma leitura à primeira vista de uma peça complicada. É a preparação que nos dá a chance de ter sucesso. A vida não é diferente. Precisamos

nos preparar para as contingências da vida, as coisas que nos sobrevêm sem aviso. Se você esperar até que esteja sobre você, não estará realmente preparado para isso. Seria tarde demais para se preparar.

Quando meus filhos eram pequenos e se preparavam para começar a dirigir, decidi que realmente não era uma boa ideia esperar até que eles tivessem um pneu furado em algum lugar ao longo de uma estrada escura e abandonada sem ajuda à vista para que eles aprendessem a trocar um carro. pneu furado. Então, escolhemos um dia agradável e confortável na garagem e aprendemos a trocar um pneu.

Prepare-se com antecedência porque, quando a circunstância real ocorrer, você pode não estar realmente com disposição. Às vezes penso assim sobre o Livro de Jó. Não tenho certeza se é um bom livro para ler quando você realmente começou a sofrer, porque precisa trabalhar com muita paciência, quase tediosamente para conseguir o que ele tem a oferecer. Quando o sofrimento nos inunda, simplesmente não temos o foco para isso; nós não temos a capacidade de atenção.

Portanto, é importante que tentemos aprender as lições, enraizar esses pontos de pensamento em nós e preencher o reservatório de entendimento, para que possamos recorrer a ele quando precisarmos dele na vida.

Jó não é para nos trazer conforto [4:20-5:01]

Então, vamos falar um pouco sobre isso. O livro oferece conforto? Essa certamente não é sua intenção. Não está tentando te confortar. Jó não recebe consolo de amigos, familiares ou de Javé. Não dá conforto através de explicações ou respostas. E realmente, mesmo quando há restauração, isso não tem a intenção de trazer conforto. Não, o livro não traz conforto. Não é assim que devemos pensar em aplicá-lo.

Jó ensina aceitação e encoraja pontos de reflexão [5:01-7:46]

A alternativa ao conforto é que o livro nos ajuda a aprender a aceitar. A aceitação é encontrada na obtenção de uma perspectiva revisada de nossa dor ou sofrimento. Isso nos ajuda a pensar sobre nós mesmos e nossa situação em termos diferentes e a ver Deus sob

uma nova luz. O livro pode nos ajudar a cultivar a aceitação do que encontramos na vida, por mais difícil que seja.

Não estou tentando reduzi-lo a algo que realmente pode ser mantido à distância. Sabemos que o sofrimento não é assim. O livro de Jó nos ajuda a entender os termos do controle de Deus em vez das limitações do controle de Deus, os termos do controle de Deus e o que isso deve nos levar a esperar ou não esperar. As expectativas são tão importantes. Não devemos esperar encontrar conforto nas explicações. Queremos aceitação da maneira como Deus criou o mundo para funcionar, aceitação de que o que experimentamos não é em vão.

O livro nos dá esperança e um motivo para confiar. Portanto, não temos um conjunto de ordens de marcha aqui, um aplicativo corretivo, que nos diga como agir esta semana. Isso poderia confrontar nossas inadequações ou nossos fracassos, mas é como pagar as contas em uma crise financeira. Você apenas tenta acompanhar a enxurrada de contas. Mas está nos ensinando a aprender, a pensar. Esses pontos de pensamento são o que chamo de aplicação construtiva. Envolve mais do que fazer o que é certo. Isso nos coloca no caminho de pensar o que é certo, de adquirir bons hábitos e rotinas de pensamento. Envolve como pensamos sobre nós mesmos, como pensamos sobre o mundo ao nosso redor. E, claro, o mais importante, como pensamos sobre Deus. Fornece a base para uma vida inteira de recursos internos que nos ajudarão a responder bem às situações que possamos enfrentar. Em vez de pagar as contas pendentes em uma crise financeira, é como abrir uma conta poupança e ter dinheiro no banco para o futuro. Nenhum de nós gosta de viver precariamente.

Deus não é Picayune [7:46-8:59]

Então, quais são os pontos de reflexão sobre Deus que podemos aplicar às nossas vidas e ao nosso pensamento? Deus não é insignificante. Apesar da disciplina, é claro, Deus disciplina aqueles a quem ama. Mas lembre-se da graça; Deus é um Deus de graça.

Recentemente, conversei com uma pessoa que foi um cristão convicto durante toda a vida. Eles estavam agora nas agonias finais de uma doença terminal. Eles expressaram algum medo de que, de alguma forma, seriam criticados quando estivessem diante de Cristo por não terem feito o suficiente. Essa pessoa passou toda a sua vida em serviço abnegado a Deus, e havia um pouco de que Deus é insignificante. Lembre-se da graça.

Deus não é responsável por nós [8:59-9:18]

Outro ponto de reflexão sobre Deus é algo que já mencionamos algumas vezes. Deus não é responsável por nós. Nunca pense que Deus é responsável por nós. Não devemos alimentar suspeitas contra Deus a ponto de estarmos prontos para duvidar dele e pensar o pior dele.

Deus não é uma criatura do Caos [9:18-9:53]

Outro ponto de reflexão é que Deus é consistente e não arbitrário. Ele é bom e não mau. Ele é caracterizado por demonstrações de graça em vez de abusar de um poder incontrolável. Deus não é uma criatura caótica poderosa, travessa, arbitrária, amoral, movida por instintos e egoísmo. Deus não é uma criatura caótica.

Não devemos nos justificar às custas de Deus [9:53-10:13]

Outro ponto de reflexão, não devemos vindicar ou justificar-nos às custas de Deus. Já falamos sobre essas questões no Livro de Jó, e temos que absorvê-las em nossa vida e em nosso pensamento.

Manipular Deus é uma má ideia [10:13-10:51]

A manipulação de Deus é sempre uma má ideia – sempre uma má ideia. Não ousamos tentar mudar Deus. Ele precisa nos mudar. Qualquer imagem que pensamos que podemos criar com Deus para coagi-lo a atender aos nossos desejos está fadada a diminuí-lo no final. Você não quer esse resultado. Não queremos um Deus que está à nossa disposição. Tal Deus não é Deus. Nunca devemos pensar que podemos encurralar Deus jogando suas promessas contra ele; provavelmente, os que estamos usando não são promessas de

qualquer maneira. Ou, como fez Jó, com seu voto de inocência, tentando manipular a Deus. Não podemos encurralá-lo. Nós não queremos. Não devemos.

Não podemos fazer exigências a Deus [10:51-12:44]

Nunca devemos pensar que podemos exigir que Deus nos responda por meio de nossos mecanismos especificados em nossos momentos escolhidos. Não estamos em posição de fazer exigências. Nunca devemos pensar que, por nos considerarmos fiéis, Deus nos deve esse tipo de resposta que desejamos. Deus não nos deve nada. Não ganhamos nada.

Podemos nos sentir livres para orar pelos resultados que desejamos, cura, orientação, seja o que for, mas, no processo, Deus deve ser livre para ser Deus. Não pode ser de outra maneira. Às vezes, precisamos de sua força para viver com problemas físicos, em vez de sua cura para esses problemas. Precisamos aceitar isso. Às vezes, precisamos de seu encorajamento para continuar no que nos parece uma situação insustentável, em vez de fazê-lo mudar nossas circunstâncias. Afinal, lembre-se da oração do Senhor: "Venha o teu reino" - não o meu. "Tua vontade seja feita" - não a minha.

Justiça desinteressada [12:44-14:55]

As orações que Deus mais gosta de responder são aquelas que pedem que ele nos transforme em pessoas que possam servi-lo e honrá-lo onde quer que ele nos coloque. Então, vamos chegar a esta questão da justiça desinteressada. Jó demonstra que existe tal coisa. E então, nossa justiça e fidelidade são desinteressadas? Se tivéssemos perdido todas as evidências da bênção de Deus em nossas vidas hoje, como Jó perdeu, se não tivéssemos esperança de bênçãos futuras, céu ou vida eterna, essa é a situação que Abraão teve que contemplar, ainda permaneceríamos fiéis? a Deus e servi-lo com nossas vidas? Nós o servimos porque ele é digno ou porque é generoso? É uma pergunta simples. Nós o serviríamos se não houvesse benefícios? Não estamos em um passeio que tem um prêmio no final. Estamos em um relacionamento que carrega responsabilidades. Nosso relacionamento com Deus por meio de Cristo não é apenas ser salvo de nossos pecados. Mais importante, trata-se de ser salvo para um chamado e um relacionamento, um relacionamento com Deus em que somos parceiros na obra do reino. Nosso

relacionamento com Deus por meio de Cristo nos dá esse novo status, essa nova identidade, parceiros no reino de Deus, trabalhando em seus planos e propósitos. O relacionamento não está em espera até o céu. Estar em Cristo é mais importante do que ir para o céu.

1 Pedro 3:15 Uma resposta para a esperança no contexto do sofrimento [14:55-16:55]

1 Pedro, 3:15 "Em seus corações, reverenciem a Cristo como Senhor. Estejam sempre preparados para responder a todo aquele que lhes pedir a razão da esperança que vocês têm." Acho incrível que muitas vezes usamos esse versículo como se fosse um apelo à apologética. E assim, dar uma razão para a esperança é dar uma razão e uma interpretação para todas as nossas crenças. Não é isso que o versículo diz, e não é isso que o contexto indica. Esta é uma passagem sobre o sofrimento. E quando diz: "Esteja preparado para dar uma resposta a todo aquele que lhe pedir para dar uma razão para a esperança que você tem", está se referindo àquela situação em que você está obviamente sofrendo, e todos ao seu redor sabem e veem. Quando eles virem você respondendo com esperança, eles vão querer isso agora. Eles vão perguntar, como você pode permanecer cheio de esperança quando sua vida está em tal confusão? E Peter diz, tenha uma resposta pronta. Trata-se de explicarmos como pensamos sobre Deus, sobre o mundo, sobre o sofrimento. Esteja pronto para dar uma resposta.

A sabedoria de Deus e nossa resposta de confiança [16:55-17:41]

Se realmente acreditarmos que Deus é sábio e nós não, então podemos entregar o controle a ele, apesar de nossa falta de entendimento. Quando olhamos para o passado, procuramos causas; devemos olhar para o futuro buscando um propósito. Não precisamos imaginar que haja uma explicação. Não podemos desmentir Deus, Deus. Estes são os pontos que vimos. Devemos nos esforçar para ter uma retidão que não seja baseada nos benefícios que recebemos. A sabedoria de Deus prevalece. A confiança é a única resposta possível.

A Cabana: Deus é Bom [17:41-20:25]

Isso foi trazido à tona de forma muito pungente no romance bastante controverso de William Paul Young, intitulado *The Shack*. Há muitas coisas que as pessoas consideram controversas no livro, e talvez algumas delas sejam apropriadas. Mas descobri que o livro tinha alguns insights incríveis a oferecer. Quero ler duas passagens curtas do final do livro, pois a figura de Deus está falando com o personagem que está sofrendo. Ouça isso à luz do que aprendemos no Livro de Jó. "Você tenta entender o mundo em que vive com base em uma imagem muito pequena e incompleta da realidade. É como olhar para um desfile através de um pequeno nódulo de mágoa, dor, egocentrismo e poder e acreditar que você é por conta própria e insignificante. Todos esses pensamentos contêm mentiras poderosas. Você vê a dor e a morte como males supremos, e Deus é o traidor supremo ou, talvez, na melhor das hipóteses, fundamentalmente indigno de confiança. Você dita os termos, julga minhas ações e me encontra culpado. A verdadeira falha subjacente em sua vida é que você não acha que eu sou bom. Se você soubesse que eu sou bom e que tudo o que significa, os fins e todos os processos de vidas individuais estão cobertos por minha bondade, então embora você nem sempre entenda o que estou fazendo, você confiaria em mim, mas não confia. Você não pode produzir confiança assim como não pode ter humildade. Ou é ou não é. A confiança é fruto de um relacionamento em no qual você sabe que é amado. Porque você não sabe que eu te amo, você não pode confiar.

ROM. 11:33-35: Profundezas de Sua Sabedoria [20:25-23:05]

Informações poderosas. Descreve muitos de nós. Chegamos a duvidar de Deus quando nossas vidas estão desmoronando. Concluo com uma passagem bem conhecida do capítulo 11 de Romanos, versículos 33 a 35. É uma doxologia que já ouvimos muitas vezes, mas pense nela à luz do Livro de Jó. E vou expandir enquanto leio. "Ó profundidade das riquezas da sabedoria e do conhecimento de Deus." Observe como encabeça a sabedoria e a profundidade das riquezas da sabedoria de Deus. Mas então olhe para a próxima linha. "Quão insondáveis são os seus julgamentos." Julgamentos, essa é a sua justiça. É disso que temos falado. "Quão insondáveis são os seus julgamentos." Você

não pode resolver tudo isso, "e seus caminhos estão além do traçado". Em seguida, ele vai para o próximo lugar lógico. O próximo grande passo é "quem conheceu a mente do Senhor". Não podemos discernir o que ele está fazendo. "Ou quem foi seu conselheiro." Não pense por um minuto; você pode aconselhá-lo, dizer-lhe uma maneira melhor, explicar tudo. E então tudo se resume exatamente ao ponto: "Quem já deu a Deus para que Deus o retribua?" Ele não nos deve nada. Não merecemos nada. E então conclui com um peão de louvor "Pois dele e por ele e para ele são todas as coisas. E a ele seja a glória para sempre." -- confiar.

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 30
Aplicação do Livro de Jó. [23:05]

